



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL/ PROFLETRAS**

VILDETE GOMES PEREIRA

**A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR
PROFICIENTE**

Belo Horizonte
2019

VILDETE GOMES PEREIRA

**A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR
PROFICIENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Letras da Universidade Federal
de Minas Gerais, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Júlio César Vitorino.

Belo Horizonte

20

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P436I

Pereira, Vildete Gomes.

A leitura literária e a formação do leitor proficiente [manuscrito] / Vildete Gomes Pereira. – 2019.

224 f., enc.

Orientador: Júlio César Vitorino.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Teoria da Linguagem e Ensino.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: 114-117.

Apêndices: f. 119-185.

Anexos: f. 186-244.

1. Leitura – Teses. 2. Literatura – Estudo e ensino – Teses. 3. Letramento – Teses. I. Vitorino, Júlio César. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 372.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR PROFICIENTE

VILDETE GOMES PEREIRA

Trabalho submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovado em 14 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Julio César Vitorino - Orientador
UFMG


Prof(a). Marcelo Chiareto
UFMG


Prof(a). Heloisa Maria Moraes Moreira Penna
UFMG

Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2019.

À Marina e Mariana e aos alunos da turma 601 que se tornaram leitores de Guimarães Rosa.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Onipresente.

À minha família.

Agradeço ao Dr. Júlio Vitorino por preservar o meu desejo de oferecer aos alunos do sexto ano, um autor clássico consagrado. Pelo seu toque de classe, refinando as minhas ideias.

Aos professores Cláudia e Marcelo Chiaretto que contribuíram com ponderações importantes na qualificação.

A todos que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado e em especial aos meus queridos alunos da 601, que aceitaram a minha proposta e possibilitaram a conclusão de uma etapa muito importante em minha vida.

Agradeço aos colegas da turma quatro do Mestrado Profissional por dividir as experiências, os lanches e as tardes amenas.

EPÍGRAFE

“O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.”

Guimarães Rosa

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo desenvolver e aplicar uma rota didática de leitura literária em sala de aula. A proposta foi realizada em uma turma de 6º ano da Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira” no município de Ibitaré, Minas Gerais. O foco da prática foi proporcionar a leitura literária em sala visando contribuir na formação de um leitor proficiente. O convite à leitura e o desenvolvimento de uma rota literária didática são ações que ligam alunos e professores em uma mesma razão e pode contribuir para a democratização da leitura, a ampliação da compreensão, a adequação temática e linguística. Em sala de aula, a literatura possibilita ao leitor, através do fictício e da fantasia, a ampliação do mundo, o diálogo com o texto, o uso de múltiplas estratégias de leitura mediadas pelo (a) professor (a). Os principais autores nos quais se baseia a fundamentação teórica da pesquisa foram: Colomer (2007), Cosson (2006, 2012), Soares (2011), Cafiero (2005). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os registros de observações da pesquisadora, as produções escritas dos alunos, as fotos e os termos individuais assinados pelos alunos participantes ou responsáveis de acordo com o Comitê de Ética. A utilização desses instrumentos teve como premissa os preceitos da abordagem qualitativa que possibilita um contato direto da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa e a abordagem numa relação dinâmica entre o mundo, a realidade e o sujeito, que privilegia uma interação entre sujeito e objeto. A ênfase no trabalho qualitativo permitiu acompanhar a realização da rota didática de leitura de contos previamente estabelecidos e analisar a aceitação da proposta, as dificuldades e os êxitos na realização de uma produção escrita de maneira colaborativa. O desenvolvimento das etapas de leitura, da interpretação, das interações com outros suportes, do reconto, da reescrita favoreceu a compreensão dos contos de Guimarães Rosa e possibilitou que os leitores roseanos se tornassem seus próprios leitores.

Palavra-chave: leitura – letramento literário – reconto – reescrita.

SUMMARY

This research had as objective to develop and to apply a teaching route of literary reading in the classroom. The proposal was made in 6th series classes in the state school “Juscelino Kubitschek de Oliveira”, Ibirité city of Minas Gerais. The focus of practice was to provide the literary reading inside the classroom aiming to contribute in proficient reader training. The invite to read and the development of a teaching literary route are actions that connect the students with the teachers in the same reason and can contribute to a literary democratization, the comprehension enlargement, the thematic and linguistic suitability. In the classroom, the literature enables the readers through the fictitious and the fantasy the magnification of the world, the dialogue with the text and the multiple read strategies mediated by the teacher. The main authors in which it is based the research theory grounds were Colomer (2007), Cosson (2006, 2012), Soares (2011), Cafiero (2005). The instruments used to the data collect were the researcher records of observations, the students write productions, photos and the individual terms signed by the participating students or their responsible, according with the Ethics Committee. The use of these instruments was premised on the qualitative approach precepts that allow a direct contact of the researcher with the research subjects and the approach in a dynamics relationship between the worlds. The emphasis on a qualitative work allowed following the daily tale read rote which were previously established and analyze acceptance of the proposal, the difficulties and the successes in the realization of a written production in a collaborative way. The development of reading steps, of interpretation, of interactions with others supports, of retell a tale, of rewritten favored Guimarães Rosa tales understanding and made it possible for roseanos readers to become their own readers.

Key words: reading – literary literacy – retell a tale - rewrite.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Modelo contemporâneo da compreensão na leitura	38
--	----

LISTA DE SIGLAS

ALPAC – Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC – Ministério da Educação e do Desporto

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1. AS DIMENSÕES DA LEITURA NA ESCOLA.....	15
1.1 O Incentivo à leitura no Brasil	15
1.2 A Função da leitura literária na escola	20
1.3 O processo de alfabetização e letramento com implicações na leitura.....	22
1.4 A Leitura de Textos Literários nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	24
Capítulo 2. A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA	29
2.1 Conhecimentos prévios para a compreensão textual	29
2.2 Leitura literária: horizontes de expectativas e objetivos	31
2.3 Estratégias de processamento do texto	32
2.4 A aquisição de habilidades e competências	35
2.5 Percursos de leitura: o leitor, o texto e o autor	37
Capítulo 3. LETRAMENTO LITERÁRIO	39
3.1 As particularidades do letramento literário.....	39
3.2 Mediação: leitor, autor, texto e contexto.....	41
3.4 Reconto do texto literário	45
Capítulo 4. A NARRATIVA DE GUIMARÃES ROSA	48
4.1 Breve contextualização da vida de Guimarães Rosa	48
4.2 O Universo de Guimarães Rosa em “Primeiras Estórias”	49
4.3. Elementos da estrutura narrativa	50
4.4 Os contos selecionados	53
4.4.1 Apontamentos dos Contos: chapeuzinho vermelho e Fita verde no cabelo: uma nova velha estória	54
4.4.2 Apontamentos dos Contos: as margens da alegria e os cimos	55
Capítulo 5. PERCURSO NA FORMAÇÃO DO LEITOR COMPETENTE	56
5.1 Procedimentos metodológicos	56
5.1.1 Os participantes da pesquisa	57
5.1.2 Panorama da intervenção.....	58
5.2 Sequência Básica.....	59
Capítulo 6. APLICAÇÃO DA ROTA LITERÁRIA: COMPREENDENDO O PERCURSO.....	60
6.1 1º módulo de letramento literário: chapeuzinho vermelho x fita verde	61
6.2 2º módulo de letramento literário: as margens da alegria	70
6.3. 2º módulo de letramento literário: os cimos	76

6.4 2º módulo de letramento literário: as margens x os cimos	79
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ANALISANDO O PERCURSO	84
7.1 Chapeuzinho vermelho x Fita verde	84
7.2 A dupla pauta: as margens da alegria x os cimos.....	90
8. PERSPECTIVAS DE SÍNTESE	106
8.1. Revisitando os objetivos da pesquisa	106
8.2 Re (pensando) a prática	108
REFERÊNCIA.....	112

APÊNDICES

APENDICE 1 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecidos aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e Pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	116
APENDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e Pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	118
APÊNDICE 3- Termo de autorização de uso de Imagem e voz devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e Pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	120
APÊNDICE 4 – Rota Didática	121

ANEXOS

ANEXO 1. 1ª versão do reconto do primeiro módulo	185
ANEXO 2. Lista de verificação	196
ANEXO 3. 3ª versão do reconto do primeiro módulo.....	200
ANEXO 4. 2ª versão do reconto do segundo módulo	221
ANEXO 5. Lista de constatação do reconto em dupla pauta	238

INTRODUÇÃO

No âmbito das políticas públicas, vários projetos relativos à leitura ganharam relevo no cenário educacional nos anos 80 e 90, como o Proler, o Pró-leitura, o Plano Nacional de Biblioteca Escolar e o Plano Nacional do Livro e Leitura, e contribuíram para que a leitura ganhasse maior espaço no currículo escolar. A legislação e os planos curriculares possibilitaram uma melhoria no campo da literatura através da ênfase na educação básica e dos debates propostos pelos movimentos civis. O acesso à leitura passou a ser meta para resolver as dificuldades encontradas em sala de aula e a literatura passou a ser vista como uma alternativa possível para a melhoria da qualidade do sistema de ensino no país. Apesar desse avanço, até agora os alunos ainda não têm garantido o direito de acesso e de uso do livro literário. Para que haja a transformação dos alunos em bons leitores é primordial o convite à leitura, o desenvolvimento da capacidade de ler, o compromisso e a mobilização para a aprendizagem, mas, no ambiente escolar, ainda prevalecem práticas didáticas baseadas no uso de fragmentos de textos literários, o que, contrariando os objetivos propostos, na verdade distanciam o leitor do hábito da leitura. Nesse contexto, verifica-se uma necessidade latente de ressignificação de alguns programas já existentes e da proposição de novas ações que auxiliem no reconhecimento de práticas de leitura significativas para o aluno, constatando-se, também, que tais mudanças devem acontecer no ambiente escolar.

Na sala de aula, a prática de leitura literária precisa ser planejada para que o livro literário deixe de ser visto como mero objeto tombado que não admite a intimidade com o leitor. Além disso, está cada vez mais claro que a promoção e incentivo aos hábitos de leitura devem ser constantes, pois a literatura está ligada à formação humana, ao processo que confirma no homem os traços essenciais que permitem o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, dentre outros. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs, 1998) propõem a prática da leitura em todos os ciclos de aprendizagem, possibilitando que, ao chegar ao sexto ano, o aluno tenha consolidado a leitura e a escrita e seja capaz de adentrar em práticas de letramento mais específicas, potencializando a interação com o texto, o conhecimento de estratégias, a habilidade escrita realizada pelo autor, a promoção da compreensão textual e a autoria. Referenciando esse documento, a Base Nacional Comum Curricular (2017) recomenda que nesse ano de escolaridade, o aluno saiba identificar em um texto narrativo ficcional, a voz narrativa, o cenário, o espaço, o tempo, o conflito, o desenlace, o foco narrativo, as personagens, os efeitos de sentido decorrentes do uso dos tempos verbais, dentre outros.

Uma sondagem inicial em sala de aula sobre hábitos e práticas de leitura entre os alunos revelou que todos já haviam participado de projetos de leitura, mas, na maioria, não se consideravam propriamente leitores. Além disso, todos já haviam lido pelo menos uma versão de *Chapeuzinho Vermelho*, porém nenhum deles havia lido textos mais complexos de autores brasileiros como *Fita Verde no cabelo: uma nova velha estória* de Guimarães Rosa.

A partir das considerações realizadas sobre a leitura no Brasil, sobre as recomendações dos documentos oficiais em sala de aula, sobre a leitura literária e sobre a percepção de leitura dos alunos pesquisados, considerou-se pertinente a realização de uma pesquisa que buscasse compreender, desenvolver, aplicar e analisar uma rota didática literária que promova a leitura de contos selecionados de Guimarães Rosa, visando favorecer a formação do leitor proficiente de literatura. Tendo-se em vista essa necessidade, elegeram-se como participantes desta pesquisa vinte e dois alunos do sexto ano da Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”, no município de Ibirité, Minas Gerais. A escolha se pautou, principalmente, pelo ensejo de desenvolver uma rota de leitura literária a ser aplicada em sala de aula e, assim, proporcionar ao sexto ano a leitura literária e, mais especificamente, a leitura de contos de Guimarães Rosa.

O presente trabalho tem como objetivo geral desenvolver e aplicar estratégias didáticas para o ensino de literatura no Ensino Fundamental visando à formação do leitor proficiente de textos literários e como objetivos específicos busca-se ampliar o interesse pela obra de Guimarães Rosa, quebrando o mito de que os alunos do sexto ano não conseguem compreender a escrita do autor; desenvolver procedimentos de leitura explorando os diversos elementos constitutivos da obra rompendo com a ficha de leitura tradicional; desenvolver abordagens didáticas com vistas à promoção da leitura literária, uma vez que o contato com a obra e a compreensão do texto pode potencializar um leitor literário; ajudar a instaurar na escola atividades permanentes voltadas à leitura de textos literários; ensinar a leitura de textos literários no Ensino Fundamental; recontar e reescrever os contos estudados e assim, contribuir com a melhoria da qualidade do ensino de leitura literária no país.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, apresentam-se breves considerações sobre as legislações e programas voltados para o incentivo à leitura, como a Base Nacional Comum Curricular (2017) que propõe o incentivo à leitura desde os primeiros anos escolares. Ao conhecer o conteúdo das diretrizes e normas para a organização de uma proposta de ensino, buscou-se, no segundo capítulo, compreender como se articula as propostas de leitura do texto literário em sala de aula e como o uso de estratégias é importante na construção do sentido do texto. No terceiro capítulo, sintetiza-se o conceito de letramento literário, levando em conta

suas especificidades, associando-o à apropriação e reconstrução de sentido e à mediação entre texto e leitor. No quarto capítulo, apresentam-se considerações sobre Guimarães Rosa, tais como as formas narrativas, a originalidade, a novidade formal, os neologismos e o uso complexo das formas linguísticas que flexiona e multiplica a linguagem. No quinto capítulo apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa que abarcam uma abordagem qualitativa. Apresentam-se a pesquisa, o contexto e seus participantes e o percurso metodológico desenvolvido em dois módulos com 25 etapas priorizando a leitura e, em algumas etapas, favorecendo a escrita. No sexto capítulo, apresentam-se os resultados da rota didática literária, por meio do reconto e reescrita do reconto desenvolvidos em sala de aula pelos sujeitos participantes da pesquisa. Verificou-se uma rica produção dos alunos em sala de aula e por meio dela notou-se que os alunos compreenderam a ficcionalização da linguagem, o que permitiu que cada reconto se aproximasse, de alguma forma, da obra roseana. Buscando sintetizar a pesquisa, no sétimo capítulo são discutidos os resultados apresentados e se analisa a eficácia do percurso proposto para a formação do leitor proficiente.

Nas “perspectivas de síntese”, último capítulo da dissertação, propõe-se uma revisitação dos objetivos delineados, buscando verificar em que medida a rota contribuiu para a formação do leitor de literatura, tecendo-se também algumas considerações sobre a possibilidade de fomentar a formação de um leitor proficiente através de estratégias bem planejadas e bem desenvolvidas. A conclusão reforça o pressuposto que guiou toda a pesquisa, desde o início da sua concepção: a convicção de que o espaço ficcional dos contos roseanos estudados pode possibilitar aos alunos a compreensão da força criadora da linguagem num movimento em que as figuras de autor e leitor se fundem, principalmente porque, a partir das estratégias desenvolvidas, os leitores se transformam em escritores e leitores de seus próprios textos.

CAPÍTULO 1 - AS DIMENSÕES DA LEITURA NA ESCOLA

“Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um Fio”.

Guimarães Rosa

A leitura se configura como um horizonte de possibilidades, pois o ato de ler implica a interação entre os sujeitos nas distintas esferas sociais, permite que o leitor observe e compreenda o espaço onde vive e convive, estimula o exercício da mente, a percepção do real e suas múltiplas significações. No entanto, na educação brasileira há uma ruptura na forma de gerir as políticas públicas voltadas para o incentivo à leitura e à leitura literária na educação básica. As políticas públicas como o Proler, Pró-leitura, Literatura em minha casa, dentre outras, foram elaboradas visando uma melhoria na qualidade da educação e o principal desafio era expandir o acesso à leitura para alunos do ensino fundamental. Nesse cenário, as diretrizes, os parâmetros e as políticas governamentais são marcos teóricos importantes na promoção da leitura, no entanto, ainda é preciso criar condições para a implementação dessas políticas públicas, fazendo com que elas sejam ações contínuas, já nos anos iniciais, para que a leitura cumpra a sua função social de promover o conhecimento, permitir a interação e possibilitar a construção de sentidos, nos demais anos de escolaridade.

1.1 O Incentivo à Leitura no Brasil

O debate em torno do ensino e aprendizagem da leitura no ambiente escolar é recente, pois de acordo com Zilberman (2008) a discussão começa na virada dos anos 70 e 80 quando se intensificam e se expandem os debates relativos à leitura na escola e o papel da literatura no ensino. Os profissionais da área começaram a se articular em torno de associações, como a de Professores de Língua e Literatura e de Leitura do Brasil na década de 80, revelando então, o engajamento de educadores e pesquisadores na articulação em torno dos problemas de ensino/aprendizagem e nas reivindicações de políticas públicas para alavancar uma melhoria na educação, tanto dos docentes quanto dos discentes. Os movimentos possibilitaram, no campo da literatura, uma valorização específica, visto que se depositava nela a esperança de superação dos problemas experimentados na sala de aula. De acordo com Zilberman (2008, p.13) os diagnósticos identificavam as dificuldades de leitura e expressão escrita por parte dos

estudantes, no entanto, era à literatura representada por obras de ficção e de poesia, que se transferiam os créditos e as expectativas de mudança e sucesso na educação no país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) importante marco teórico de incremento para a formação do leitor, apresentou o conceito de leitura como um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento a prévio, do autor, do gênero, do portador, do sistema de escrita, dentre outros. Nessa perspectiva, os documentos trazem o entendimento que a leitura vai além da decodificação, pois implica a constituição de sentidos que o leitor adquire antes da leitura propriamente dita. Conforme apontam as orientações didáticas dos conteúdos dos PCNs (1998, p. 65-66), no ambiente escolar deve-se ocorrer a avaliação e reavaliação dos procedimentos educacionais, buscando verificar se os objetivos de ensino estão sendo atingidos. De acordo com os parâmetros, “[...] é preciso avaliar sistematicamente seus efeitos do tratamento didático no processo de ensino, verificando se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar”, pois, talvez, os conteúdos selecionados podem não corresponder às necessidades dos alunos.

Nos âmbitos das políticas públicas - algumas propostas ganharam relevo no cenário educacional - destacam-se os programas do Ministério da Educação e do Desporto como o PROLER, PRÓ-LEITURA, Plano Nacional de Biblioteca Escolar e o Plano Nacional do Livro e Leitura, que contribuíram para o incentivo à leitura. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil fundada em 1989, instituição privada sem fins lucrativos, apresentou uma proposta de incentivo à leitura para o Instituto Nacional do Livro cuja proposta era resultado de discussões entre autoridades: de escolas, de bibliotecas do Rio de Janeiro, de empresas, de mídia eletrônica e impressa. Por conseguinte, traçaram um plano para propagar a importância política, social e cultural da leitura que posteriormente alcançou todo Brasil. Em 1992, por meio do Decreto Presidencial nº519, instituiu-se o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura.

Soares (2002, p. 81) defende que o compromisso do PROLER promoveu a democratização do acesso da maioria da população, leitora e não-leitora, à rede de informações que sustenta as sociedades contemporâneas, tendo como objetivo reduzir os dispositivos de exclusão. No entanto, o programa não apresentou uma política de formação do profissional dentro da escola para ampliar os limites da leitura e houve a necessidade de redefinição dos objetivos do programa. E, dessa maneira, a Fundação Biblioteca Nacional em 1996, por meio de uma Comissão Nacional, articulou com os profissionais do MEC e de instituições com

experiência em programas de leitura, a reorganização do programa PROLER (1998, p.8).

Conforme documentos:

“O PROLER passou, assim, a ser um programa que busca contemplar a variedade e a diversidade das práticas brasileira de promoção da leitura em todo o país, refletindo inúmeros anos de experiência e de estudo dos profissionais que atuam na área. O projeto é, pois, uma proposta articulada dos múltiplos parceiros que, em âmbito nacional, desenvolvem ações de leitura em diferentes locais do Brasil”.

Os principais objetivos do programa eram promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, o fortalecimento da cidadania, assim como, o desenvolvimento das políticas públicas garantidoras do acesso ao livro e à leitura. Visando revisar as leis e contribuir na formação de leitores nos últimos anos, o Ministério da Educação investiu na democratização do livro de literatura, no fomento à leitura e na formação de alunos leitores. As ações contribuíram na formulação de uma Política Nacional de Leitura, na articulação, no incentivo entre diversos setores da sociedade, na implantação do Centro de Referência sobre leitura, na viabilização e realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita.

A distribuição de livros literários aos alunos, formatado no modelo “Literatura em Minha Casa”, objetivou a ampliação da leitura tanto do aluno quanto da família. O Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio da Portaria de nº 584, de 28 de abril de 1997, instituiu o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) cuja finalidade era contribuir para a formação de leitores através do acesso gratuito ao livro de literatura. De acordo com os objetivos traçados pelo MEC (1997), a intenção de se instituir o PNBE era garantir aos alunos e professores do Ensino Fundamental o acesso à cultura e à informação, desenvolvendo o gosto pela leitura. Os dados divulgados pelo FNDE revelam que em 2000, a previsão de investimento pelo MEC foi de aproximadamente R\$ 236 milhões em livros de literatura infanto-juvenil para distribuição gratuita aos alunos e para a formação de bibliotecas escolares. A partir de 2001, o MEC passou a destinar parte dos recursos advindos do FNDE no projeto, que, por meio de diferentes ações, levou obras literárias a todos os alunos matriculados na 4ª e na 8ª série do Ensino Fundamental. Nesse formato, os livros eram entregues diretamente aos alunos, que na visão governamental, estenderia a leitura também para pais, irmãos e outros familiares.

Em 2003, a Lei 10.753, instituiu a Política Nacional do Livro cujos objetivos eram assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro, uma vez que o livro é o principal meio da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa

social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida. Na pauta da lei, o objetivo era:

- III - fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
 - IV - estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros, tanto de obras científicas como culturais;
 - V - promover e incentivar o hábito da leitura;
 - VI - propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial;
 - VII - competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
 - VIII - apoiar a livre circulação do livro no País;
 - IX - capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda;
 - X - instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro;
 - XI - propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
 - XII - assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura.
- (BRASIL, 2003)

O Plano Nacional do Livro e Leitura (2006), voltado à leitura e ao livro no Brasil, foi desenvolvido levando em conta o desenvolvimento social e a cidadania. Em 2011, ampliando a discussão de valorização da leitura, foi instituído por meio do decreto Nº. 7559, firmado pelo governo federal, o fomento à leitura e à formação de mediadores, a valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico, o desenvolvimento da economia do livro visando:

(...) transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Elas têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável.

As políticas públicas possibilitaram, ao longo das últimas décadas, projetos e programas com o intuito de desenvolver as práticas de leitura no ambiente escolar. No entanto, a implantação de políticas públicas de incentivo à leitura que apresentem resultados efetivos requer novos olhares. A Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural desenvolveu uma pesquisa, no fim de 2005, em 196 escolas de Ensino Fundamental localizadas em 19 municípios de oito estados e forneceu dados importantes sobre questões centrais relacionadas a uma política de formação de leitores. Em relação ao material bibliográfico disponível na escola, a pesquisa apontou que o livro literário ainda é visto como objeto tombado que não admite a intimidade com o leitor e as chamadas bibliotecas são apenas salas ou espaços

mal adaptados, mal pintados e mal iluminados, que nada têm de atrativos. Não há uma política contínua de formação de leitores e de esclarecimentos suficientes aos professores sobre a utilização de acervos literários do PNBE em sua prática pedagógica. Esse desconhecimento gerou uma não-diferenciação das especificidades do livro didático, paradidático, obra de referência e livro de literatura.

Segundo a pesquisadora da ALPAC Andrea Berenblum (2005, p.23), a formação de leitores deve ser encaminhada para além de ações de distribuição de livros e “cabe apresentar, de forma sucinta, concepções sobre o que é leitura, sem o que não se conseguirá estabelecer um marco de referência para a formação de leitores”. A esse respeito, Soares (2002, p.43) ressalta que as políticas governamentais de leitura são marcadas por rupturas e descontinuidades, principalmente devido às diversas ideologias e mudanças constantes de gestão, que rompem com o que está estabelecido, repercutindo assim, a fragmentação do incentivo a um projeto contínuo de formação do leitor proficiente. Para a pesquisadora, desenvolver ações num determinado campo constitui uma política para este campo e quando as ações são desarticuladas, como no caso das políticas de leitura no Brasil, o resultado também vai ser fragmentado. Isto quer dizer que, a forma de conduzir uma política, de maneira desarticulada, isolada, caracteriza também um ato político que é o “de não-formação de leitores”.

Corroborando com a temática, Zilberman (2012) enfatiza que os investimentos no campo tecnológico alargaram as potencialidades de criação e de investigação, porém, no campo educacional ainda faltam investimentos na escola, na aprendizagem dos alunos, na situação do professor, nas políticas públicas dirigidas à educação. Observa-se que as políticas públicas voltadas para o incentivo à leitura nas últimas décadas, bem como, os planos curriculares possibilitaram uma melhoria na educação básica, no entanto, verifica-se uma necessidade latente de ressignificação de alguns programas já existentes e de novas ações que auxiliem no reconhecimento de práticas de leitura significativas para os alunos.

1.2 A Função da Leitura Literária na Escola

De acordo com Cândido (1995, p.242) a literatura, numa definição ampla, refere-se a toda criação de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, envolvendo até mesmo as formas mais complexas de produção escrita das grandes civilizações. A função da literatura está ligada à formação humana, ao processo que confirma no homem os traços essenciais, como: o exercício da reflexão, a aquisição do

saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. Nesse sentido, Cândido (1995, p.249) argumenta que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. O autor aponta três faces da literatura que contribuem na formação humana: a construção de objetos autônomos, como estrutura e significado; a forma de expressão através da manifestação das emoções e visões de mundo dos indivíduos e dos grupos; a forma de conhecimento, como a incorporação difusa e inconsciente do saber. Nessa perspectiva, a leitura é concebida como um espaço de múltiplas possibilidades de elocução entre o escritor, o texto e o leitor, que possibilita a formação cidadã do leitor.

A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 67) no tocante à Educação literária para os alunos do Ensino Fundamental, determina que a promoção do contato com o texto literário, com vistas à formação do aluno/leitor deve possibilitar que ele seja capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. Nesse sentido, a ideia é que o leitor descubra que a literatura possibilita a fruição estética, uma alternativa de leitura prazerosa. Ademais, a leitura literária possibilita: a vivência ficcional, a ampliação da visão de mundo, a experiência adquirida em outras épocas, o conhecimento de outros espaços, de outras culturas, de outros modos de vida, de outros seres humanos.

Os PCNs (1998, p.24) na seção sobre leitura literária recomendam que as atividades com o texto literário devam estar incorporadas às práticas cotidianas da sala de aula, pois possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário que:

“constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua”.

O exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação com a literatura e de acordo com Zilberman (2008, p.18) na atualidade em que “o ensino está em crise, apresenta-se como necessidade prioritária, pois faculta avizinhar-se a um objeto tornado estranho no meio escolar. Porém, talvez se constitua também no ponto de chegada, na medida em que oferece opções diversas daquelas recorrentes na história da educação”. A esse respeito, Branco (2008, p.90) enfatiza que a leitura literária possibilita certo grau de especialização do sujeito no ato de

ler textos considerados literários, incluindo o modo de ler, a consciência do sujeito leitor em relação à natureza literária. Nesse sentido, os projetos de literatura não podem ignorar as práticas e os usos dos alunos, pois, enquanto sujeitos leitores potenciais, eles estão aptos a praticar experiências de leituras reflexivas. A escola como a principal agência de letramento tem a tarefa de formar leitores e nesse contexto, o processo de ensino e aprendizagem deve ter como meta formar alunos-leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos. A função da literatura nesse viés vai além da leitura, tem como finalidade promover a interação com o texto e possibilitar ao aluno o conhecimento da produção escrita e das estratégias utilizadas para a compreensão textual.

De acordo com os PCNs (1998, p.40) a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, pois, de um lado, fornece ao aluno a matéria-prima para a escrita e por outro, contribui para a constituição de modelos escritos. O destaque apresentado pelos documentos é que a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino, porém, para que se possa constituir também como objeto de aprendizagem, é necessário que ela faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização do cidadão.

Coelho (2000, p.17) ressalta que a nova valorização da literatura no espaço-escola não quer dizer que ela é rígida, reprodutora e disciplinadora como outrora, mas libertária, orientadora possibilitando uma formação leitora consciente. Por isso, é importante valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, para que, ao longo da escolarização, os alunos reconheçam o potencial da leitura nos eventos de letramento.

Walty (2003, p.52) defende que é importante perguntar qual o papel da escola no letramento literário, tendo em vista que a prática reflexiva de leitura permite a instigação, a produção de sentidos, o estabelecimento do diálogo com o que se lê e com outros textos, permitindo que o leitor ultrapasse os controles limitantes da escola e da sociedade. É certo que em algumas escolas, a prática de leitura literária não atende a essas funções, pois prepondera a leitura de textos informativos. Coelho (2000, p.17) pontua que a escola deve diversificar as atividades em dois momentos básicos: o de estudo programado e o de atividades livres, mas que essa dualidade deve estimular as potencialidades e contribuir na formação leitora.

De acordo com Walty (2003p. 54) “o leitor pode abrir janelas no texto, entrando por onde quiser, e pular de uma para a outra como bem lhe aprouver, formando trilhas”. Nesse sentido, a leitura deve circular na escola, tendo em vista que muitas vezes, lá é o único espaço em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário. Além disso, Paulino (2008, p.65)

propõe que as motivações para a leitura literária devam ultrapassar o contexto de urgência e serem vistas numa perspectiva cidadã, crítica e criativa, possibilitando, de fato, um letramento literário. Não obstante, para a consolidação da literatura na principal agência de letramento, é necessário que haja um trabalho contínuo, desde os primeiros ciclos da educação básica.

Em suma, a literatura é uma das produções sociais em que o imaginário tem espaço de circulação garantido e, de acordo com Walty (2003p. 52) a grandeza da literatura está na potencialidade do conhecimento, pois, ao lado das regras, encontra-se a possibilidade de transgressão rumo à utopia.

1.3 O processo de alfabetização e letramento com implicações na leitura

O domínio da leitura é um requisito básico na alfabetização, tendo em vista que, na sociedade moderna, a aquisição da leitura é fundamental para que o cidadão aja com autonomia. Para Bettelheim (1984, p.49), a aprendizagem da leitura é o passaporte para que o aprendiz seja transportado para dentro de um mundo previamente desconhecido em que se envolvem fascinação, transgressão, fruição, dentre outros atributos. Na alfabetização, o processo de ensino e aprendizagem envolve o procedimento de leitura e de escrita, e repercute favoravelmente na linguagem entendida na sua globalidade, ou seja, no processo de escuta, de fala, de leitura e de escrita.

Solé (1998, p.50) destaca que o termo alfabetização, comumente associado ao domínio dos procedimentos de leitura e de escrita, apresenta um paradoxo, uma vez que o professor exige a instrução formal escrita do aluno em uma fase em que a criança está desenvolvendo a oralidade. Ao ingressar na escola, elas trazem conhecimentos resultantes das interações entre as pessoas, pois, as crianças, na fase inicial da aprendizagem, não dominam a leitura, no entanto, têm contato com o sistema da língua escrita e para compreendê-lo pede ajuda aos adultos. A autora defende que “Ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar” e no processo de decodificação da linguagem, o aluno faz correspondências entre os sons da linguagem e os signos gráficos e posteriormente identificam e relacionam esses sons. Conforme Solé (1998, p.53):

“De fato, as crianças prestam atenção à sua linguagem e à linguagem dos outros, desde muito cedo; percebem os erros que cometem, os erros alheios, a rima, adoram as adivinhações e costumam brincar de inventá-las embora seu conteúdo não tenha nenhum sentido; há palavras que as divertem e outras que são feias, etc. Sua atenção é espontânea, suscitada por algum fato linguístico que as surpreende, atrai ou zanga”

O ensino inicial de leitura deve possibilitar a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio propício para a construção de conhecimentos e ser abordado gradativamente em etapas de aprendizagem. O texto escrito deve estar presente de forma relevante na sala de aula através dos livros, dos cartazes que anunciam determinadas atividades, dos bilhetes para os pais, das mensagens nas salas, dentre outros suportes.

A proposta de leitura de textos na fase da alfabetização, se sustenta em quatro ações básicas: a seleção de textos, a proposição das atividades, a produção textual, e o envolvimento dos atores que legitimam o processo de ensino. A seleção considera o aspecto formal dos textos, preferencialmente textos de estruturas narrativas e poemas, e, com isso, a tarefa da escola é viabilizar o acesso do aluno à diversidade textual, ensinar a produzir e a interpretá-los, legitimando assim a leitura no ambiente escolar e promovendo o letramento.

Soares (2010, p.18) define o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como um sistema simbólico e tecnológico, em contextos de aprendizagens específicos. A prática de leitura dentro do evento de letramento, permite ao aluno não só construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros e sobre os procedimentos, mas também adequá-los às as circunstâncias de uso da escrita, nas suas práticas sociais. O professor que planeja e desenvolve sua aula em torno de textos escritos, que traz o universo dos textos para a vivência dos alunos e que envolve os participantes em prol de interesses tanto individuais quanto coletivos, está realizando um evento colaborativo, ou seja, está realizando um evento de letramento.

Em contraposição aos eventos de letramento, de forma geral, percebe-se que os alunos usam a leitura em diversas situações para atingir diferentes objetivos em sala de aula, mas não são letrados. Soares (2010, p. 20) destaca que a principal agência de letramento realiza apenas um tipo de letramento, centrado na aquisição do código alfabético cuja ênfase é a competência individual, necessária para o sucesso e promoção na escola. Nessa perspectiva, no processo de ensino-aprendizado, as atividades realizadas não se conectam com as práticas sociais mediadoras das interações dos sujeitos com os textos no dia a dia e nem sempre essas leituras podem ser consideradas como práticas de letramento.

Zilberman (1982, p.13) ressalta que o resultado da alfabetização ocupa toda a carreira escolar do aluno e quando a leitura é estimulada nessa fase, existe a possibilidade da consolidação de uma série de aspectos cognitivos como organização das emoções, a escolha de percursos de leitura e a preferência por determinado tipo de texto. Nesse ínterim, a alfabetização

carrega consigo dois movimentos antagônicos: por um lado, a escola apresenta múltiplas possibilidades de ação que se configura em práticas emancipatórias, rumo à afirmação de uma postura autônoma do indivíduo quando estimulada e por outro, consagra o exercício da manipulação quando a alfabetização é negligenciada.

A escola deve estimular a leitura, pois a autonomia é advinda da prática e à medida que se amplia o universo do conhecimento, novos valores são agregados de tal maneira que o leitor proficiente não perde a sua condição e consegue interagir com qualquer tipo de texto. Conforme Kleiman (2005, p.23) os eventos de letramento são colaborativos, pois os sujeitos envolvidos mobilizam os conhecimentos culturais, compartilhando o conhecimento de múltiplas formas.

1.4 A leitura de textos literários nos anos iniciais do ensino fundamental

As crianças aprendem a “ler” antes de serem alfabetizadas e são conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. De acordo com os PCNs (1998, p. 67) desde o início do primeiro ciclo é imprescindível que se ofereça aos alunos a possibilidade de perguntar sobre a linguagem e de obter respostas que precisam ser adequadas e suficientes para que se possa aprender com elas. O leitor iniciante tem uma tarefa complexa nas mãos, pois precisa coordenar estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, uma vez que, a aprendizagem se dá pela participação do aluno em situações específicas, em colaboração com os colegas, sob a orientação e mediação do professor. Em relação à compreensão, o aluno - através de uma conversa, de um debate, de um reconto, demonstra ter compreendido ou não, o texto. Para o 1º ciclo se recomenda, de acordo com os PCNs (1998, p.76) que:

O aluno reconte oralmente histórias que já ouviu ou leu, e narre acontecimentos dos quais participou (ou cujo relato ouviu ou leu), procurando manter a ordem cronológica dos fatos e o tipo de relação existente entre eles. Ao recontar, deve tanto procurar manter as características linguísticas do texto lido ou ouvido como esforçar-se para adequar a linguagem à situação de comunicação na qual está inserido o reconto ou a narração (é diferente recontar para os colegas de classe, numa situação de “Hora da História”, por exemplo, e recontar para gravar uma fita cassete que comporá o acervo da biblioteca, ou ainda numa reunião aberta a toda a comunidade escolar). Essas atividades poderão ser realizadas com ajuda e orientação do professor e de colegas.

Nesse ciclo, segundo as bases curriculares referidas, o aluno tem a possibilidade de contar histórias procurando manter a ordem temporal dos fatos e o tipo de relação existente entre eles. De acordo com a BNCC (2017, p.77) no eixo da Educação já no primeiro ano, o trabalho desenvolvido em sala de aula permite que os alunos sejam capazes de:

(EF01LP36) Agrupar palavras pelo critério de aproximação de significado (sinonímia) e separar palavras pelo critério de oposição de significado (antonímia).

(EF01LP37) Identificar os constituintes básicos da estrutura de narrativa ficcional lida ou ouvida: personagens, tempo e espaço. Elementos constitutivos do discurso poético em versos: estratos fônico e semântico.

(EF01LP38) Reconhecer, em textos versificados, rimas, sonoridades, jogos de palavras, palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações. Reconstrução do sentido do texto literário. Recursos de criação de efeitos de sentido.

(EF01LP39) Construir, pela observação da sequência de imagens, o sentido de uma narrativa visual (livros de imagem, histórias em quadrinhos). Experiências estéticas. Processos de criação.

(EF01LP40) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, e tendo ou não o professor como escriba, textos literários lidos pelo professor.

(EF01LP41) Recitar parlendas, quadras, quadrinhas e poemas, com entonação e emotividade. O texto literário no contexto sociocultural Dimensão social e estética do texto literário.

(EF01LP42) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e reconhecer também a sua dimensão lúdica e de encantamento. Interesse pela leitura literária. Apreciação de texto literário

(EF01LP43) Ouvir, com atenção e interesse, a leitura de textos literários de gêneros e autores variados, feita pelo professor, e conversar com os colegas sobre o que acharam do texto.

(EF01LP44) Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula para leitura individual, na escola ou em casa, explicando os motivos de sua escolha.

O segundo ciclo se caracteriza pela possibilidade de o aluno ter maior autonomia na realização de atividades que envolvem conteúdos desenvolvidos no primeiro ciclo, e a introdução de um trabalho abordando os aspectos relacionados aos usos e formas da língua. Conforme os PCNs (1998, p.77) na prática de leitura, o professor deve possibilitar ao (a) aluno (a):

atribuição de sentido, coordenando texto e contexto;
utilização de indicadores para fazer antecipações e inferências em relação ao conteúdo (tipo de portador, características gráficas, conhecimento do gênero ou do estilo do autor, etc.) e à intencionalidade;
emprego dos dados obtidos por intermédio da leitura para confirmação ou retificação das suposições de sentido feitas anteriormente;

uso de recursos variados para resolver dúvidas na leitura: seguir lendo em busca de informação esclarecedora, deduzir do contexto, consultar dicionário, etc;
utilização de diferentes modalidades de leitura adequadas a diferentes objetivos: ler para revisar, para obter informação rápida, etc;
uso de acervos e bibliotecas: busca de informações e consulta a fontes de diferentes tipos (jornais, revistas, enciclopédias, etc.), com orientação do professor; leitura de livros na classe, na biblioteca e empréstimo de livros para leitura em casa;
socialização das experiências de leitura;
rastreamento da obra de escritores preferidos;

Ele tem a possibilidade de contar histórias procurando manter a ordem temporal dos fatos e o tipo de relação existente entre eles e, ao recontar, deve demonstrar esforços de adequação do registro utilizado à situação de comunicação na qual está inserido o reconto, bem como realizar essa atividade de maneira autônoma, e ajustar sua leitura a diferentes objetivos utilizando os procedimentos adequados a cada situação.

De acordo com Zilberman (1984, p.107) o prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, uma vez que “a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica”. Através da literatura, o imaginário da criança conquista o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo à sua volta.

O segundo ciclo deve favorecer o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos que os alunos possuem sobre a linguagem e oferecer condições de se desenvolverem cada vez mais sua autonomia. Segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998, p.143), a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são o seu.

A literatura possibilita que as crianças estabeleçam relações com a forma de pensar e o modo de ser do grupo social pertencente. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. De acordo com a BNCC (2017, p.95), no segundo ciclo espera-se que as atividades contemplem as seguintes habilidades no eixo da educação literária:

- (EF35LP13) Reconhecer o texto literário como expressão de identidades e culturas.
- (EF35LP14) Identificar temas permanentes da literatura, em gêneros literários da tradição oral, em versos e prosa.
- (EF35LP15) Valorizar a literatura, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa no Fundamental detalham que a questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve o reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de leitura e de escrita, e nesse segmento de escolaridade, os alunos devem ter contato com os livros de literatura como bens culturais, para que se familiarizem e interajam com a linguagem literária. Segundo a BNCC (2017, p.125) as atividades no eixo da educação literária para o 6º ano devem favorecer o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- (EF06LP36) Identificar, em texto narrativo ficcional, a estrutura da narração – cenário (espaço e tempo), personagens, conflito, desenlace, foco narrativo – , os efeitos de sentido decorrentes do uso dos tempos verbais – o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito – e discurso direto e indireto (determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguística no discurso direto, quando for o caso). Elementos constitutivos do discurso poético em versos: estratos fônico, semântico e gráfico.
- (EF06LP37) Identificar, em textos em versos, aspectos rítmicos e sonoros (rimas e organização em estrofes), recursos expressivos semânticos (figuras de linguagem) e nível gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel). Elementos constitutivos do discurso dramático em prosa e versos
- (EF06LP38) Identificar, em texto dramático, personagem, enredo, ato, cena, fala e indicações cênicas. Reconstrução do sentido do texto literário Recursos de criação de efeitos de sentido.
- (EF06LP39) Inferir, em textos literários, o efeito de sentido decorrente do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos (comparação e metáfora).
- (EF06LP40) Analisar, em textos literários, referências, explícitas ou implícitas, a outros textos, no nível temático.
- (EF06LP41) Criar narrativas ficcionais que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito) adequados à narração de fatos passados.
- (EF06LP42) Criar poemas compostos por versos livres, utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros.
- (EF06LP43) Representar cenas de textos dramáticos, reproduzindo as falas das personagens, de acordo com as rubricas de interpretação e movimento indicadas pelo autor.
- (EF69LP14) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários.

(EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria. Interesse pela leitura literária
Apreciação de texto literário

(EF69LP16) Ler, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros, expressando avaliação do texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Paiva e Soares (2014, p.11) defendem que um procedimento adequando permite que os alunos gostem de ler e tenham interesse por livros, contribuindo assim na etapa posterior, onde se espera que o aluno já tenha domínio da leitura. Nas situações de leitura autônoma ou mediada que ocorrem nos anos iniciais, vale apostar numa relação cúmplice e aproximada entre o mediador e a criança. Sendo assim, ao entrar no sexto ano do ensino fundamental, o aluno já traz no seu repertório a consolidação da aquisição da leitura e da escrita, o que permite adentrar em práticas de letramento mais específicas, como o letramento literário, que é apropriação da literatura na perspectiva da linguagem, um processo contínuo que faz com que o leitor estabeleça interações entre textos que estão arraigados em sua memória. As práticas de leitura literárias devem ser mediadas pelo professor/ mediador, tendo em vista que o texto é construído na interação com o leitor e o mediador, em que essa dupla procura o ponto de vista do autor, questiona, relaciona, investiga com a finalidade de atribuir um significado, baseando-se nos indícios deixados pelo autor.

Coelho (2000, p.17) apresenta algumas sugestões para a organização de uma proposta de ensino. Dentre elas, a concepção da criança como um ser educável, um aprendiz da cultura, e a literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural que permite ao leitor entender e valorizar a história e a cultura. Ressalta também a mediação entre aluno e professor, pois este é capaz de desenvolver atividades de textos adequadas às diversas etapas de desenvolvimento infantil e juvenil em sala de aula.

CAPÍTULO 2. A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

“O real não está na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Guimarães Rosa

O presente capítulo tem como foco as interações estabelecidas pelo leitor na compreensão textual como os conhecimentos prévios que são fundamentos na construção de significado e na compreensão do texto, bem como, as potencialidades estimuladas nas práticas colaborativas permitindo a aquisição de habilidades por meio de estratégias, no processo de letramento. Nessa perspectiva, o leitor desenvolve a habilidade de monitorar sua própria leitura, avaliar, verificar a coerência dos sentidos produzidos, bem como, focaliza informações relevantes ao contexto e despreza as não pertinentes, e assim, sistematiza um corpo de conhecimentos linguísticos.

2.1 Conhecimentos prévios para a compreensão textual

A leitura, como processo individual depende da cognição do leitor e, como processo interativo, depende das relações estabelecidas pelo leitor com o seu conhecimento de mundo, com o texto, com os mediadores e também com outros leitores. Cafiero (2005, p.4) enfatiza que o leitor opera com um conjunto de conhecimentos prévios que são as informações de diversos tipos que ele vai armazenando em suas experiências, tais como: os conhecimentos linguísticos sobre o funcionamento da língua, os conhecimentos enciclopédicos, os conhecimentos específicos sobre o assunto do texto, os conhecimentos sobre como funciona a comunicação e como funcionam os textos, dentre outros. O leitor, nesse entendimento, é colocado no centro do processo, em um jogo de adivinhações, de levantamento de hipóteses. Lima (2008, p. 81) aponta que se trata de um processo que parte dos conhecimentos que o leitor traz em confronto com as pistas textuais, resultando em atribuição de sentido ao texto.

No processo de desenvolvimento da leitura, conforme adquire as habilidades e competências básicas para lidar com o texto escrito, o leitor passa a agir mais autonomamente. Para Lima (2008, p. 82), os conhecimentos prévios do leitor entram em cena e nesse movimento se sobrepõem às informações textuais, dependendo da sua própria concepção de leitura e/ou da concepção veiculada em atividades escolares. Para o autor, ler nessa perspectiva é construir

sentido a partir das informações textuais que desencadeiam processos de recordação, de modo a possibilitar a interação entre os dados do texto escrito e os conhecimentos prévios do leitor. Esses conhecimentos, armazenados na memória humana, são de natureza linguística, textual, temática e cultural.

Cafiero (2005, p.30) defende que entender os processos que se realizam na leitura é importante, pois assim se pode intervir no momento certo, criando atividades que possam ajudar o aluno a solucionar dificuldades apresentadas, pois, trabalhar com o texto apenas no nível literal ou não explorá-lo da forma conveniente não contribui para a formação de leitores capacitados. Ao escrever, o autor não inclui todas as informações no texto, mas conta com a participação do leitor, sendo assim, trabalhar a compreensão interpretativa é apreender informações que estão implícitas, mediante pistas, fornecidas pelo texto.

Braga e Silvestre (2009, p.22) enfatizam que é necessário, ao trabalhar textos literários na sala de aula, antes da leitura, da distribuição e qualquer contato com o texto, que o professor intervenha realizando a pré-leitura que é o momento em que se ativa o conhecimento prévio do aluno-leitor, mediante estratégias de investigação: adivinhar, formular hipóteses, fazer previsões, buscar alternativas, selecionar possibilidades, imaginar. Dessa maneira, a leitura é um processo flexível e é caracterizado pela capacidade de processamento, pelo nível de letramento, pelo conhecimento prévio do assunto e do gênero discursivo, pelo envolvimento com a tarefa, pelo estado físico-emocional do leitor, pelos objetivos e pelas expectativas do leitor.

Para Jauss (1994, p.11) o conhecimento prévio do leitor é importante tendo em vista que a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. “Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas relativas a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e dessa maneira antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado (...) à questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.”

Sánchez Miguel (2012, p. 204) defende que os conhecimentos dos alunos devem ser recuperados explicitamente, ordenados e constituídos em uma plataforma para identificar a informação do texto, estabelecendo uma informação contida nele, e conseqüentemente, com o episódio de avaliação e interpretação. A ativação de conhecimentos prévios estabelece um ponto de referência conjunto sobre o que o aluno sabe e o que ele conhece sobre a temática e sobre o que ele espera da leitura.

2.2 Leitura literária: horizontes de expectativas e objetivos

Segundo Mendonça (2015, p.26) houve um crescimento das práticas de leitura e de escrita no Brasil devido ao crescimento da escolaridade da população nos últimos anos, o aumento do número de textos impressos como livros, revistas, jornais e o uso das diferentes mídias. Paralelamente às práticas de leituras de texto informativo, observa-se um afastamento do livro literário. Nesse contexto, questiona-se como a leitura literária é utilizada no ambiente escolar, quais são as expectativas de leituras e se elas conseguem alcançar o objetivo de formar leitores competentes.

De acordo com Cosson (2006, p. 47), é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, que vai do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Dessa maneira, a seleção das obras e as práticas de sala de aula devem acompanhar este movimento.

Para Zilberman (2003, p. 26) essa atitude revela uma mudança de rumos que implica algumas opções por parte do professor, delimitadas estas, de um lado, pela escolha do texto e, de outro, pela adequação do público/leitor, para que as fronteiras se estendam da valorização da obra literária à relevância dada ao procedimento da leitura.

Na sala de aula, conforme enfatiza Cosson (2006, p.35) a diversidade é fundamental, uma vez que o leitor não nasce feito e o fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, “crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura”.

De acordo com os pressupostos de Soares (2011, p.43) os objetivos de leitura e o estudo de um texto literário são específicos e devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, os recursos de expressão e de recriação da realidade, as figuras autor/narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, ou seja, as especificidades de um texto literário.

Cafiero (2005, p.8) entende que a leitura pressupõe a interação entre um escritor e um leitor, que estão distantes, mas que querem se comunicar e dessa maneira estabelecem condições específicas de comunicação, pois cada um desses sujeitos tanto o escritor quanto o

leitor têm seus próprios objetivos, suas expectativas e seu conhecimento de mundo. Para a pesquisadora, a leitura, como atividade cognitiva pode ser ensinada, ou seja, o professor pode ensinar estratégias que ajudam o leitor a ler melhor. E como atividade social, a leitura pressupõe objetivos e necessidades que são determinados na interação: ler para quê, com que objetivos, para interagir com quem, e por que motivo.

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Para Jauss (1994, p. 13) “há obras que, no momento de sua publicação, não podem ser relacionadas a nenhum público específico, mas rompem tão completamente o horizonte conhecido de expectativas literárias que seu público somente começa a formar-se aos poucos.”

O autor defende que a função social da literatura somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. As razões para o ensino da leitura como atividade cognitiva e como atividade social auxiliam na ampliação das competências em leitura ao longo da vida e, conseqüentemente, contribui na formação do leitor proficiente.

2.3 Estratégias de processamento do texto

As estratégias, segundo os pressupostos de Solé (1998, pp.70-71) são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a se realizar, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los. O uso de estratégias pelo leitor/aluno requer um processo de aprendizagem, tendo em vista que formar um leitor proficiente é proporcionar a interação a partir dos textos. As estratégias são responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto, em que o leitor as utiliza de forma inconsciente quando tenta resolver suas dúvidas, reconhecer um conflito, examinar uma premissa, fazer previsões, retomar uma frase no contexto.

Para a autora, a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, cujas finalidades são múltiplas: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma informação concreta, confirmar ou refutar um conhecimento prévio, dentre outros. E nessa perspectiva, ler é dominar as habilidades de decodificação e também aprender distintas estratégias que levam à compreensão do texto. Para integrar informações, o leitor utiliza

estratégias antes, durante e depois do processamento delas. É preciso enfatizar que, em geral, o leitor proficiente aplica estratégias sem se dar conta do que está fazendo, pois já aprendeu a estabelecer relações, no entanto, o fato de utilizá-las não significa que leia sempre do mesmo jeito todo e qualquer texto. A autora aponta alguns aspectos que podem ser levados em conta para um ensino eficiente de estratégias. Conforme Solé (1998, p.90):

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler.

De acordo com o ponto anterior, seria preciso distinguir situações em que “se trabalha” a leitura e situações em que simplesmente “se lê”. Na escola, ambas deveriam estar presentes, pois ambas são importantes; além disso, a leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite.

Os alunos não vão acreditar que ler – em silêncio, só para ler, sem ninguém perguntar nada sobre o texto, nem solicitar nenhuma outra tarefa referente ao mesmo – tenha a mesma importância que trabalhar a leitura (...).

A leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva, através da qual se ganham prêmios ou sofrem sanções. Assim como bons leitores nos refugiamos na leitura como forma de evasão e encontramos prazer e bem-estar nela, os maus leitores fogem dela e tendem a evitá-la. (...)

Como podemos fazer diferentes coisas com a leitura, é necessário articular diferentes situações – oral, coletiva, individual ou silenciosa, compartilhada – e encontrar os textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. A única condição é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para as crianças, corresponda a uma finalidade que elas possam compreender e compartilhar.

Por último, antes da leitura, o professor deveria pensar na complexidade que o caracteriza e, simultaneamente, na capacidade que as crianças têm para enfrentar – de seu modo – essa complexidade. Assim, sua atuação tenderá a observá-las e a lhes oferecer as ajudas adequadas para que possam superar os desafios que sempre deveriam envolver a atividade de leitura.

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e construa uma ideia sobre o seu conteúdo, extraindo aquilo que lhe interessa em função do seu objetivo, pois são as condições em que a leitura se realiza que levam o leitor a usar determinadas estratégias. Solé (1998, p73) formula algumas questões cuja resposta é necessária para a compreensão daquilo que está sendo lido:

Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder às perguntas: Que tenho que ler? Por que/para que tenho que lê-lo? Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor, o gênero, o tipo do texto...?

Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos propósitos perseguidos (...)) qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo? (...).

O propósito de leitura, o tempo disponível para a leitura, entre outros fatores, faz com que uma pessoa interaja com o texto e segundo a autora, as estratégias de leitura podem e devem ser construídas. Para atrair a participação do aluno, o professor deve explicar os processos internos de compreensão.

Conforme Cafiero (2005, p.9)

É preciso saber estabelecer relações entre as várias informações disponíveis: as velhas, que já fazem parte de um conhecimento armazenado, e as novas, que se somam a essas nos processos de construção de sentido a partir da leitura de novos textos. Precisamos saber ler e compreender não só o que está escrito nas linhas, mas o que está por trás delas: os não-ditos, o duplo sentido, as intenções, que muitas vezes ficam apenas esboçadas, que não são explicitamente codificadas. Isso porque hoje, mais do que nunca, a sociedade exige pessoas suficientemente capazes de gerir as informações, de selecioná-las, organizá-las, interpretá-las e utilizá-las para solucionar problemas específicos de sua área de atuação. Exige-se hoje um sujeito capaz de ser leitor e escritor de diversos textos que são importantes em suas práticas sociais, isto é, um sujeito com elevado grau de letramento. Se possuímos habilidades suficientes para processar a informação e soubermos utilizá-las no momento certo, muito provavelmente teremos mais sucesso para atingir nossos objetivos.

A motivação para a leitura está associada às relações afetivas que os alunos vão estabelecendo com a língua. Solé (1998, p.92) enfatiza que uma criança se sente envolvida na leitura quando há indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz e pode ser um desafio estimulante para alguns alunos.

Cafiero (2005, p. 30) defende que para entender a dimensão cognitiva da leitura, o leitor vivencia duas fases: a decodificação e a construção da coerência, tendo em vista que o leitor proficiente realiza uma série de operações como: perceber, memorizar, analisar, sintetizar, inferir, relacionar, avaliar, entre outras. A decodificação é o momento inicial da leitura em que

há o reconhecimento de palavras e o processamento sintático. À medida que vai processando as informações, o leitor as armazena em sua memória, organizando as informações em unidades cada vez maiores.

A construção de coerência ocorre quando as informações são decodificadas e se realiza o processamento das relações e associações passíveis de se estabelecer com os conhecimentos *a priori* do leitor. Nesse processo, destaca-se a inferência que é a capacidade de inferir produzindo informações novas a partir da relação estabelecida entre informações que o texto traz e outras que já fazem parte dos conhecimentos do leitor.

Giasson (1993, p.92) enfatiza que para se falar em inferência é necessário que o leitor passe para além da compreensão literal, ultrapasse a superfície do texto. A autora amplia a discussão sobre os vários tipos de inferência: lógicas (baseadas no contexto), e pragmáticas que baseadas no conhecimento ou esquemas do leitor.

2.4 A aquisição de habilidades e competências

Os estudos de Silveira (2012, p.55) revelam que para a formação de leitores e o desenvolvimento das habilidades de leitura em sala de aula requerem um grande esforço metodológico e a reinvenção da escola, tendo em vista que “o estímulo à leitura e o planejamento de ações pedagógicas propositivas e potencializadoras devem estar previstos na pauta do cotidiano escolar”. Nesse sentido, Cafiero (2005, p.40) descreve o leitor competente como aquele que possui um conjunto de habilidades e sabe usá-las na leitura dos diversos gêneros que circulam na sociedade. Para a autora, cada gênero exige habilidades que serão destacadas tendo em vista a compreensão e a interação com o texto pelo leitor que desenvolve e relaciona estratégias, faz previsões a partir do título, do assunto do texto, do gênero, e do suporte.

O leitor proficiente levanta hipóteses sobre a continuidade do texto a partir de informações iniciais; infere informações a partir da integração da linguagem verbal e não-verbal, confirma suposições a partir de elementos do texto e lê imagens que acompanham os textos: mapas, tabelas, gravuras, desenhos e fotos.

Ele desenvolve as habilidades relacionadas ao processamento da coerência do texto e às relações marcadas pelos recursos coesivos; localiza informação explícita ou decorrente de perguntas relacionadas ao local, espaço, acontecimentos, personagens; além disso, faz inferência de informações em diferentes gêneros e estabelece relações entre elementos de

referenciação que contribuem na compreensão. Um leitor, que está desenvolvendo as habilidades de leitura, busca perceber os efeitos de sentido que o texto provoca: seleciona palavras e outros recursos da língua; identifica o efeito de sentido do uso dos sinais de pontuação e o uso de rimas; percebe repetições, metáforas, metonímia; reconhece os efeitos de sentido decorrentes de ironia ou humor em textos variados e o sentido decorrente do uso de marcas linguísticas diferentes das usadas na linguagem padrão.

O desenvolvimento da habilidade de construir uma representação global do texto lido ou construído ocorre quando o leitor junta as informações disponíveis e é capaz de identificar o assunto principal do texto, de dar um título adequado; relaciona textos de mesmo tema e estabelece relações de intertextualidade: citação, paráfrase, paródia.

Cafiero (2005, p.44) enfatiza que o leitor competente precisa desenvolver uma habilidade fundamental que é a de monitorar sua própria leitura, avaliando o que leu, a fim de verificar se os sentidos produzidos são coerentes e se sua leitura se sustenta pelo todo do texto. E, nesse processo, ele conscientemente: focaliza informações relevantes ao contexto e despreza as que não são pertinentes, sistematiza um corpo de conhecimentos linguísticos, lida com as hipóteses que formula na leitura, busca no texto formas de comprová-las, redimensiona sua própria compreensão, à medida que novas informações vão sendo processadas e avalia continuamente sua compreensão, desconfiando de sentidos produzidos inicialmente.

De acordo com Sánchez Miguel (2012, p.63) existem, na formação do leitor, inúmeros processos envolvidos que só podem ser realizados se “o leitor tem um desenvolvimento adequado de certas competências, ou se, para compensar a carências destas (ou potencializá-las), se envolve estratégica e conscientemente na leitura”. Nessa formação, as habilidades vão se aperfeiçoando ao longo do tempo. O autor apresenta cinco competências essenciais que explicitam adequadamente o nível de compreensão após a leitura de textos com características diversas e em condições distintas de ajuda. Segundo Sánchez Miguel (2012, p.65):

Um bom corpo de *conhecimentos* para fazer inferências para atribuir papéis corretos aos diferentes elementos das proposições, para relacionar diferentes partes do discurso, etc.

A habilidade para reconhecer palavras com precisão e rapidez.

A competência retórica, isto é, a capacidade para detectar, interpretar e usar certos recursos textuais (anáforas, marcadores retóricos, elementos indicando introdução de resumos ou recapitulações, etc), que servem para orientar o processo de leitura.

As *habilidades metacognitivas* para poder se regular durante a leitura, colocando-se objetivos e detectando/solucionando qualquer problema de compreensão que ameaça a consecução deles.

Uma adequada *memória de trabalho* que permita, dentro de suas limitações, a orquestração do maior número de processos e a retenção momentânea de maior número de ideias.

O ambiente escolar é o lugar em que se permite escolher os instrumentos e saberes necessários em busca do desenvolvimento das habilidades e competências na compreensão textual. No caso do texto literário, nos eventos de letramentos, os leitores imergem em um processo, e ao longo desse, adquire habilidades e competências distintas, contribuindo assim com a sua formação leitora.

Silva (2009, p.48) indaga sobre “que tesouros ocultos se escondem nas entrelinhas de um texto literário” e conclui que a literatura é capaz de deflagrar no leitor um processo de reconhecimento de experiências vividas, ou mesmo brincadeiras de infância, e quando isso acontece, é um reencontro prazeroso ou nostálgico com paisagens já vistas, é a identificação de medos que o sujeito esconde ou ilusões acalentadas. “Se o texto literário bem realizado esconde mais do que mostra, desvendar o que está oculto – ler as entrelinhas – é o desafio maior e também o maior prazer que a leitura pode proporcionar”.

2.5 Percursos de Leitura: o leitor, o texto e o autor

De acordo com os PCNs (1998), a relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor não é mecânica, pois aquele que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem, todavia a leitura amplia significativamente o repertório do aluno. A esse respeito, Lajolo (1982a, p.59) postula que ler não é decodificação, não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, atribuir significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, e reconhecer neles, o tipo de leitura que seu autor pretendia, sendo assim, o leitor, dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura, ou rebela-se contra ela, propondo outra não prevista.

Embora não seja fácil mensurar, em curto prazo, o domínio da leitura literária, Coelho (2000, p.32) propõe etapas do desenvolvimento da criança sob a perspectiva psicológica, pois segundo a autora, a inclusão do leitor em determinado nível depende tanto da faixa etária quanto da inter-relação entre a idade cronológica, o nível cronológico, o amadurecimento psíquico – afetivo-intelectual, o nível de conhecimento e o domínio do mecanismo de leitura.

Ao entrar no 6º ano, subentende-se que o aluno já é fluente e passa pela fase de consolidação do domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro. A prática da leitura pode promover a reflexão, o pensamento dedutivo e a abstração. Conforme Coelho (2000, p.37), as potencialidades afetivas se mesclam com uma nova sensação de poder interior: a inteligência, o pensamento formal, a reflexão. Para a autora, o convívio do leitor com textos literários deve extrapolar a mera fruição de prazer e de emoção e deve provocá-lo para penetrar nos mecanismos da leitura.

Cafiero (2005, p.49) enfatiza que é preciso desenvolver atividades que ajudem o aluno a realizar operações antes, durante e depois do processamento de informações, ou seja, que ele aprenda a controlar o seu processo de compreensão, a fim de corrigir rotas quando o caminho estiver errado. Ademais, o leitor busca no texto um ponto de partida, um conjunto de instruções, relaciona essas instruções com as informações que já fazem parte de seu conhecimento, com o que já aprendeu em outras situações, produzindo sentidos ou construindo coerência para o texto. Tomada nesse sentido, a leitura literária é múltipla e no campo literário a interação através da leitura proporciona a contribuição na formação do aluno, a revelação da diversidade social e cultural por meio da palavra, a ampliação da competência linguística e discursiva, possibilitando o letramento literário.

Segundo Coscarelli (2012, p.35-36) cabe ao leitor estar atento às marcas linguísticas utilizadas pelo autor, pois através delas, o leitor pode estabelecer a coerência que lhe ajudará a determinar as relações entre as partes do texto, a construir o sentido para o texto. Além dessas marcas, o conhecimento de mundo também é fundamental para a compreensão textual. Nessa perspectiva, leitor, texto e autor apresentam o mesmo grau de relevância e “cada um tem papel diferente em relação à leitura e nenhum deles é menos importante que o outro”.

CAPÍTULO 3. O LETRAMENTO LITERÁRIO

“Viver é etecetera”.

Guimarães Rosa

No presente capítulo, o leitor é o responsável ativo pela permanente atualização dos textos literários, uma vez que a literatura permite a indagação, a reflexão, a construção e a desconstrução de significados através de atuações específicas na apropriação, na plurissignificação, na experimentação. Em sala de aula, a compreensão dos atos de leitura é revelada pela intervenção do mediador que promove um conjunto de procedimentos de leituras possibilitando ao aluno a compreensão. As operações envolvidas no processo de compreensão (selecionar, integrar e revisar) perpassam pelos recursos intelectuais de memória e atenção, e pela emoção que são conformados por elementos contextuais através das interações pessoais, através dos instrumentos empregados e das interações estabelecidas.

3.1 Especificidades do Letramento Literário

A literatura é definida por Zilberman (2009, p. 9) como uma manifestação artística em que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo gostos, emoções, mas do ponto científico, exige uma atitude reflexiva por parte do pesquisador tendo em vista que a formação do leitor vai além da questão do gosto e da fruição. O letramento é definido por Lima (2008, p.82) como um processo que envolve habilidades de decodificação, de compreensão, de interpretação, de retenção, de reflexão e uso de textos escritos para alcançar objetivos, desenvolver e aprimorar o conhecimento possibilitando ao leitor participar, efetivamente, da vida em sociedade. O letramento literário é concebido como a apropriação da literatura na perspectiva da linguagem, um processo contínuo que faz com que o leitor estabeleça interações entre textos que estão arraigados em sua memória. Conforme Cosson (2006b, p. 17) a leitura legítima e faz “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. Nesse sentido, o leitor molda e é moldado pelo seu conhecimento através da leitura. Para o autor, a formação do leitor literário como justificção da tarefa educativa tem se integrado nos programas curriculares surgidos recentemente e a necessidade de uma formação do leitor proficiente é um requisito no ambiente escolar.

Soares (2004a, p. 31-32) entende que a leitura literária democratiza o ser humano uma vez que mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e dessa maneira, o torna mais compreensivo, mais tolerante, fornecendo valores essenciais para a democracia cultural. Além disso, traz para o universo do leitor, o estrangeiro, o desigual, o excluído, possibilitando o senso de igualdade e de justiça social e possibilita a eliminação de barreiras temporais e espaciais, mostrando “que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos – o sentido da relatividade e da pequenez de nosso tempo e lugar é condição essencial para a democracia cultural”.

Posteriormente, Soares (2010, p15-16) defende que a literatura é para as crianças uma alternativa de lazer e prazer, mas também apresenta valor formativo, tendo em vista que:

“a literatura infantil torna o mundo e a vida compreensíveis, porque revela outros mundos e outras vidas; a fantasia, o imaginário na literatura infantil têm papel e função valiosos no processo de amadurecimento emocional da criança; a leitura literária possibilita o acesso da criança ao rico acervo dos contos de fadas, de fábulas, de poemas que fazem parte da cultura de nossas sociedades ocidentais. Não menos importante é a contribuição da leitura literária para o desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentido de texto.”

A leitura literária pode ser um caminho para aproximar o cotidiano do aluno ao universo do mundo letrado. De acordo com Oberg (2014, p. 201) o ato de ler requer que toda a engrenagem se movimente acionada por várias chaves: livros, mediações, mediadores, contextos socioculturais favoráveis, entre outras, pois os livros dispostos “nas estantes, não fazem, necessariamente, o milagre da leitura”. O conhecimento advém do convite à leitura junto a mediações socioculturais variadas que possibilitam que o livro deixe de ser apenas um adereço na prateleira e se estabeleça como ato de significação, como estabelecimento de relações entre a palavra e o mundo. Para o autor, a literatura é compreensão, indagação, reflexão, construção e desconstrução de significados que exige atuações específicas por parte do leitor na sua apropriação, tendo em vista que o texto literário se alimenta da ambiguidade, da opacidade, da plurissignificação, da mesma forma que pede modos de aproximação compatíveis com tal natureza para ser experimentado em suas multiplicidades.

A especificidade do texto literário aliada às articulações necessárias à apropriação e reconstrução de sentidos torna a fruição literária um processo no qual interagem tanto os aspectos textuais particulares, como aspecto cognitivos, próprios do sujeito que estão

relacionados à sua subjetividade e a mediações de ordem histórica e cultural. Para Oberg (2014, p.206) a relevância da mediação está centrada na construção de um sujeito protagonista mobilizado pelo desejo, pela sensibilidade, pela razão, pelos afetos e emoções, entre outras dimensões. “Se as mediações são essenciais no processo de formação dos leitores, é fundamental, contudo, que não fragmentem as relações com a literatura, tomando-a exclusivamente sob um único aspecto (...) uma vez que a própria literatura pressupõe um estado de acolhimento diferenciado.”

As operações envolvidas no processo de compreensão (selecionar, integrar e revisar) perpassam pelos recursos intelectuais de memória e atenção, e pela emoção que são conformados por elementos contextuais através das interações pessoais, através dos instrumentos empregados e das interações estabelecidas. De acordo com Sánchez Miguel (2012, p. 344), assumidos esses conhecimentos, os alunos/ leitores tenderão a interpretar melhor. Ajudar a compreender é um processo em rede e significa que o professor mediador precisa oferecer ao aluno o apoio de que necessita para interagir com o texto, mesmo que falte ao aluno a habilidade necessária para decodificar as palavras escritas com precisão e rapidez ou a capacidade de reter informação verbal na sua “memória de trabalho” (o espaço mental em que se pode manter momentaneamente certas informações enquanto manipulamos ou processamos as ideias). Uma possibilidade de ajudar na compreensão é criar um contexto de leitura que torne mais fácil para os alunos a seleção de ideias importantes, a conexão do texto com os conhecimentos prévios ou algum tipo de avaliação crítica do texto.

Nessa tarefa, conforme Sánchez Miguel (2012, p.346) os professores precisam enfrentar muitas vezes, a tarefa de esclarecer que ideias gostariam que seu aluno tivesse em mente depois de ler um determinado texto, pois embora se pareça óbvio que o aluno saiba selecionar, inferir, levantar hipóteses, isso requer modos específicos de analisar textos e deve ser uma rotina em sala de aula. E isso supõe que é necessário proporcionar-lhes múltiplas oportunidades durante um dilatado período de tempo para comentar, revisar, compartilhar com os outros colegas como manejar os textos.

3.2 Mediação: leitor, autor, texto e mediador

A formação de um leitor proficiente requer um trabalho contínuo, pois a leitura de livros implica na leitura do mundo. Silva (2009, p.24-25) enfatiza que a trajetória percorrida pelo leitor em seu processo de formação reflete a sua crescente competência, que pode coincidir ou não com a série escolar. A trajetória de leitura deve começar cedo, através da audição de

histórias, poemas, músicas para que seja uma provocação e um desejo para que o leitor entre nesse universo. A autora aponta seis etapas em sucessão que o aluno do Ensino Fundamental deve completar:

Pré-leitor (apenas ouve uma narrativa ser lida ou contada; ou lê uma narrativa guiado pela sequência de suas imagens, ou ainda, com a ajuda de um adulto);

Leitor iniciante (lê, sem ajuda textos breves e facilitados);

Leitor em processo (lê textos de dificuldade média, do vocabulário à narrativa ou ao uso da linguagem);

Leitor competente (lê textos mais complexos e é capaz de reconhecer artifícios de construção, bem como estabelecer conexões entre diversas leituras);

Leitor Crítico (lê com total autonomia textos de qualquer extensão, identificando alusões e subentendidos, assim como estabelecendo relações entre o texto lido e a realidade que conhece em suas vivências diárias de cidadão, sendo, inclusive, capaz de emitir juízos críticos sobre o texto lido).

A formação do leitor proficiente é um processo que deve ser permanente na escola, mas que, para ter adesão dos alunos, dois requisitos são fundamentais: a motivação para a leitura e a disponibilidade de livros adequados ao leitor-alvo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 71) apresentam o leitor proficiente como aquele capaz de ler as entrelinhas aproximando da construção dos sentidos pretendidos:

O trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural; da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento, para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos, “que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura.

Os sentidos construídos resultam da articulação entre as informações do texto e os conhecimentos prévios ativados pelo leitor no processo de leitura, uma vez que o texto não está pronto quando escrito, e o modo de ler além de ser uma escolha, é também um modo de produzir sentidos. Giasson (1993, p.21) considera que a leitura é um processo interativo por meio dos

componentes do modelo de compreensão da leitura: texto, leitor e contexto. Nesse sentido, as estruturas estão relacionadas à visão de mundo e atitudes do leitor e os processos envolvem as associações que ele faz durante a leitura, conforme esquema a seguir:

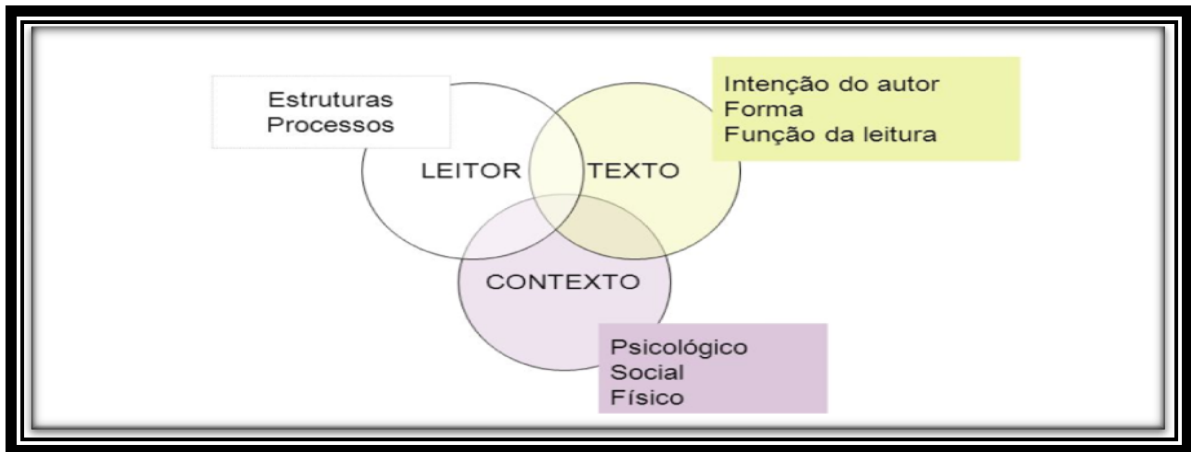


Figura 1. Ilustração do modelo contemporâneo da compreensão na leitura (Giasson, 1993, p.21)

Para a pesquisadora, esse modelo permite a interpretação de que, em determinado contexto, perante tal texto, o aluno compreende de um modo; o mesmo texto, situado em outro contexto, é lido de forma diferente. Os PCNs (1998, p.71-72) enfatizam que formar leitores requer condições favoráveis, não só relacionados aos recursos materiais disponíveis, mas também ao uso e à importância que se dá às práticas de leitura. Dentre essas condições, explicitam que:

“É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos. (...) O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais”.

Nessa perspectiva, a leitura envolve a oportunidade de o aluno ampliar seu conhecimento linguístico e interagir discursivamente interpretando e produzindo textos com adequação, levando em conta os elementos pertinentes da situação de interação linguística. Em diálogo com a temática, Cosson (2009) defende que a experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Sendo assim, o contato com a leitura e a escrita através de um projeto de letramento possibilita fazer com que os alunos se reconheçam em uma sociedade letrada, em que escrita, leitura e linguagem

são instrumentos de poder. Nesse sentido, o autor destaca o planejamento de leitura como um aspecto importante na formação do leitor proficiente, pois, no ensejo de aumentar a capacidade de interpretação, geralmente surgem, na realização das atividades, dificuldades relacionadas a problemas na aprendizagem de interpretação, que vão diminuindo de acordo com o contato com a leitura.

Colomer (2007, p.180), no capítulo “*Ler com os especialistas*” enfatiza que no planejamento, o professor ativa os processos cognitivos relacionados à elaboração da leitura, à formação da imagem mental, à afetividade do leitor, à construção e ao julgamento distanciado do texto, bem como aos conhecimentos metalinguísticos e metaliterários necessários à compreensão de textos de literatura. Almeida (2008, p 39) enfatiza que “Ler é um processo diário de construção em que o leitor é colocado frente aos espaços em branco deixados pelos textos, diante das mais variadas intrigas e das mais complexas situações e, perante qualquer desses fatos, o texto lhe cobrará uma atitude.” Algumas práticas de leitura permitem que o leitor leia em silêncio ou em grupo, ou através da prática protocolada, no entanto, elas precisam ser direcionadas pelo mediador.

A leitura autônoma envolve a oportunidade de o aluno ler silenciosamente, texto para os quais já tenha desenvolvido certa proficiência, já a leitura colaborativa é proposta por meio da mediação, em que o professor lê um texto com a classe e, no decorrer da leitura questiona os alunos sobre as indicações linguísticas que dão sustentação aos sentidos atribuídos, e a leitura com pausa protocolada que é uma situação didática adequada para discutir coletivamente uma obra considerada difícil para a condição dos alunos, uma vez que permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade. São estratégias que auxiliam e favorecem a compreensão do texto. De acordo com Almeida (2008, p.39) “ler significa muito mais que decodificar signos, ler significa, a partir de então, interagir com um mundo novo, repleto de descobertas, repleto de situações novas e desconfortantes que muitas vezes, serão pontes entre um mundo e outro”. O progresso do leitor a partir da leitura se baseia nos elementos internos do enunciado, na capacidade de raciocinar para suscitar significados implícitos e explícitos.

A mobilização da capacidade de raciocínio promove outras habilidades, como a da escrita. Segundo Colomer (2007, p.104) os estudos no campo literários têm demonstrando que a leitura de histórias para crianças incide em aspectos tais como o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de conceitos, o conhecimento de como funciona a linguagem escrita e a motivação para querer ler. Reverberando essa concepção, Braga e Silvestre (2009, p.22) ressaltam que o leitor cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua

expectativa e em sua intenção de leitura, mas é a mediação do professor que almeja que a leitura seja realizada, que possibilita que o aluno consiga a explicitação de um assunto, a ampliação de um conhecimento. As autoras defendem que se o ato de ler implica ler o mundo, antes e depois de termos acesso ao código escrito, pressupõe-se que entra em jogo toda a experiência existencial do leitor e que, portanto, ler é um processo ativo da interação texto-leitor. De acordo com Leite et al (1982, p.43) “Escolhido o texto, junto com os alunos de preferência, ou depois de uma sondagem de seus interesses, e tendo sido criada uma atmosfera descontraída, mas tensa de curiosidade, é a conversa que passará a ocupar o vazio da sala”. Por isso, o professor, no momento em que propõe uma atividade de leitura, deve levar em conta, inicialmente, a condição prévia do aluno e, através da mediação, transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso, e posteriormente, propor uma atividade que pode até mesmo ser escrita.

3.3 O reconto do texto literário

O reconto consiste na produção de uma nova história tendo como referência um ou mais textos base. Esta técnica tem sido utilizada como instrumento de avaliação e como meio de intervenção na compreensão textual. No caso do texto literário, esse processo de escrita envolve aspectos que vão além dos motores, pois subentende que o aluno leitor seja capaz de ler um texto e construir processos interacionais, aproximando ou não do texto lido. Garcez (2002, p.14) pondera que a escrita é uma atividade que envolve várias tarefas, às vezes sequenciais, às vezes simultâneas, com idas e vindas, em que o processo é interativo. Nessa concepção, o leitor começa uma tarefa e é preciso voltar a uma etapa anterior ou avançar para um aspecto que seria posterior, tendo em vista que a escrita não é apenas uma atividade mecânica. A escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana partilhada quanto na história de cada indivíduo. Este, inserido num contexto regulado pela escrita, deve ser orientado para conhecer e reconhecer a importância e a necessidade em ser participante dessa prática. De acordo com Ferreira (2001, p.14)

Mais do que ter o domínio da língua padrão ou desejar escrever num determinado gênero (por exemplo, um poema), o produtor de texto deve incorporar as dimensões discursivas, incluindo desta maneira os interlocutores, as relações que existem entre eles, a partilha dos mesmos conhecimentos lingüísticos, as condições sociais de produções reais dos textos, as intenções e especificidades de cada texto. Escrever um bilhete para um colega durante uma aula de português, às escondidas do professor que explica a matéria, é completamente diferente de escrever um bilhete a um amigo imaginário apenas para cumprir a proposta dada pelo professor para ‘treinar’ o gênero

bilhete. São outros os motivos, outro leitor mais ou menos familiar, outros procedimentos de estruturação e de seleção de palavras, frases e maneiras de dizer.

No processo de produção escrita com base em um texto literário, o aluno se apropria dos seus conhecimentos através da ação e interação entre a leitura realizada e sua criatividade. Na sala de aula, o ato é desejável tendo em vista que é também um processo de desenvolvimento de competências leitoras, pois ao propor a escrita na formação do leitor literário, o mediador traz imanente a concepção de que um leitor proficiente é capaz de produzir textos orais e escritos com eficiência. Tanto a leitura quanto a releitura, associadas às outras linguagens, é uma forma fértil de se promover novos textos, novas narrativas, de estimular a criatividade dos alunos para que eles se sintam leitores e escritores num diálogo constante, entre a realidade e a ficção. Paulino et al (2001, p.7) defende que o leitor múltiplo se transforma, tal qual um camaleão, diante dos desafios plurais que cada texto impõe. E nesse sentido, o leitor interpreta, posiciona, aceita ou rejeita a opulência de cada obra escrita, aprimorando as habilidades e ampliando a sua competência não só para a leitura, e também para a escrita e para a reescrita.

Segundo Geraldi (1996, p.46) a escola tem a função de permitir a circulação escrita entre as diversas instâncias de produção de saberes, uma vez que a aprendizagem da escrita se dá concomitantemente à aprendizagem dos conteúdos referenciais associados à escrita. Dialogando com o assunto, Fiad (1994, p.362) constata que o trabalho de reescrita, quando ocorre na escola, é direcionado pelo professor ou pelo material didático e que muitas vezes não há avaliação desse processo. “Esse direcionamento pode ser mais explícito e enfático, quando o professor aponta aspectos a serem refeitos nos textos de seus alunos, ou mais implícito, quando é sugerido ao aluno que releia seu texto e o refaça, sem nenhuma interferência de um interlocutor”.

Estudos de Jesus (1995 a 1997) apontam que os textos são analisados na escola, apenas no nível da transgressão ao estabelecido pelas regras de ortografia, concordância e pontuação, sem se dar a devida importância às relações de sentido emergentes na interlocução. Para o pesquisador, a reescrita não pode ser uma operação limpeza, em que o objetivo principal está centrado em eliminar impurezas do texto. O professor deve ser leitor e coautor do aluno, mostrando a necessidade de a escrita envolver momentos diferentes, como o planejamento, a execução, a revisão e a reescrita. Tanto a revisão quanto a reescrita despertam no aluno a consciência de que escrever é trabalhar, que as mudanças na escrita não são apenas no aspecto superficial, mas também em sua estrutura interna e discursiva, considerando-se as condições de produção do texto. A revisão é um processo de autoconhecimento. Conceição (2004, p.324)

aponta que “faz-se necessário que a prática de correção leve de fato o aluno à reflexão sobre seu próprio discurso e sobre os possíveis efeitos de sentido que seu dizer produzirá no interlocutor”.

Giasson (1993, p.26) ressalta que os conhecimentos que o leitor tem da língua são de grande utilidade na compreensão de texto e elenca os conhecimentos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos que permitem que o leitor levante hipóteses, estabeleça relação entre o oral e o escrito, construa o sentido do texto, uma vez que ele compreende o texto quando é capaz de ativar ou de construir um esquema que explica bem os objetos e acontecimentos descritos no texto. Os processos de leitura estão relacionados às habilidades necessárias para abordar o texto, ao desenvolver as atividades cognitivas durante a leitura. De acordo com Giasson (1993, p.32-33) há processos orientados para a compreensão dos elementos da frase, outros para a procura de coerência entre as frases, outros ainda têm como função construir um modelo mental do texto ou uma visão de conjunto que permitirá ao leitor captar os elementos essenciais para gerir a compreensão. A autora apresenta cinco grandes categorias de processos baseada no estudo de Irwin (1986 apud Giasson 1993, p.34), que se dividem em cinco componentes: microprocessos que servem para a compreensão de uma informação contida numa frase. Os processos de integração que têm como função efetuar ligações entre as proposições ou as frases. Os macroprocessos que se orientam para a compreensão global do texto, para as conexões que permitem fazer do texto um todo coerente. Os processos de elaboração que são aqueles que permitem aos leitores ir para além do texto, efetuar inferências não efetuadas pelo autor. E por fim, os processos metacognitivos que geram a compreensão e permitem ao leitor adaptar-se ao texto e à situação.

Na reescrita do texto literário, é possível isolar as diferentes atividades cognitivas do leitor, pois esse acrescenta outras informações que provêm da sua capacidade de efetuar relações (processos de integração) da sua capacidade de estabelecer generalizações (macroprocessos), de ir além do texto (processos de elaboração) e de refletir sobre a sua maneira de compreender o texto (processos metacognitivos). Sendo assim, é possível perceber que a compreensão não é simples transposição do texto para a mente do leitor, mas uma construção do sentido que ele faz. A pesquisadora sugere que a avaliação da reescrita seja realizada através da análise qualitativa e a quantitativa. A análise quantitativa compara o reconto com o texto lido, a fim de observar a quantidade de texto que o leitor é capaz de reconstruir. Já a análise qualitativa leva em conta os elementos que o leitor acrescentou no seu reconto, bem como a compreensão geral da história.

CAPÍTULO 4. A NARRATIVA DE GUIMARÃES ROSA

“Afinal, há é que ter paciência, dar tempo ao tempo, já devíamos ter aprendido, e de uma vez para sempre, que o destino tem de fazer rodeios para chegar a qualquer parte”

Guimarães Rosa

4.1 Breve contextualização da vida de Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa nasceu dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, interior de Minas Gerais. Filho de comerciante da região, realizou seus estudos primários na cidade natal. Em 1918, mudou-se para a casa dos avôs em Belo Horizonte para continuar os estudos. Em 1930 formou-se médico na Universidade de Minas Gerais. E devido à sua capacidade de aprender e apreender as histórias que o rodeava começou a escrever seus primeiros contos, que foram publicados na revista “O Cruzeiro”. Depois de formado, mudou-se para Itaguara, município de Itaúna, onde permaneceu por dois anos. Em 1932, voltou para Belo Horizonte para servir como médico voluntário da Força Pública, durante a Revolução Constitucionalista. A facilidade com o manuseio da língua fez com que ele seguisse carreira, e assim foi para o Rio de Janeiro em 1934 e prestou concurso para o Itamaraty. Culto, sabia falar mais de nove idiomas e conseguiu aprovação em segundo lugar.

Em 1936 participou de um concurso ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, com a coletânea de contos *Magna*. Conquistou o primeiro lugar, mas não publicou a obra. Em 1937, iniciou a produção de *Sagarana*, volume de contos que retrata a vida das fazendas mineiras. Entre os anos de 1938 e 1944, foi nomeado cônsul-adjunto na cidade de Hamburgo, Alemanha. Nesse período, especificamente no ano de 1942, Guimarães foi preso quando o Brasil rompeu a aliança com a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

No ano seguinte foi para Bogotá, como Secretário da Embaixada Brasileira. Em 1946, publicou *Sagarana* que se transformou em sucesso de crítica e público. As duas edições foram esgotadas no mesmo ano e a obra saiu vencedora do Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. De 1946 a 1951, Guimarães Rosa residiu em Paris. Em 1952, realizou uma excursão ao Estado de Mato Grosso e escreveu uma reportagem poética, "Com o Vaqueiro Mariano", que foi publicada no Correio da Manhã. Após dez anos de sua estreia literária, o escritor publicou “Corpo de Baile” e "Grandes Sertões: Veredas" em 1956. Em 1958, Guimarães foi promovido

a embaixador, mas optou por não sair do Brasil e permaneceu no Rio de Janeiro. Recebeu em 1961, o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra.

A partir daí, começou a obter reconhecimento no exterior e em 1962 publicou *Primeiras Estórias*. Em 1963, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, sendo empossado somente em 1967. Três dias depois do ato, Guimarães Rosa teve um infarto e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1967.

Com uma trajetória de vida dedicada à medicina, diplomacia e literatura, Guimarães Rosa renovou o romance brasileiro e conquistou leitores em diversos países. A publicação do livro de contos Sagarana, em 1946, garantiu ao escritor um privilegiado lugar de destaque no panorama da literatura brasileira, pela linguagem inovadora, pela singular estrutura narrativa e a riqueza simbólica presente em seus contos. Com ele, o regionalismo ganhou pauta no cenário nacional e internacional, com nova roupagem assumindo características estéticas universais.

4.2. O universo de Guimarães Rosa em “Primeiras Estórias”

De acordo com Oliveira (2002, p.13), João Guimarães Rosa é um autor contemporâneo brasileiro cuja fortuna crítica é extraordinária, contista, novelista, romancista diplomata, apresenta em sua escrita um diálogo entre várias culturas, o que contribui para uma leitura ativa. A linguagem nas obras de Guimarães Rosa impressiona pela originalidade, pela novidade formal, pelos neologismos e sua proposta faz sentido ao burlar o senso comum, problematizando o uso da língua e a construção da narrativa, flexionando e multiplicando a linguagem. Ao mesmo tempo em que conta uma estória, polemiza sobre o surgimento dessa realidade ficcional, “fazendo com que as outras realidades nasçam da anterior, com que novas estórias se façam dentro da estória da narração, com que os processos de produção de texto sejam duplicados ou triplicados” (OLIVEIRA, 2002, p.20).

Nesse cenário, situa-se a obra “Primeiras Estórias” e o título já apresenta um convite às indagações do leitor, tendo em vista a duplicidade de sentidos, pois a palavra “Primeiras” pode estar situada no sentido cronológico, ou no sentido primordial. “Estórias” pode ser o “gênero” ou os “causos”, que o autor tanto ouvia.

Silva (2009, p.85) defende que, em relação à produção do autor, convém começar por essa obra, considerando a extensão e dimensão dos contos. A maioria deles se desenrola numa região não especificada, mas identificável com um cenário rico de bichos, de plantas, de costumes e de hábitos. As cenas enquadram-se na moldura de altos morros e vastos horizontes,

amplos rios margeados de brejos, campos extensos. E é esse universo que despertou o interesse de se trabalhar com os contos do autor em sala de aula porque a estrutura da narrativa não é rígida, a riqueza poética é recorrente, o espaço geográfico é bem detalhado e o local onde ocorrem os fatos, de uma maneira ou de outra, pertence ao imaginário dos alunos, pois embora a pouca idade, muitos são migrantes de várias partes de Minas Gerais. No tocante ao leitor, Oliveira (2000, p.44) enfatiza que muitas pessoas consideram a leitura de Guimarães Rosa difícil porque o leem com seus próprios hábitos linguísticos e ficcionais estereotipados, porém, se desprovido de preconceito, se o leitor se abre ao processo de construção e de descondicionamento, a leitura se torna fácil. Ele pondera que não é sem razão que alguns dos melhores leitores de Rosa são aqueles que têm pouco conhecimento escolar, e, por sua vez, são também os que têm menos preconceitos culturais.

Em “Primeiras Estórias”, as personagens pertencem a duas categorias, a de loucos e a de crianças. Conforme Oliveira (2002, p.14-15) “Cabe ao artista e à criança, assim como ao louco, esse papel de desconstrutor do senso comum, apreendendo a realidade sob uma nova lógica em que o texto literário muda e se reescreve”. E os contos selecionados nessa pesquisa centram na criança, que vai sendo moldada à medida que vivencia novas experiências.

4.3 Elementos da Estrutura Narrativa

A literatura é uma forma de evidenciar a representação do imaginário cultural de um povo, e pode ser considerada um espaço em que as culturas se formam, se cruzam e entrecruzam, criam imagens reais e ficcionais do mundo. Nessa perspectiva, a leitura de uma obra literária permite que o leitor amplie o seu conhecimento, seu modo de conceber a cultura.

Colomer (2007, p.55-56) enfatiza que o objetivo de se ensinar literatura é contribuir para a formação da pessoa, através da construção da sociabilidade realizada através da confrontação com textos que explicitam a diversidade social e cultural. As personagens evidenciam formas de apresentação, onde o enredo, a trama, a linguagem utilizada pode estabelecer vínculos com a identidade do aluno, com a legitimação da língua, a própria existência. A consciência narrativa inclui também as expectativas sobre a conduta das personagens. Elas formam parte do mundo real das crianças e permanecerão como referências na representação da realidade, na herança cultural compartilhada com os adultos. É um dos principais aspectos que permitem experimentar a literatura como uma forma de cultura e se sentir parte da “comunidade de leitores”.

A identificação do leitor com o personagem pode ser um bom caminho para despertar o interesse pela leitura. A leitura de bons livros traz ao leitor um maior conhecimento, tendo em vista que um leitor proficiente consegue através da narrativa identificar a personagem, o espaço, o enredo, o tempo, possibilitando-o uma experiência inesquecível que vai além do tempo. Colomer (2007, p.57) enfatiza que muitos livros infantis oferecem aos pequenos a ambientação com:

“a vida cotidiana em família, as compras, os jogos no parque, etc. Mas eles necessitam também de uma literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais, de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem compreender através de um esforço imaginário, que seja suficientemente recompensado.

A autora destaca a ampliação de fronteiras do entorno do conhecido, pois os livros têm o poder de “transportar o leitor no tempo e no espaço, de levá-lo a penetrar em outros modos de vida, mostrar-lhes realidades desconhecidas e proporcionar-lhe o eterno prazer de quem se senta ao lado do viajante que regressa”. (COLOMER, 2007, p.61). A literatura não cabe no pensamento técnico, pois:

O bom leitor precisa realizar uma série de operações como perceber, memorizar, analisar, sintetizar, inferir, relacionar, avaliar, entre outras. Entender os processos que se realizam na leitura é importante porque assim podemos, como professores, intervir no momento certo, criando atividades que possam ajudar o aluno a solucionar dificuldades ocorridas. (CAFIERO, 2005, 30)

Dialogando com esse assunto, Azevedo (2015, p.95) enfatiza que a literatura permite:

“(…) tratar de assuntos que não cabem no pensamento técnico e que ninguém pode ensinar, apenas compartilhar: a paixão, a busca do autoconhecimento, a construção da própria voz, as contradições e as incoerências humanas, a luta do velho e do novo, entre muitos outros temas relevantes que, note-se, são, ao mesmo tempo, complexos e banais, parte do dia a dia de todas as pessoas ontem, hoje e amanhã, independentemente de “recortes” históricos e técnicos”

A leitura promove o desenvolvimento de estruturas cognitivas que vão além da percepção, “já que o leitor realiza outros movimentos não visíveis de associar o que consegue perceber com outros conhecimentos que já possui”. (CAFIERO, 2005, 33) E nesse sentido, Cândido (1995, p.245) considera que em relação à estrutura narrativa, o poeta ou o narrador nos propõe um modelo de coerência, gerado pela força das palavras organizadas. O caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a

nossa própria mente e sentimentos; e nesse sentido, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

4.4. Os Contos Seleccionados

De acordo com Paiva (2006, p.29) o conto é texto pequeno, com um núcleo de ação bem delimitado em que a sucessão de ações é dinâmica e se desencadeiam a partir de um núcleo determinado. A autora destaca que o conto de fadas apresenta uma estrutura simples com uma situação inicial, um conflito, um processo de solução e um sucesso final, além da presença de elementos maravilhosos, de seres fantásticos como fadas, bruxas, em linguagem simbólica. Dentre a vasta produção de contos do autor, ele recontou um dos clássicos universais, intitulado esse conto de *Fita verde no cabelo: uma nova velha estória* que remete ao conto chapeuzinho vermelho.

As narrativas de acordo com Todorov (2012, p.76-78) permitem dar forma aos sentimentos, ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem. O escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. Para esse pesquisador, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala o aparelho de interpretação simbólica do leitor, desperta a capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial.

O conto é uma modalidade de narrativa de ficção, que de acordo com Silva (2009, p.74) é relativamente recente, e teve suas bases principais estabelecidas pelo americano Edgar Allan Poe. Coelho (2000, p.105) defende que o conto é a forma literária básica, pelo predomínio da forma e da capacidade de transmitir os vários fragmentos da vida ou situações particulares que são exemplares para a vida de todos os homens. A autora orienta que, para analisar os elementos constitutivos de um conto é importante fazer um detalhamento sobre a sua estrutura.

As obras ficcionais de Guimarães Rosa têm esse poder de abalar as estruturas lógicas do leitor e, por isso, podem ser abordadas extrapolando a forma e conteúdo, pois em seus contos é possível perceber um misto de saberes que proporciona aos leitores o incremento de seu repertório cultural aliado à construção de um pensamento crítico e reflexivo. Para adentrar no universo dos contos que compõem o *corpus* da pesquisa torna-se imprescindível a descrição da narrativa de cada conto, pois é possível observar diversos saberes sedimentados, como o histórico, o sociológico e o filosófico, que perdem seu status de conteúdo específico para

integrar-se numa totalidade. Esses elementos aparecem nos contos por meio da estrutura narrativa: enredo, sucessão temporal, personagens, espaço(s), narrador cuja identificação constitutiva é requisito básico para o sexto ano do Ensino Fundamental, e relevante para todos os leitores de Guimarães Rosa.

A escolha dos quatro contos foi devido à relação que pode ser estabelecida entre eles. Os primeiros contos- que serão trabalhados no primeiro módulo - têm o objetivo de motivar os alunos para a leitura, tendo em vista a familiaridade dos contos de fada, elegeu-se o conto “Fita Verde no Cabelo”, publicado na Antologia Completa do autor, que faz uma releitura de um clássico da literatura infantil “Chapeuzinho Vermelho”. Os dois contos que serão trabalhados no segundo módulo, podem ser trabalhados em dupla pauta em um movimento de analogia constante.

4.4.1 Apontamentos dos Contos *Chapeuzinho Vermelho* e *Fita Verde no Cabelo: uma nova velha estória*

As narrativas orais são tão antigas quanto a história da humanidade, e integram saberes de todos os povos, trazendo ao longo da história, recriações que fazem de cada versão uma nova história. As histórias tradicionais se integram a diferentes espaços físicos, sociais e simbólicos. Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, era uma história contada oralmente em certas regiões da Europa há alguns séculos. Os irmãos Grimm, na Alemanha do século XIX, compilaram contos da tradição popular e recriaram esse conto.

No Brasil, há várias versões de chapeuzinho vermelho, dentre elas, a *versão “Fita verde no cabelo: uma nova velha história”*, escrita por Guimarães Rosa. O texto de *Chapeuzinho Vermelho* entra nessa rota didática como ponte para a construção de sentido, a partir dos diálogos que serão estabelecidos com *Fita verde no cabelo*, ora se aproximando, ora subvertendo e legitimando a ideia do conhecido rumo ao desconhecido.

De acordo com Silveira et al (2012, p.15), na história contada pelos irmãos Grimm, a “criança é apresentada, para os leitores, como um sujeito a ser ensinado e formado por meio do castigo, mas tendo uma segunda chance de redenção”. O conto narra a história de uma menina chamada *Chapeuzinho Vermelho* que foi visitar a avó que morava distante e estava doente. A mãe de Chapeuzinho queria notícias da vovozinha e mandou a filha fazer-lhe uma visita, levando alguns doces. O caminho era longo e passava por uma floresta e foi nesse lugar que a menina encontrou o Lobo-Mau, que, fingindo ser amigo, aproximou da menina com segundas

intenções. De maneira intencional, propôs que a mesma pegasse outro caminho, no entanto, seu objetivo era distrair a menina e mais tarde comer tanto a neta quanto a avó. Ela tomou um caminho mais distante e, ao chegar à casa da avó, se surpreendeu, pois a achou um tanto diferente. Na verdade, o astuto Lobo-Mau chegara antes, devorara a vovó e deitara em sua cama, se passando por ela. Ao chegar, a menina chamou a avó, mas é o lobo que a atende, e em seguida, come a menina. Apesar disso, ela é socorrida por caçadores que tiram a avó e a neta da barriga do lobo.

No conto de Guimarães Rosa, a personagem vive em uma aldeia, um lugar tranquilo, mas, no campo psicológico, habita no entre lugar, pois apesar de ser descrita como uma criança em certos momentos, age com muita maturidade. *Fita Verde no Cabelo: nova velha história*, narra a história de uma menina que vivia em uma aldeia, com sua mãe e os demais moradores que levavam uma vida singular. Um dia, sua mãe a pediu que fosse à casa da avó para levar um pote de doce em calda. E a recomendou que, na volta, lhe trouxesse framboesa. A “menininha” como a nomeia o narrador, decide enfeitar-se com uma fita no cabelo e sai pelo bosque em direção à casa da avó. No meio do caminho, o leitor fica sabendo da ausência do lobo por meio do narrador que esclarece que o animal já havia sido morto pelos lenhadores. Ela, então, cheia de coragem, decide pelo caminho mais longo e, no percurso, se aventura com as sutilezas do caminho. Ao chegar à casa da vovozinha, a encontra muito debilitada e percebe que perdeu seu laço de fita no trajeto e está com muita fome. Descobre então, que só lhe resta presenciar a morte da vovozinha.

Souto (2010, p.9) enfatiza que, na versão de Guimarães Rosa, “a narrativa Fita-Verde desponta como a história da passagem da infância à maturidade pelo conhecimento e entendimento da morte”, pois a demora da menina para chegar à casa da vovó é o fio condutor da trama. Ao chegar à casa da avó, ela percebe que perdeu muito tempo no caminho e, já sem a fita verde no cabelo, suada, “com fome de almoço, espoliada, vê a avó tão só e pela primeira vez parece que vai ter algum juízo”, sente-se culpada por ter deixado a avó sozinha, enquanto se divertia “em ver as avelãs do chão que não voaram”. Após a leitura, é possível perceber que vários elementos se aproximam se distanciam e outros se subvertem.

As duas versões podem constituir um significado especial ao universo infantil, pois a diferente perspectiva pode levar o leitor a compreender que o gênero pode sofrer variações pelo autor, mas a essência do conto de fada foi preservada. Partindo dessa premissa, o mediador deve levá-los a compreender as diferentes abordagens realizadas a partir de uma mesma temática, inclusive que, embora a estrutura também se distinga, as duas versões revelam um momento significativo na vida da personagem, característica inerente aos contos.

4.4.2 Apontamentos dos Contos “*As margens da alegria*” e “*Os Cimos*”

Em “*As Margens da Alegria*”, o protagonista é um menino que faz uma viagem de avião até a casa do tio em uma cidade em construção, provavelmente Brasília. É do alto (do avião) que ele vai desbravando as paisagens externas. Elas despertam sensações diversas, desde o encantamento nas alturas ao desapontamento na terra. O conto em tom lírico reflexivo, narra a primeira viagem de um menino, a descoberta do mundo: a crueldade representada pela morte do peru, além da beleza e da alegria representadas pelo aparecimento do vaga-lume.

Já no conto “*Os Cimos*”, o protagonista é o mesmo Menino, da estória anterior, agora em sua segunda viagem. Estabelece diálogo com o conto antecessor, porém, o menino faz, aqui, sua viagem “não mais no feliz”, mas na agonia, pois sua Mãe corre um sério risco de morrer.

Nos dois contos, enredo, história, trama, assunto, ou *estória* como nomeia o autor, são apenas rótulos que podem ser atribuídos à narrativa, porque o grande destaque está na forma autêntica como a matéria literária é construída: a efabulação, o gênero, o tipo de personagem, a linguagem, todos esses aspectos, conforme Paulo Ranói em prefácio de “*Primeiras estórias*”, são capazes de suscitar as mais vastas interpretações.

Os dois contos se passam no mesmo cenário, em que o desenvolvimento do enredo permite-nos dizer que a cidade que está sendo construída é Brasil.

CAPÍTULO 5- PERCURSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR COMPETENTE

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”

Guimarães Rosa

O presente capítulo consiste na apresentação das estratégias metodológicas utilizadas e desenvolvidas nessa pesquisa. Na primeira etapa, caracteriza-se a pesquisa, o contexto e seus participantes e na segunda etapa descreve-se o percurso metodológico utilizado visando contribuir com a formação do leitor literário. Este, foi desenvolvido em dois módulos, totalizando 25 etapas priorizando a leitura, e em algumas etapas favorecendo a escrita e a reescrita de um conto.

5.1 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa consistiu em um estudo de intervenção, de natureza qualitativa em que se propôs, através de um percurso metodológico organizado em etapas, contribuir com a formação do leitor literário. A rota didática é permeada pela teoria de Rildo Cosson (2006) que prevê uma sequência básica que busca através de quatro etapas, contribuir com a formação de um leitor proficiente. Elegeu-se assim, a pesquisa qualitativa que parte do pressuposto de que há uma relação dinâmica entre o mundo, a realidade e o sujeito, preponderando uma interdependência entre sujeito e objeto.

Segundo Chizzotti (2001, p.79), o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o pesquisador, nessa perspectiva, é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta o fenômeno, atribuindo-lhe um significado.

Os módulos foram planejados, mas eles não foram fechados, isso possibilitou que no desenrolar das atividades, fosse revista a rota em função da participação e interação dos alunos. Na formação do leitor literário na escola é preciso que o professor crie um conjunto de ações visando alcançar determinados fins, bem como modos de proceder adequadamente, para processar com eficiência a interpretação dos textos. Uma das estratégias que se propôs na presente pesquisa foi estabelecer um diálogo entre a leitura, a autoria, a escrita, a reescrita, a leitura do próprio texto literário.

Os participantes da pesquisa foram 22 alunos matriculados no 6º ano da Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira” no município de Ibitité, Minas Gerais. Os dados

dos alunos foram coletados no decorrer das atividades desenvolvidas, através de observações da leitura e da produção escrita. A esse respeito, Chizzotti (2001, p.84) entende que dados são fenômenos que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes que se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos cujos conhecimentos são necessários para descobrir a sua real essência. Por isso, nesse contexto de pesquisa, todos os dados e fenômenos foram importantes: a frequência, a interação, a produção escrita e o silêncio, pois revelaram através das experiências relatadas, representações que ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa.

A coleta de dados ocorreu através de filmagem das aulas, de depoimentos dos alunos a respeito das obras, de fotografias, e de análise das produções escritas e de intervenções orais.

Os dados foram coletados iterativamente, num processo de idas e vindas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com os participantes. A percepção de receptividade das atividades propostas foi analisada e avaliada durante todo o processo. Tocante aos instrumentos necessários para a execução da pesquisa, os alunos e/ou seus responsáveis assinaram os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE, TALE), o Termo de Autorização de Uso da Imagem e Voz, aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gérias e pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CONEP), além disso, a pesquisadora utilizou o celular, equipamentos de multimídia, livros de Guimarães Rosa, lista de verificação e constatação, sala de aula, biblioteca e sala de vídeo, e um diário de registro da pesquisadora, onde a mesma organizava a sequência a ser trabalhada e anotava as observações a respeito do desenvolvimento das etapas.

5.1.1 Os participantes

Os participantes dessa pesquisa são 22 alunos, matriculados no sexto ano (turma 601), na Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira” com idade entre 10 a 14 anos e são oriundos da redondeza da escola. Todos vieram de escola pública, e em sondagem inicial, observou-se que, menos da metade, se considera leitora. Alguns disseram que não gostavam de ler, embora relatassem que nas escolas por onde passaram, já haviam lidos os contos de fadas (de diversos autores).

Na turma, quatro alunos não são alfabetizados, ou seja, não conseguem ler textos simples, e por isso, as atividades desenvolvidas na pesquisa foram realizadas de maneira colaborativa em grupo, em trio, em dupla ou oralmente com a turma toda. A pesquisadora

pertence ao quadro efetivo e desde 2013 trabalha nessa escola. Dedicase a projetos de letramento literário envolvendo os professores e os alunos.

5.1.2 Panorama da Intervenção

O desenvolvimento do projeto se ancora na contextualização do panorama e incentivo da leitura no Brasil, na aplicação de uma rota de leitura literária (organizada em dois módulos, totalizando 25 etapas), na análise dos dados gerados (escrita e reescrita de reconto).

Na primeira parte, contextualiza-se o cenário de incentivo à leitura, através das leis e diretrizes, do letramento literário e do universo de Guimarães Rosa. A literatura de Rosa é complexa e há um mito de que alunos do Ensino Fundamental não conseguem compreendê-la. No entanto, uma das hipóteses que motivou a pesquisa é que o desenvolvimento de estratégias para a leitura literária pode contribuir de maneira significativa na formação de um leitor proficiente. Sendo assim, a segunda etapa foi organizada em dois módulos de leitura: o primeiro com os contos *Chapeuzinho Vermelho* e *Fita verde no cabelo: uma nova velha estória* (com oito etapas) e o segundo com os contos “*As margens da alegria e os Cimos*”, (dezessete etapas) de leitura, de escrita e de reescrita. A produção escrita leva em conta a possibilidade de o leitor ser leitor de seu texto.

No primeiro módulo, as atividades contempladas foram: leitura silenciosa, leitura oral, leitura com pausa protocolada, escrita e reescrita. Para o reconto, a proposta foi realizada em grupo, dividindo a sala em quatro grupos e cada um deles escreveu dando ênfase em uma das personagens dos contos. Ressalta-se que a produção escrita teve o objetivo de verificar a compreensão dos contos e o conhecimento prévio dos alunos implícito e explícito na produção. Nessa etapa, os alunos tiveram liberdade de recontar com base na versão dos irmãos Grimm ou de Guimarães Rosa.

No segundo módulo, com os contos “*As margens da alegria e Os cimos*” foram desenvolvidas atividades de leitura oral, glossário ilustrado, produzido em grupo pelos alunos e apresentado para a turma pela professora pesquisadora, além da leitura com pausa protocolada. Buscando explicitar o paralelismo entre os contos, traçou-se assim, uma dupla pauta evidenciando os elementos linguísticos (aforismos, neologismos, metonímias, etc), as retomadas, e vários aspectos referenciados nos dois contos.

Na produção escrita, a proposta foi recontar a história unindo os dois enredos. Na orientação da produção do reconto, a pesquisadora os orientou a fazer apropriação de

fragmentos roseanos para tecer o reconto. Os alunos, organizados em dupla, trio ou individualmente escreveram e reescreveram os seus contos de maneira colaborativa. A terceira etapa da pesquisa corresponde à análise de dados gerados. Primeiro, analisa-se o primeiro módulo com a escrita e reescrita do reconto.

A professora pesquisadora analisou e refletiu sobre a compreensão do enredo, sobre a estrutura, sobre a leitura e as etapas realizadas, além da interação e da participação dos alunos nos grupos de trabalho. No segundo módulo, foi analisado o processo de escrita e reescrita. A rota didática literária teve como base os pressupostos da sequência básica, e embora não explicitasse os passos em todas as etapas, a execução da proposta foi guiada por ela, levando em conta à motivação, a introdução, a leitura, a interpretação, requisitos teóricos que foram testados anteriormente para a pesquisa.

5.2 Sequência Básica

O desenvolvimento dessa pesquisa se sustenta no modelo de *Sequência Básica* baseada nos pressupostos de Rildo Cosson (2006, p.55) que apresenta uma proposta de letramento literário dividida em: motivação, introdução, leitura e interpretação. No caso específico desta pesquisa, será incluída também o reconto e a reescrita do reconto.

O estudioso salienta que é importante um trabalho de motivação para despertar o interesse dos alunos. Para ele, a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto e nem o leitor (*Idem*, p.56). A introdução consiste na apresentação física da obra e do autor, momento em que se relaciona, se justifica a opção pela obra a ser estudada. Referente à apresentação do autor, o pesquisador adverte que ela não deve ser longa e, se possível, deve estar relacionada ao texto que será lido.

A etapa de leitura é o momento em que se conhece o enredo da história, fase em que o professor acompanha a leitura resgatando informações dos alunos, visando auxiliá-los em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura. Deve ser observado o andamento da narrativa, motivando os alunos para a leitura, dando alguns vestígios, pois não atrapalham a leitura, e retratando que o que nos leva a ler um clássico, por exemplo, é a experiência estética que ele propicia e não simplesmente a história que conta.

A última etapa, a interpretação, divide-se em dois momentos: momento interior e momento exterior. O momento interior está relacionado à decodificação e apreensão global da obra, à construção do sentido do texto por meio da constituição de inferências, através da interação entre autor, leitor, comunidade e contexto sociocultural, por meio de debates e

discussões entre os alunos. E o exterior leva em conta a história do aluno enquanto leitor, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura, fatores esses que contribuem favorável ou desfavoravelmente para esse momento.

Ampliando o modelo de Rildo Cosson, será incluída a prática de escrita do reconto do texto literário que possibilita à percepção do que o aluno compreendeu. Para tanto, foram propostas atividades que contemplaram a leitura de dos contos de Guimarães Rosa com uso de estratégias de leitura, pensadas com base na interação entre aluno leitor, texto, autor e a mediação.

CAPÍTULO 6. APLICAÇÃO DA ROTA DIDÁTICA: COMPREENDENDO O PERCURSO

“A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por linhas tortas...”.

Guimarães Rosa

A transformação dos alunos em bons leitores, de acordo com os PCNs (1998, p.43), requer a aquisição de competências e exige o desenvolvimento, no aluno, da capacidade de ler, do gosto e do compromisso com a leitura, da mobilização para a aprendizagem. Para tanto, foram observadas a interação entre os alunos durante a realização das propostas, registros por meio de diário reflexivo da pesquisadora, fotos. O percurso teve duração de seis meses, totalizando 25 aulas, mas durante esse tempo, houve greve, o que prejudicou um pouco algumas etapas.

A aula de apresentação da proposta ocorreu no dia 8 de maio de 2018, com a presença dos pais/ responsáveis e a vice-diretora do turno da tarde. A professora pesquisadora explicou aos pais sobre a pesquisa e como procederia na sua aplicação em sala de aula. Muitos ficaram felizes com a possibilidade de os filhos melhorarem a leitura. Foi explicado aos pais e alunos a importância de se aplicar uma rota didática literária em sala de aula visando a formação leitora do aluno.

Houve algumas perguntas que foram esclarecidas pela pesquisadora, e na ocasião, a mesma deixou claro que os alunos eram livres para participar ou não e poderiam inclusive desistir, se fosse o caso. A professora perguntou se todos estavam cientes da participação na pesquisa e todos os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento. Uma mãe pediu para que no fim da aplicação, lhes dessem um retorno sobre o projeto.

Conforme proposta de Cosson (2006), os alunos precisam ser motivados para a leitura em todas as aulas. De maneira implícita ou explícita, buscou-se motivá-los, fazendo o convite à leitura e a adesão à proposta, que foi organizada em etapas, ora centrando na leitura e na compreensão do texto e ora na produção escrita. A etapa organizada nos moldes da sequência básica do autor, priorizou o convite à leitura, a motivação, a leitura e a interpretação do texto. Os textos selecionados oportunizarão a aplicação da rota didática literária em sala de aula, em um movimento contínuo.

6.1 - 1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: nova velha estória

Tempo previsto para a aplicação da sequência básica do 1º módulo: 8 aulas de 50 minutos

1ª Etapa

Data: 09 de maio de 2018

Gênero: contos

Público Alvo: 6º ano

Livro: Alfabetização: livro do aluno. Versão dos Irmãos Grimm veiculadas no site “Domínio Público” organizado por Ana Rosa Abreu e Colegas.

Tema: Leitura literária do conto “Chapeuzinho Vermelho”

Contexto: sala de Aula com cadeiras organizadas em círculo.

Metodologia com enfoque integrado no 1º módulo: motivação, leitura, interpretação, análises, sínteses, revisão, reflexão e produção escrita.

Base teórica norteadora das etapas: Sequência Básica de Rildo Cosson (2006).

Metodologia da 1ª etapa: motivação, leitura e interpretação.

Objetivo a ser alcançado: a aula tem o objetivo de promover a leitura do conto através de estratégias de motivação para a leitura e a interação com o segundo módulo.

Duração: 50 minutos.

Recursos: texto “Chapeuzinho Vermelho” extraído do livro de alfabetização; livro do aluno na versão dos Irmãos Grimm

Técnicas didáticas da 1ª etapa: leitura silenciosa e leitura em voz alta.

Estratégias: Nessa primeira etapa, como convite à leitura, a professora fará perguntas relativas à história de “Chapeuzinho Vermelho” e sobre as outras versões do conto, a saber:

- Vocês já ouviram contos que lembrem a história de chapeuzinho vermelho?
- Quais?
- Vocês já leram a versão dos Irmãos Grimm?
- Conhecem outras versões? Quais?
- Geralmente os pais contavam história para seus filhos. Isso acontece hoje? Por quê?

A partir das perguntas e de acordo com as respostas dadas pelos alunos, a professora irá propor novas perguntas buscando a motivação para a leitura. Em seguida, os alunos receberão o extrato do conto “Chapeuzinho Vermelho”, na versão dos irmãos Grimm. A primeira leitura será

realizada em sala de aula, de forma silenciosa. Após a leitura, a professora trabalhará oralmente a compreensão do texto partindo do entendimento dos alunos, ampliando a leitura.

Observações da pesquisadora: O propósito da aula foi alcançado tendo em vista que a atividade foi elaborada visando a motivação para a leitura. Os alunos, por sua vez, aceitaram a proposta e participaram ativamente da aula. Ao responder às perguntas, todos queriam falar de uma vez só e a professora propôs os turnos de fala para que todos tivessem a oportunidade de participar e ouvissem os demais. Finalizando essa primeira mediação, foi proposto aos alunos que se organizassem para a leitura. Em círculo, os alunos fizeram a leitura silenciosa do conto de fadas proposto e, após essa etapa, a professora leu novamente a história em voz alta. Todos os alunos disseram que se lembravam de histórias parecidas com a de chapeuzinho vermelho. Eles citaram: chapeuzinho amarelo, chapeuzinho colorido, chapeuzinho vermelho de raiva, chapeuzinho vermelho: a verdadeira história, Capuchinho Vermelho, chapeuzinho vermelho; uma história atrapalhada, chapeuzinho vermelho e o lobo mau, o pica-pau e chapeuzinho vermelho, chapeuzinho vermelho e o lobo bom, e disseram que em todas as escolas que frequentaram, os professores leram algumas dessas histórias. A professora interveio perguntando se eles haviam lido essa versão dos irmãos Grimm e a maioria disse que a versão que conhecia era diferente. Sobre a contação de história na infância, apenas uma aluna se lembrava do pai contando histórias para ela dormir. Então, perguntei para a turma por que os pais já não contam tantas histórias e eles associaram à falta de tempo, ao trabalho, à vida corrida. Em relação à percepção de leitura do conto referenciado, um aluno, que tem senso crítico apurado e participa de todas as discussões em sala, disse que não gostou da história de chapeuzinho vermelho porque é uma “história falsa”, “cheia de brava”, pois é impossível acontecer tanta coisa numa história (ele se referiu à parte que o caçador abre a barriga do lobo e de lá sai chapeuzinho vermelho e a vovozinha, sem danos). Perguntei à turma se eles concordavam, alguns disseram que sim, mas a maioria dissera que não e um aluno respondeu que ele gostou da história, pois esse conto especificamente, nos passa o ensinamento de que não devemos confiar em todas as pessoas. Na oportunidade, mencionei que as histórias orais ajudam, de uma forma organizada, a compreender os ensinamentos, valores sociais, religiosos e educacionais, normas, comportamentos. Além disso, ajudam a desenvolver a personalidade das crianças, pois discutem valores, sensações, sentimentos como o bem x o mal, a ingenuidade x a esperteza, o medo x a coragem, a morte x a vida. Sintetizamos coletivamente a leitura e refletimos sobre as várias versões contadas e escritas da história de Chapeuzinho Vermelho. Essas versões colocam em evidência o potencial da literatura, algumas com adição ou

diminuição de elementos de acordo com cada autor. Ficou agendado que, na próxima aula, conheceríamos uma dessas versões.

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

2ª Etapa

Data: 15 de maio de 2018

Gênero: contos

Tema: Leitura literária do conto “Fita Verde no Cabelo: uma nova velha estória”.

Livro: conto extraído do livro Meus primeiros contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Antologia de Contistas Brasileiros vol. 3, 2001.

Contexto: sala de Aula com cadeiras organizadas em círculo.

Duração: 50 minutos em sala e atividade extraclasse.

Recursos utilizados: texto “Fita verde no cabelo: uma nova velha estória” extraído da Antologia de Guimarães Rosa, atividade elaborada pela professora.

Metodologia para a 2ª etapa: motivação, leitura, compreensão e interpretação.

Objetivo a ser alcançado: a aula tem o objetivo de promover a leitura do conto de Guimarães Rosa e espera-se que os alunos percebam uma aproximação entre os dois contos (a versão dos irmãos Grimm e a de Guimarães Rosa) que ora se aproximam e ora se distanciam. O convite à leitura será realizado através de estímulos. Após a motivação, a professora proporá a leitura do conto e, em um processo contínuo de convite à leitura, apresentará a leitura através de pausa protocolada, fazendo interrupções intencionais do conto. Pretende-se ampliar os limites de leitura dos dois contos através de uma lista de atividades de localização, de identificação das ações e caracterização de cada uma das personagens. Espera-se que os alunos consigam identificar alguns aspectos relacionados à estrutura dos contos. A atividade de compreensão será realizada em casa e espera-se que eles consigam identificar em uma lista, quais as características e comportamentos são de chapeuzinho vermelho e quais são de fita verde.

Técnicas didáticas: leitura silenciosa e leitura com pausa protocolada, atividade escrita.

Estratégias: Partindo do fato de que os alunos já leram o conto de chapeuzinho vermelho, a professora entregará para eles uma cópia do conto “Fita verde no cabelo: uma nova velha história”. E procederá da seguinte forma:

- Leia apenas o título. (pausa para a interação). Dá para prever, a partir do título quem é Fita verde no cabelo?
- O que o título do texto nos sugere?

- Porque o autor utilizou a palavra velha e nova no mesmo contexto?
- Você sabe o que é uma estória?
- Você já contou uma estória para alguém?

Após essa sensibilização, a professora pedirá aos alunos para lerem o conto *Fita verde no cabelo: uma nova velha estória* de Guimarães Rosa. Durante a leitura dos alunos, a professora deverá observar como estão processando a leitura e em seguida abrirá a discussão sobre as impressões de leitura (se acharam fácil ou difícil). Conduzirá a leitura com pausa protocolada, fazendo interrupções intencionais, visando ampliar os limites da primeira leitura. Após essa etapa, a professora exibirá uma animação baseada no conto <https://www.youtube.com/watch?v=cz-rpyFwqAQ>, com a finalidade de ampliar a leitura e conhecer outro suporte de leitura.

Observações da Pesquisadora: os alunos participaram de todas as atividades propostas de maneira efetiva. Na leitura silenciosa, foi possível acompanhar através de gestos faciais, o desconforto provocado pelo desconhecimento de algumas palavras e por diversas vezes houve solicitações de esclarecimento de dúvidas. Na percepção da leitura, os alunos falaram sobre a dificuldade com algumas palavras desconhecidas (neologismos), com as inversões, com a linguagem utilizada pelo autor. Um aluno disse que “parece que o escritor estava com preguiça de escrever, pois usa poucas palavras para dizer muitas coisas”. Então, através da pausa protocolada foram discutidos alguns aspectos relativos à estrutura do conto, à língua, à estética, à linguagem utilizada. Ao relacionar os dois contos, eles disseram que em algumas partes, o conto de Guimarães Rosa aproxima da versão dos irmãos Grimm, mas em outras partes não. Afirmaram que há em comum a mãe, a menina, e a vovozinha em ambos os contos. No entanto, em “Fita verde no cabelo” o distanciamento ocorre devido à morte da vovozinha e a ausência do lobo mal. Questionados se conseguiriam assinalar mais diferenças entre as personagens, eles disseram que sim e uma lista de constatação foi realizada coletivamente com destaque para algumas diferenças: bosque X floresta, cesto de bolo X cesto e pote, porta com trinco X porta com ferrolho, etc. Foi possível perceber que os alunos tiveram mais dificuldades ao ler o conto de Guimarães Rosa porque no primeiro momento, as palavras desconhecidas se tornaram obstáculos para a compreensão e também porque era a primeira vez que liam um conto do autor. Ao realizar a leitura com pausa protocolada, eles participaram das intervenções e conseguiram perceber que os contos apresentam o mesmo tema, mas a estética utilizada é diferente. Embora a linguagem seja mais elaborada no conto de Guimarães Rosa, eles conseguiram apontar as diferenças fundamentais entre os dois contos. A exibição do vídeo de animação promoveu o

entendimento de que podemos realizar leituras em outros suportes, no entanto, a sensação é distinta.

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

3ª Etapa

Data: 4 de junho de 2018

Gênero: contos

Tema: Leitura literária: explorando a leitura

Objetivo a ser alcançado: a aula tem o objetivo de ampliar o processamento da leitura através de uma atividade que explore as evidências presentes nos dois textos, o conhecimento prévio e a geração de inferências. O foco é a tomada de decisões provisórias do leitor a serem firmadas, rejeitadas ou aprimoradas à medida que as informações parciais são processadas. Nessa atividade, os alunos deverão identificar informações explícitas e implícitas.

Duração: 50 minutos

Estratégias: A professora passará aos alunos uma atividade de múltipla escolha, explorando, nas questões, a relação de evidências, os conhecimentos prévios e as inferências.

Recursos utilizados: atividades xerocadas

Avaliação da pesquisadora: A aula teve o objetivo de verificar a compreensão dos alunos sobre os aspectos estudados nos dois contos. Na atividade, espera-se que os alunos estabeleçam relações entre as situações novas e antigas, e que evidenciem as características das personagens, a situação de cada uma dentro do enredo, os conhecimentos prévios. A atividade proposta abordou questões de localização, de conhecimento prévio, de evidências e de inferências. Nas questões relativas à localização, ao conhecimento prévio e às evidências, eles tiveram mais facilidade. E tiveram certa dificuldade nas questões de inferências. Levando em consideração que a inferência é uma capacidade do leitor maduro, pode-se dizer que os alunos tiveram um bom desempenho. Percebi que a greve dos profissionais da educação na escola prejudicou a sequência da realização das atividades propostas. Após o período de greve, sondei a turma sobre os dois contos lidos e muitos alunos tinham esquecidos de elementos essenciais do conto. Para que eles conseguissem responder às questões, li novamente o conto, mesmo assim, percebi uma certa insegurança ao realizar a atividade. Dessa maneira, foi possível verificar que o leitor no processo de leitura e compreensão desempenha um papel ativo, sendo as inferências um processo cognitivo relevante que possibilitam a construção de novos conhecimentos a partir de

dados previamente existentes na memória do interlocutor, os quais são ativados e relacionados às informações veiculadas pelo texto. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que a interpretação se dê concomitante à leitura. Em relação à capacidade de fazer inferências, cabe ao professor compreender que alunos dessa fase escolar são capazes de fazer inferências, embora esta capacidade seja limitada por fatores cognitivos e pelo alcance de situações nas quais possam utilizar sua habilidade inferencial. Acredito que as dificuldades foram relativas a distância de uma etapa para a outra e não da capacidade do aluno.

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

4ª Etapa

Data: 05 de junho de 2018

Gênero: contos

Público Alvo: 6º ano

Tema: Leitura literária: conhecendo a estrutura narrativa

Contexto: sala de vídeo com alunos organizados em círculo.

Objetivo a ser alcançado: O objetivo é que os alunos sejam capazes de identificar os elementos estruturais dentro de uma narrativa. Espera-se que eles ampliem a visão sobre a tessitura da narrativa, os elementos estruturais de um conto: narrador, personagem, tempo, espaço, enredo. É importante que os alunos identifiquem essas características gerais em cada conto para que sejam utilizados no reconto.

Duração: 50 minutos

Recursos: data show, computador.

Metodologia com enfoque integrado: tessitura, estrutura e análise do conto.

Técnicas Didáticas: exposição da base teórica do conto e participação oral dos alunos

Estratégias: a professora convidará os alunos para ir à sala de vídeo e apresentará uma aula expositiva (utilizando o data show) sobre a estrutura geral de conto. A parte teórica tem a finalidade de apresentar aos alunos a tessitura do conto e os aspectos estruturais de um enredo (a apresentação; o desenvolvimento destacando a complicação com a quebra da situação inicial e o estabelecimento do conflito; o clímax e o desfecho). A aula visa proporcionar certo conhecimento sobre o assunto, tendo em vista que eles serão convidados a escrever. Para escrever um conto, é importante observar alguns aspectos da sua composição: as personagens principais, o que acontece na história, em que tempo e em que lugar se passa a história narrada,

quem narra, de que maneira, ou seja, o ponto de vista do narrador. O leitor deve adentrar no universo do conto desde a sua introdução, que constitui o começo da história, na qual o narrador apresenta os fatos iniciais, revela os protagonistas e eventualmente demarca o tempo e/ou espaço. O enredo deve ter fatos organizados de acordo com uma sequência lógica de acontecimentos. Além disso, o conflito é a parte elementar de toda essa “trama”, pois ele possibilita a motivação ao leitor/ouvinte, instigando-o a se envolver com a história. E para que haja essa interação, os fatos devem conferir uma logicidade. Como modelo, na aula, a estrutura será detalhada no conto “Fita verde no cabelo: uma nova velha estória”, para que eles conheçam e possam utilizar na reescrita do conto. Em seguida, a professora proporrá a divisão em grupos de trabalhos para que eles façam um planejamento do reconto pensando no enredo e na estrutura do reconto com: introdução, complicação, clímax e desfecho.

Avaliação da pesquisadora: acredito que o objetivo da aula foi alcançado, pois eles contribuíram com a discussão utilizando o conhecimento prévio. Em cada slide, eles tiveram a oportunidade de comentar sobre a estrutura em algum dos contos lidos em sala. Algumas sequências narrativas estudadas em sala anteriormente serviram de referência para um melhor entendimento. Então, aproveitei esse momento para falar sobre a produção escrita, que seria um trabalho coletivo e muitos gostaram da ideia. Pedi, então, para que eles utilizassem o restante da aula para planejar a história. Fiz o sorteio da personagem que cada grupo irá evidenciar na narrativa, e ficou acordado que o primeiro grupo dará destaque à personagem do Lobo mau, o segundo grupo contará a história evidenciando a Chapeuzinho Vermelho, o antepenúltimo grupo evidenciará os caçadores e o último grupo a vovozinha. Além disso, os orientei para que durante a semana, eles pensassem no enredo, nas personagens, ou seja, em tudo que uma boa narrativa precisa. O conto será narrado em terceira pessoa, ponto de vista dos narradores dos contos estudados.

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória
5ª e 6ª Etapa

Data: 12 e 19 de junho de 2018

Gênero: contos

Tema: Reconto do texto literário

Objetivo a ser alcançado: o objetivo é promover a produção escrita. Espera-se que os alunos façam um reconto tendo como base os dois contos, focalizando os aspectos literários.

Duração: 100 minutos

Estratégias: a professora pedirá aos alunos que façam uma produção escrita com base nos dois textos. Para esta atividade, a turma foi previamente dividida na aula anterior em 4 grupos. Cada grupo irá contar a história sob o ponto de vistas das personagens: da netinha, vovozinha, dos trabalhadores e do lobo mau. A professora deverá acompanhar o processo de escrita, dialogando com os grupos a fim de verificar a participação coletiva de todos os integrantes na atividade.

Recursos utilizados: uma folha de rascunho e uma folha oficial para a produção.

Avaliação da pesquisadora: os alunos foram organizados anteriormente em grupo e começaram as atividades. O grupo que tinha a tarefa de reescrever a história destacando a personagem da vovozinha, começou a escrever com muita liberdade. Os integrantes estruturaram o enredo e se empenharam coletivamente na realização da tarefa. O grupo com destaque na personagem do lobo mau, teve dificuldade na introdução da história, mas superado essa etapa, a história fluíu com facilidade, e eles prosseguiram com bastante autonomia. O outro que escreveu destacando a personagem da Chapeuzinho teve muita dificuldade, pois queriam trazer a história para a atualidade. Por diversas vezes, expliquei que era importante observar o tempo da narrativa e a personagem que seria destacada, mas não havia consenso suficiente entre os integrantes e a realização da tarefa para esse grupo, demorou mais tempo do que o previsto. O quarto, não aceitou as intervenções, inclusive um aluno disse que era uma simples história e que não precisavam fazer um planejamento para escrever um texto “perfeito”. No acompanhamento das atividades, percebi que esse grupo era composto por alunos que não tinha muita afinidade entre si. Não entraram em acordo sobre quem iria passar para o papel as ideias dos demais e ficaram esperando que os outros realizassem as atividades. Apesar dos obstáculos encontrados no decorrer das aulas, a proposta foi cumprida. Para a escrita, eles elaboraram o enredo coletivamente e conduziram a narrativa até o final. Refletindo a proposta, verifiquei que os alunos têm muita pressa em cumprir a tarefa e ficam impacientes ao cumprir o passo a passo das etapas. Superadas as dificuldades encontradas no decorrer da aula, a produção dos alunos revelou que eles compreenderam os textos lidos. O objetivo do reconto é dar aos alunos a possibilidade de escrever um texto narrativo tendo como base textos anteriormente estudados em sala. Na mediação da atividade proposta, verifiquei que para que uma atividade seja produtiva, é necessário um planejamento da escrita e a organização da equipe para não haver dispersão. Durante o processo de produção se deve constantemente verificar se os objetivos propostos pelo grupo estão sendo alcançados. Os objetivos da aula foram alcançados, embora não houvesse uma aproximação dos contos produzidos com o conto de Guimarães Rosa, percebi que os alunos se esforçaram para cumprir o que estava proposto. Em relação à produção coletiva em sala de aula, foi importante constatar que os pontos de vista distintos, as rasuras, as setas,

as eliminações, os acréscimos fazem parte de um processo que vai além do motor. Essas marcas refletem um processo criativo que é realizado iterativamente com idas e vindas e que para que os alunos escrevam cada vez com mais autonomia, é importante ampliar seus limites de leitura. Além disso, notei que um trabalho de reconto em equipe promove a participação de todos, mas, para garantir que todos colaborem, o (a) professor (a) deve mediar a participação tanto coletiva quanto individual, pois é preciso que cada membro saiba o que deve ser feito em conjunto e o que cada um pode fazer separadamente. Nesse sentido, o professor deve estar atento e acompanhar a divisão das tarefas e estimular o grupo a compartilhar as informações e delegar as responsabilidades. Como a proposta é escrever focalizando uma personagem dos contos lidos, a divisão e o planejamento auxiliaram muito na produção coletiva.

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

7ª e 8ª Etapa

Data: 26 de junho de 2018 e 03 de julho

Gênero: contos

Tema: revisão da produção escrita pelos alunos

Contexto: sala de aula com os alunos organizados em grupo.

Duração: 100 minutos.

Recursos: lista de verificação organizada pela professora; extrato do conto produzido, folha para a reescrita.

Metodologia com enfoque integrado: verificação, avaliação e revisão.

Técnicas didáticas: posicionamento de análises diante da lista de verificação; reescrita.

Estratégias: em grupo, a professora passará a versão produzida para que outro grupo leia e verifique através de critérios pré-selecionados conforme a lista de verificação do reconto. Em seguida, os alunos farão as correções que eles julgarem necessárias para que assim façam uma avaliação objetiva e possam refletir a partir dos critérios estabelecidos. Espera-se que à medida que eles reescrevem os contos, possam aprender com os “erros”.

Observação da pesquisadora: na parte do reconto e da reescrita, os alunos perceberam que o leitor deve adentrar no universo do conto desde a sua introdução, que constitui o começo da história. Focalizar o ponto de vista da narrativa através do narrador que apresenta os fatos iniciais, revelar os protagonistas e eventualmente demarcar o tempo e/ou espaço. O enredo deve ter fatos organizados de acordo com uma sequência lógica de acontecimentos. Além disso, na

parte de reescrita, alguns alunos perceberam através da lista de verificação que é necessário apresentar um conflito que é a parte elementar de toda a “trama”, pois possibilita a motivação ao leitor/ouvinte, instigando-o a se envolver com a história. E para que haja essa interação, os fatos devem conferir uma logicidade. Dessa forma, esse evento de letramento na sala de aula contribuiu com a formação dos alunos/leitores porque foram apresentados aspectos relacionados à estrutura, um texto desconhecido e motivador e estratégias para levá-los a compreender melhor o conto de Guimarães Rosa. Além disso, notou-se que os alunos foram bem críticos com o texto do outro ao fazer a análise com a lista de verificação. No entanto, ao receber o texto de volta para a reescrita, perceberam que muitos dos aspectos criticados estavam presentes também nos seus textos, levando-os a repensar também a sua própria prática, pois o principal é que puderam se sentir escritores em uma nova velha estória.

6.2 - 2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

Tempo previsto para a execução do módulo: 6 aulas.

9ª Etapa

Data: 16 de julho de 2018

Gênero: Leitura Literária

Tempo previsto: 6 aulas

Tema: Leitura literária do conto “As margens da alegria”

Base teórica norteadora da etapa: sequência básica de Rido Cosson (2006)

Objetivo a ser alcançado: a aula visa promover o contato físico com o livro “Primeiras estórias” e serão explorados os aspectos textuais e paratextuais da obra. Espera-se que os alunos se sintam convidados à leitura da obra e que eles percebam a linguagem potencializadora de Guimarães Rosa.

Duração: 50 minutos

Estratégias: os alunos serão convidados a ir para a biblioteca e lá será formado um círculo para a realização da leitura. A professora fará a proposta para que cada aluno (um após o outro) vá à estante e pegue o livro, “Primeiras Estórias” de Guimarães Rosa, que estará indicado com o nome do autor e o título da obra. O primeiro contato com a obra deverá ser muito especial, pois é o momento em que os alunos poderão ter em mãos o livro, observar e ler elementos textuais e paratextuais da obra, tendo em vista, que na primeira etapa, foi utilizado um extrato de texto. A professora pedirá para que eles leiam somente o título do livro e após essa leitura, perguntará

qual o significado que eles dariam para a palavra “primeiras” e “estórias” nesse contexto, e sugerir um levantamento de hipóteses sobre a opção do autor em colocar “estórias”. Em seguida, pedir para eles abrirem a primeira página e ler o convite “Prezado leitor, prezada leitora” que se encontra no verso da capa. Observar a fotografia do autor e perguntar a eles se já conheciam esse autor. Ler o sumário e apontar quais serão os textos que serão lidos nesta pesquisa. Explorar os aspectos textuais e paratextuais da obra. Propor a leitura silenciosa do conto.

Recursos utilizados: livro “Primeiras estórias”.

Avaliação da pesquisadora: A aula teve o objetivo alcançado tendo em vista que os alunos se organizaram e cumpriram a etapa conforme proposto. Houve o levantamento de hipóteses e alguns alunos falaram que “primeira” está relacionada à primeira estória que o autor escreveu e “estórias” são os causos contados pelas pessoas e referiram aos “causos” contados pelos mais velhos. Perguntei se havia alguma diferença entre a palavra “história” e “estória”, alguns disseram que sim e outros apenas confirmaram. Segundo eles, “história” é um fato baseado na realidade e “estória” é apenas ficção, mas que pode ser algo ocorrido. Segundo um aluno, a palavra “margem” vem de marginal, que é um fora da lei e estabeleceram algumas analogias com referência à margem do caderno, à margem do caminho e à margem do rio. Eles conseguiram identificar as personagens, o narrador, o enredo, falaram da morte do peru, da destruição da natureza pelas máquinas. Na leitura, percebi que o trabalho com a linguagem não foi considerado e riram muito de algumas palavras como “peru”, “cascalho” e de algumas expressões utilizadas pelo autor. Diante dessa constatação, achei necessário trabalhar o vocabulário do conto, antes de exibir o áudio do conto em podcast. Pedi para que cada aluno anotasse no mínimo 10 palavras desconhecidas e me entregasse.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

10ª Etapa

Data: 23 de julho 2018

Gênero: Leitura literária

Tema: Produção de um glossário ilustrado.

Objetivo a ser alcançado: o objetivo é explorar o significado das palavras dentro do contexto do conto. Tendo em vista que os alunos levantaram um número considerável de palavras desconhecidas, dessa forma, propõe-se a criação de um glossário ilustrado das palavras

desconhecidas para os alunos. Para que eles se sintam motivados para a atividade, serão convidados para o Laboratório de Informática (LIN) com a finalidade de pesquisar o significado das palavras, a busca por imagem e realizar a confecção do glossário. Espera-se que, no final da aula, trabalhando em dupla, concluiremos a pesquisa.

Estratégias: as palavras retiradas do conto foram digitadas e a proposta é um trabalho em dupla com os alunos no LIN. Cada dupla se encarregará de três palavras para buscar o significado e uma imagem que retrate o sentido da palavra. A professora os orientará na busca das palavras no dicionário “Priberam da Língua Portuguesa” porque o mesmo já vem com as definições e a referência bibliográfica. Cada dupla deverá buscar o significado da palavra, colar no Word, em seguida, deverá buscar uma imagem que retrate seu significado para que o glossário fique completo.

Recurso utilizado: livro “Primeiras Estórias” e computador da sala de informática.

Avaliação da Pesquisadora: percebi que os alunos não conheciam muitas palavras no conto. Então, após a primeira leitura, pedi para que cada um deles anotasse no mínimo dez palavras desconhecidas. A seleção das palavras levou em conta os apontamentos dos alunos totalizando 26 palavras. No Laboratório de Informática, fiz as orientações sobre o procedimento eficiente de busca das palavras e das imagens. Ao finalizar a aula, todas as duplas haviam conseguido realizar a proposta. O objetivo da aula foi alcançado porque as duplas conheceram o significado das três palavras pesquisadas e ilustraram conforme o proposto. Além disso, pretende-se na próxima etapa apresentar à turma o trabalho realizado por eles, com ênfase na significação dentro do contexto de uso.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: AS MARGENS DA ALEGRIA

11ª Etapa -

Data: 30 de julho de 2018

Gênero: Leitura Literária: língua escrita: usos e formas

Tema: Conhecendo o glossário

Objetivo a ser alcançado: a aula visa apresentar aos alunos o glossário com o significado das palavras.

Duração: 50 minutos

Estratégias: O glossário será apresentado em slides e os alunos conhecerão o glossário completo, tendo em vista que a produção em dupla restringiu o resultado para as outras duplas. O glossário deverá ser apresentado levando em conta as várias entradas da palavra, o uso no

contexto brasileiro, o uso no contexto roseano. A professora deverá propor o levantamento de hipóteses, a inferenciação, e a significação.

Recursos utilizados: data show, computador e glossário realizado pelos alunos.

Avaliação da Pesquisadora: a aula foi muito dinâmica porque todos puderam conhecer o significado de todas as palavras que eles consideraram desconhecidas. Na apresentação do glossário, durante a exibição, a professora mostrava para eles a palavra e pedia para que os mesmos levantassem hipóteses sobre o significado. E, após o levantamento, ela exibia o significado e constatava se eles haviam acertado ou não. Por diversas vezes, eles não acertaram qual era o significado das palavras porque muitas estão diretamente associadas ao contexto rural ou a outra época. Como o significado das palavras fora de contexto não ajuda muito na compreensão, pedi para eles apontarem qual entrada era mais adequada para o contexto do conto de Guimarães Rosa e identificamos algumas palavras em que o significado do dicionário não era muito eficiente, como no caso da palavra “acorçôo” que define como “o mesmo que *acoroçoar*” e dessa forma exige novas pesquisas e a contextualização para o entendimento do significado da palavra. A palavra “betumadoras” não teve o significado apresentado porque nos dicionários pesquisados, a palavra não foi encontrada, mas dentro do contexto roseano foi possível inferir o significado da palavra.

MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

12ª Etapa

Data: 07 de agosto de 2018

Gênero: Leitura literária: leitura com pausa protocolada.

Tema: Leitura em voz alta

Objetivo a ser alcançado: a aula visa auxiliar na compreensão do texto através de intervenções durante a leitura. Visando ampliar o conhecimento dos alunos, as interrupções destacam a estrutura do gênero conto e a compreensão do texto.

Duração: 50 minutos

Recursos utilizados: livros e voz.

Estratégia: Os alunos sentados em grupo, na biblioteca, acompanharão a leitura do texto no livro. E as interrupções ocasionais terão a participação de todos os alunos. Nessa pesquisa, a pausa protocolada vai receber a sigla PP. E, nas interrupções, haverá as seguintes pausas:

- PP – Quem são as personagens dessa “estória”?

- PP – Quais as sensações vividas nesse contexto?
- PP - Você já viveu situação de euforia parecida a do menino?
- PP – O menino já conhecia essa cidade?
- PP - Você já fez uma viagem que te surpreendeu como a viagem desse menino?
- PP – Qual o cenário dos fatos?
- PP – Como o menino ficou diante do peru? O que quer dizer “bis-viu”?
- PP - Qual é o conflito dessa história?
- PP – O que ele viu?
- PP - Como termina a história?

Observação da pesquisadora: os alunos conseguiram identificar as personagens principais na primeira leitura, mas só reconheceram o “peru” como personagem na segunda leitura. Alguns alunos relataram viagens realizadas para o interior que causou muita euforia, similar à da personagem. Reconheceram o cenário tanto terrestre como celeste e as sensações temporais e atemporais vivenciadas nessa “estória”. A aula teve o objetivo alcançado porque os alunos ampliaram a compreensão do texto e alguns aspectos que não foram percebidos na primeira leitura, foram evidenciados na pausa protocolada. Tocante à estrutura do conto, falaram dos personagens principais, do cenário, do conflito e do final da história. A conclusão que eles tiraram do conto é a ideia de que mesmo o menino passando por altos e baixos, em alguns momentos, ele podia desfrutar da felicidade, embora passageira.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

13ª Etapa

Data: 14 de agosto de 2018

Gênero: Leitura literária

Tema: Documentário sobre a construção de Brasília

Objetivo a ser alcançado: a aula visa auxiliar na compreensão do texto, aquilo que o Cosson (2006) chama de interpretação. Busca-se desenvolver a habilidade de associar as ideias e os contextos.

Duração: 50 minutos

Estratégias: a professora exibirá a reportagem veiculada pela TV/BRASIL sobre a construção de Brasília, relacionará a construção a um sonho político e ideológico e a temática pode ser associada ao contexto dos contos. A proposta visa estabelecer e desenvolver as habilidades como associação, dedução e análise crítica dos alunos.

Recurso utilizado: data show, pendrive e o documentário sobre a construção de Brasília extraído dos arquivos do programa “Nos Caminhos da reportagem” da TV Brasil. (<https://www.youtube.com/watch?v=guECi6V52x4>).

Avaliação da Pesquisadora: o objetivo da aula foi alcançado porque a proposta era que os alunos relacionassem essa cidade “inventada” com a construção de um sonho ideológico. O documentário aproximou o texto do seu contexto.

MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

14ª Etapa -

Data: 20 de agosto de 2018

Gênero: Leitura literária

Tema: Diálogos intertextuais

Objetivo a ser alcançado:

Duração: 50 minutos

Estratégias: A professora fará um comentário com os alunos sobre as informações que há na reportagem e aproximará do conto lido. Para isso, fará perguntas aos alunos a respeito das informações presentes na reportagem que podem se relacionar com a “estória” da construção de Brasília. Pretende-se que os alunos façam comentários sobre a construção da cidade futura e essa ideia será relacionada à ideia da viagem planejada. Ampliando os olhares sobre o conto, será exibido um curta: https://www.youtube.com/watch?v=erI1_UnYRXk (um resumo topicalizado do conto) . E será abordado o que chamou a atenção no curta metragem e que pode ser relacionado ao conto.

Observação da pesquisadora: os alunos falaram que o conto se aproxima da reportagem quando apresenta o cenário rural que é retratado nos contos lidos. Em relação ao curta metragem, eles disseram que é um resumo divertido do conto. A aula teve seu objetivo alcançado, pois estabeleceu uma relação intertextual de conto e outras mídias. Eles perceberam que, no curta, há uma urbanização do conto, distinta da proposta apresentada por Guimarães Rosa.

6.3 - 2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “OS CIMOS”

15ª Etapa

Data: 22 de agosto de 2018

Gênero: contos

Público Alvo: 6º ano

Livro: Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa

Tema: Leitura literária do conto “Os cimos”

Contexto: sala de aula com cadeiras organizadas em círculo.

Base teórica norteadores da etapa: Sequência Básica de Rildo Cosson (2006)

Objetivo a ser alcançado: a aula tem o objetivo de promover a leitura do conto visando uma motivação para a leitura, e a aproximação com o conto “As Margens da Alegria”.

Duração: 50 minutos.

Recursos: livro “Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa”

Metodologia com enfoque integrado: motivação, leitura, levantamento de hipóteses, exploração da linguagem.

Técnicas didáticas: leitura em voz alta.

Estratégias: a professora organizará a turma em círculo e trará os livros da biblioteca para a sala de aula, tendo em vista que a biblioteca está repleta novamente de livros didáticos. Levantará a hipótese sobre o significado da palavra “Cimos”. Após a exploração da forma estrutural de apresentação do conto, perguntará aos alunos o que o conto tem em comum com o outro conto estudado. Explorar a linguagem utilizada pelo autor.

Observações da pesquisadora: pedi para que cada aluno (aqueles que geralmente se oferecem) para ler um trecho do conto em voz alta. Alguns alunos que não gostam muito de ler se inscreveram para ler, mas ao perceber a dificuldade na leitura dos outros, desistiram de fazê-la. Há um intenso trabalho do autor com as palavras, então os orientei que a leitura não poderia ser rápida, por causa das palavras desconhecidas e da inclinação fortíssima do autor de explorar o ritmo na prosa. Ao levantar hipóteses, um aluno disse que “cimos” são pessoas que gostam de viajar. Acredito que essa afirmação tem a ver com a leitura do outro conto que fizemos e que relata a viagem do menino. Pedi então para que, ao final da leitura, retomássemos o assunto, iríamos avaliar se a hipótese dele seria confirmada. A aula teve o objetivo alcançado parcialmente porque estava prevista uma exploração da linguagem, o que não deu tempo. Durante a leitura, os alunos indicaram uma série de palavras desconhecidas e fui anotando no quadro, para que na próxima aula, os alunos desenvolvessem o glossário ilustrado.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “OS CIMOS”

16ª Etapa

Data: 22 de agosto de 2018

Gênero: contos

Público Alvo: 6º ano

Livro: Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa

Tema: construção e apresentação do glossário ilustrado

Contexto: sala de informática

Duração: 50 minutos.

Objetivo a ser alcançado: a aula será retomada de onde paramos e o objetivo é explorar o significado das palavras dentro do contexto do conto. Para isso, os alunos devem buscar o significado da palavra e ilustrar cada uma delas.

Recurso utilizado: sala de informática, dicionário “Priberam de Língua Portuguesa”

Estratégias: após a retomada da hipótese levantada sobre o significado da palavra “cimos”, os alunos serão conduzidos à sala de informática para realizar a proposta.

Observação da pesquisadora: A aula teve o objetivo alcançado e os alunos não encontraram dificuldade para realizar a tarefa. O conhecimento prévio fez com que a atividade fluísse de maneira muito produtiva e cada dupla realizou a sua tarefa. Como eles já estão um pouco familiarizados com a escrita do autor, destacaram algumas palavras desconhecidas, e outras, eles já construíram um possível significado dentro do contexto. A etapa durou cerca de 30 minutos, então, cada trio apresentou o resultado do trabalho para os demais. Dessa forma, a aula teve o objetivo alcançado.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “OS CIMOS”

17ª Etapa

Data: 03 de setembro 2018

Gênero: Leitura literária: leitura com pausa protocolada.

Tema: Leitura em voz alta

Objetivo a ser alcançado: a aula visa auxiliar na compreensão do texto através de intervenções durante a leitura. Visando ampliar o conhecimento dos alunos, as interrupções destacam a estrutura do gênero conto e a compreensão do texto.

Duração: 50 minutos

Estratégia: Os alunos sentados em círculo na biblioteca acompanharão a leitura do texto no data show. E as interrupções ocasionais terão a participação de todos os alunos. Para isso,

haverá pausas que explorarão a estrutura, a compreensão e um diálogo com a realidade dos alunos:

PP: por que o autor começa o conto dessa maneira?

PP: o menino estava feliz nessa viagem?

PP: o que provoca (estabelece) o conflito nesse conto?

PP: quando ele faz esta afirmação (sublinhada no texto), está se referindo ao macaquinho? Por quê?

PP: vocês já passaram por uma experiência como essa? Como se sentiram?

PP: de que forma a paisagem descrita aproxima do estado de ânimo do menino?

PP: qual a importância do tucano nesse conto?

PP: como vocês entendem essa afirmação (destacada no texto)?

PP: vocês concordam com o menino de não aprisionar o tucano? Por quê?

PP: como o menino se sentia?

Observação da pesquisadora: a aula foi muito produtiva, pois os alunos já estão participando de maneira mais autônoma e toda pausa foi respondida por muitos, inclusive alguns alunos que não gostavam de participar da aula. Segundo eles, o autor começa o conto com a expressão “outra era a vez”, porque está se referindo a outra “estória”. Então perguntei qual e eles disseram que era o conto lido anteriormente. O narrador narra a história destacando o descontentamento do menino e os alunos disseram que a personagem não estava feliz e exemplificou que “o menino estava forçando um sorriso para não chorar por causa da doença da mãe”. Na pausa seguinte, perguntei o que estabelece o conflito no conto e eles disseram que era a doença da mãe. Ao referir ao fragmento: “O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava...” os alunos disseram que o narrador estava referindo ao menino, ou seja, ele dá vida ao macaquinho e associa a dor sentida pelo menino para o macaquinho. Ao estabelecer relação com a vivência dos alunos, vários deles disseram que já passaram por momentos de tristeza semelhante ao do menino e muitos deles falaram da doença da tia, do avô, da avó e da doença da mãe. Ao relatar a experiência, disseram que ficaram triste, sem lugar, tal qual o menino. Então falei da genialidade do autor de trazer para a ficção, a realidade. Observaram também que a descrição da paisagem acompanha o sofrimento do menino. É como se autor retratasse a angústia da terra sendo revirada e destruída com a incerteza da saúde da mãe. Ademais, eles disseram que a mãe do menino era muito importante para ele, da mesma forma, na vida real a mãe é insubstituível para eles. Ao tentar animar o estado de espírito do menino, o tio sugere aprisionar o tucano, mas o menino é contra a ideia e se enfurece diante da possibilidade de

engaiolar o pássaro e os alunos concordam com esse posicionamento, pois disseram que “prender tucano é crime e que todo mundo tem que ter liberdade, inclusive os animais”. Perceberam o alívio do menino com a notícia da melhora da mãe e disseram que o “sorriso e enigma” do menino é devido a sensação de alívio. Face a realização da tarefa, observei que houve uma participação mais efetiva dos alunos e dessa forma, o objetivo da aula foi alcançado.

6.4 - 2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”

18ª Etapa

Data: 11 de setembro 2018

Gênero: Leitura literária: marcas linguísticas presentes nos contos.

Tema: Dupla pauta: explorando a linguagem

Objetivo a ser alcançado: a aula visa destacar o intenso trato com a linguagem por parte do escritor em que ele explora os aforismos (texto breve que enuncia uma regra, um pensamento, um princípio ou uma advertência). É um estilo de sentença que articula literatura e filosofia em que a percepção da vida, da sociedade, ou tudo que venha a ser objeto de pensamento, é realçado pela expressividade de uma mensagem verdadeira e concisa). Os neologismos (processo de criação de uma nova palavra na língua devido à necessidade de designar novos objetos ou novos conceitos ligados às diversas áreas), as inversões (ato ou resultado de mudar ou mudar-se; alterar a ordem, o estado das coisas e no caso do autor, ele usa fazendo alteração da ordem comum ou direta dos elementos de uma frase; anástrofe), estrutura preliminar do conto despertando a curiosidade do leitor, musicalidade e sonoridade, metonímia, etc.

Duração: 50 minutos

Estratégia: A professora selecionou alguns fragmentos em que se destacam o desenvolvimento paralelo dos dois enredos que se completam e explicam.

Observação da autora: a apresentação dessa dupla pauta serviu para aprofundar mais a importância da língua para Guimarães Rosa. Em algumas expressões, alguns alunos questionaram o uso metonímico utilizado pelo autor e foi reforçada a grandeza das palavras para uso da literatura, pois é possível construir, criar mundos ficcionais através da palavra, mantendo a verossimilhança. Percebi que alguns alunos já estavam observando que a escrita do autor foi meditada e com ênfase na oralidade, na musicalidade e nas invenções.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”

19ª Etapa

Data: 11 de setembro 2018

Gênero: Leitura literária: ampliando o paralelismo do enredo.

Tema: Dupla pauta: análises dos contos.

Objetivo a ser alcançado: a aula visa traçar de maneira coletiva um paralelo do enredo dos dois contos destacando as semelhanças e as diferenças.

Duração: 50 minutos

Estratégia: a professora fará um quadro na lousa em que destacará a introdução, a situação inicial, o problema, o estabelecimento do conflito, as personagens, o clímax, a solução do conflito e o desfecho. Para tanto, os alunos terão a oportunidade de consultar alguns trechos no livro para traçar esse quadro. Espera-se que esse quadro os ajude na produção do reconto, na análise, e na reescrita do reconto.

Observação da Pesquisadora: a proposta foi realizada coletivamente de maneira intensa. A maior parte dos alunos citou algum aspecto nos contos estudados que chamou a atenção durante a leitura individual e a leitura com a pausa protocolada. Ao finalizar o quadro, os orientei que iria colocar no papel tudo o que foi dito e que serviria de suporte para consulta nas próximas aulas de produção escrita. O objetivo da aula foi alcançado.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”

20ª e 21ª Etapa

Data: 11 de setembro e 18 de setembro 2018

Gênero: Leitura literária e produção escrita

Tema: Dupla pauta: reconto

Objetivo a ser alcançado: a aula tem o objetivo de promover a produção escrita tendo em vista o contato com os contos lidos, as características estruturais de contos e a liberdade da produção de literária colaborativa. Espera-se que os alunos consigam recontar a “estória” aproximando da narrativa do autor.

Estratégia: a produção escrita terá natureza colaborativa em que os alunos em dupla ou em trio têm a tarefa de produzir um reconto. Um dos requisitos do reconto é unir a ideia presente nas

duas narrativas e fazer a junção em um só, aproximando-se do enredo de Guimarães Rosa. Os alunos poderão apropriarem de trechos do autor para compor o reconto.

Observações da pesquisadora: a realização de outras tarefas em dupla ou em trio no segundo módulo favoreceu nesse momento, a realização da produção escrita. A professora dividiu a turma em duplas ou trios, mas dois alunos, mesmo contra a ideia inicial, preferiram fazer sozinhos a atividade, totalizando 10 produções. Destes, dois grupos fizeram a atividade sem consultar a professora para realizar a tarefa. Os demais buscaram auxílio no decorrer das duas aulas para tirar dúvida sobre a escrita e a apropriação das ideias do autor. Observei que a possibilidade de se apropriarem de fragmentos dos contos, os deixaram mais confiantes para desenvolver o enredo.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”

23ª etapa

Data: 25 de setembro 2018

Gênero: contos

Tema: revisão da produção escrita pelos alunos

Contexto: sala de aula com os alunos organizados em grupo.

Duração: 50 minutos.

Recursos: lista de verificação organizada pela professora; livro, marcador de texto.

Metodologia com enfoque integrado: verificação, avaliação e revisão;

Técnicas didáticas: posicionamento diante da lista de verificação; reescrita.

Estratégias: o reconto produzido pelos alunos foi digitado pela professora para que os colegas não identificassem a autoria do conto verificado. Seguindo a divisão da aula anterior, a professora entregará a versão produzida e uma lista de verificação para a análise do texto. Os alunos serão orientados para fazer as correções que julgarem necessárias.

Observação da pesquisadora: a tarefa foi compreendida facilmente e desta vez não houve identificação da autoria. Então, eles sentiram liberdade para analisar o reconto com a lista de verificação.

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”

24ª etapa**Data:** 02 de outubro de 2018**Gênero:** contos**Tema:** Correção da produção escrita pelos alunos**Contexto:** sala de aula com os alunos organizados em grupo.**Duração:** 50 minutos.**Recursos:** o texto digitado com a lista de verificação realizada pelos alunos e a folha oficial para o reconto.**Metodologia com enfoque integrado:** correção, análise e revisão;**Técnicas didáticas:** posicionamento diante da lista de verificação, correção e revisão final.**Estratégias:** a professor entregará aos alunos o reconto digitado, a lista de verificação com as correções dos colegas e a folha oficial para a reescrita. Espera-se que os alunos revejam o reconto e façam as adequações que julgarem necessárias. E no laboratório de informática, vão finalizando a produção do reconto.**Observação da pesquisadora:** as tarefas foram realizadas conforme o previsto e durante a aula percebi que as duplas e os trios que deixaram o conto inacabado fizeram as correções e terminaram a atividade. Durante essa pesquisa, busquei intervir o mínimo possível na produção dos alunos para que fossem fieis às suas ideias. Observei que apenas um grupo escreveu um conto afastando das versões lidas. Para que eles refletissem sobre a pauta dos contos de Guimarães, na próxima etapa eles iriam confrontar a estrutura do conto produzido com a estrutura dos contos do autor.**2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”****25ª etapa****Data:** 09 de outubro de 2018**Gênero:** contos**Tema:** reflexão do processo utilizado na produção escrita.**Contexto:** sala de aula com os alunos organizados em grupo.**Duração:** 50 minutos.**Recursos:** a segunda versão em papel e digitalizada e a lista de constatação organizada pela professora.**Metodologia com enfoque integrado:** análise e reflexão.

Técnicas didáticas: avaliação da produção escrita e correção para a versão final.

Estratégias: a professora entregará aos alunos a lista de constatação para que eles confrontem os aspectos utilizados em suas produções com o utilizado pelo autor. Em seguida, farão algumas modificações na estrutura física do conto.

Observação da pesquisadora: a constatação teve o objetivo de levar os alunos a compreender o processo de formação leitora utilizado nessa pesquisa. A última versão do reconto (3ª) será realizada pelos alunos, momento em que poderão analisar a estrutura. Durante as etapas, fui evidenciando uma maior flexibilidade dos alunos, tanto para realizar com certa liberdade a produção escrita quanto para ler os contos. Ao comparar as estruturas, muitos alunos utilizaram as personagens, o tempo, o espaço, o narrador como nos textos bases. E eles compreenderam a dimensão do trabalho realizado durante a pesquisa. Eles revelaram que gostaram de realizar essa rota literária e os depoimentos dizem que foi importante “aprender não como agora ... e também aprender dar um desfecho que está no nosso dia a dia”; “melhorar a leitura e a escrita”; “eu gostei de escreve e a historia ficou boa” “... ele gosta de brincar com as palavras e foi por isso que eu gostei desse projeto” e nesses fragmentos pode-se perceber que houve um entendimento da importância de ler, de relacionar com a vida cotidiana e intensificar o trabalho com a linguagem. Apenas um aluno disse oralmente que não gosta de ler e por isso não indicaria o projeto para outras pessoas. Finalizada a última versão do reconto, pode-se dizer que como leitores, eles conheceram a escrita de Guimarães Rosa; como escritores recontaram e reescreveram a história lida e como leitores se tornaram leitores de seus próprios textos. A leitura literária exige um trabalho de compreensão e interação entre textos e mediador para que se reflita sobre o fazer literário de maneira crítica, em que o leitor crie seu texto e sua leitura. Vale ressaltar que um projeto dessa amplitude teve êxito no sexto ano porque se trabalhou durante a rota, os conteúdos previstos para esse ano de escolaridade.

CAPÍTULO 7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ANALISANDO O PERCURSO

“Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto.”

Guimarães Rosa

No presente capítulo, pretende-se avaliar a contribuição da leitura de contos através de estratégias, em sala de aula. Partiu-se do pressuposto que a leitura mediada pelo professor pode favorecer na formação do leitor proficiente. Dessa forma, todas as etapas foram organizadas buscando promover a leitura, a compreensão, a interpretação de um texto literário. Nesse sentido, muitos aspectos foram trabalhados tanto na sala de aula quanto na biblioteca da escola. A análise será centrada na produção textual, pois embora a pesquisa tenha como foco a leitura, a escrita foi utilizada para averiguar se os alunos compreenderam o universo dos contos, os elementos estruturais, a autoria.

A proposta de ler contos de Guimarães Rosa no 6º ano do Ensino Fundamental foi pautada na concepção de que a leitura literária pode ser realizada através de um percurso didático que promova o desenvolvimento da capacidade de leitura em seus diversos âmbitos (compreensão, interpretação, fluência, autoria, etc). Buscou-se potencializar a cultura da escola através da promoção de um dos maiores autores mineiros, dando sentido ao acervo existente na biblioteca.

O percurso construído na interação com o autor, com o texto e com os leitores teve vários momentos de leitura silenciosa, de leitura oral e leitura com pausa protocolada – que teve o intuito de adentrar no universo roseano. Ao longo das etapas, a pauta protocolada foi fundamental para aclarar informações não compreendidas, explicitar aspectos da língua despercebidos durante uma primeira leitura e recuperar “pistas” interpretativas do texto visando promover a disposição para o leitor apreender, compreender, formular hipóteses e colocá-las à prova, analisar as diversas escolhas realizadas pelo autor com a linguagem.

7.1 Chapeuzinho X Fita Verde

No âmbito da pesquisa, na primeira etapa, os contos “*Chapeuzinho Vermelho*” na versão dos Grimm e “*Fita verde no cabelo: uma nova velha estória*”, de Guimarães Rosa partiu do conhecido para o desconhecido. A indagação “de que maneira os dois contos poderiam

contribuir com a formação do leitor de literatura” norteou o primeiro módulo. Superada a ideia de um texto conhecido como o dos Irmãos Grimm, o conto de Guimarães Rosa situou os alunos na prática de pesquisa através de uma linguagem mais elaborada, que exigiu um percurso com novas demandas para ler e compreender que subverteu a ideia de leitura automática. Durante essa etapa, os alunos puderam compreender que ler é (re)conhecer as muitas facetas que constituem o texto literário e para que eles pudessem refletir sobre o processo de leitura, a proposta de uma produção escrita no primeiro módulo teve o objetivo de verificar se os leitores conseguiram reconhecer, nos dois contos, os conflitos, os impasses, as mudanças e as diferentes linguagens utilizadas pelos dois autores. A intenção foi colocar os alunos como sujeitos leitores de seus textos e refletidores da própria prática.

Um aluno disse que “parecia que Guimarães Rosa estava com preguiça de escrever” e essa afirmação me fez perceber que ele tinha compreendido o intenso trabalho realizado pelo autor na sua escrita. Como afirma Ranói na apresentação da obra em questão, tocante à linguagem, o autor “(...) desagregam-na e reconstituem-na a seu bel-prazer, tratando as suas parcelas como elementos do mosaico; com pedaços e traços de pessoas vivas constroem as suas personagens; fundindo cenas e acontecimentos registrados pela própria memória, deles tiram episódios e enredos. (ROSA, 1908-1967, p. 25). Já nesse primeiro contato com o autor, foi possível perceber que os alunos perceberam que a linguagem roseana é um misto de subentendidos, sutilezas e elipses que resultam em uma obra insuperável.

No primeiro módulo, os alunos recontaram a história, depois analisaram os contos dos colegas com uma lista de verificação e em seguida reescreveram o reconto. Um aspecto observado durante a lista de verificação foi que alguns alunos ao analisar o conto do colega, fizeram algumas críticas aos “erros” dos outros, mas ao receber a sua versão analisada, constataram que havia “erros” bem comuns em suas produções.

Na primeira versão do reconto, quase todos esqueceram de dar um título ao reconto, aspecto que foi resolvido na segunda versão. Durante as oito etapas do primeiro módulo, eles puderam compartilhar com os outros a leitura, estabeleceram uma comunidade de leitores e conheceram um clássico da literatura brasileira. Isso os motivou para a leitura porque, nas demais aulas semanais, alguns queriam “fazer o projeto”.

As duas fases da escrita dos recontos dos alunos foram analisadas, sendo que, na primeira etapa, se apresenta a versão final do reconto. A partir da produção, apontaremos as marcas dos conhecimentos prévios dos alunos, fruto da leitura dos contos da proposta e de outras leituras que conduziram a escrita. De maneira colaborativa, os contos foram produzidos

com idas e vindas, rasuras e correções. O primeiro grupo, que escreveu dando ênfase ao lobo, contestou o legado cultural de que o lobo é mau.

O lobo Alberto

Era uma vez um lobo chamado Alberto. Ele morava em uma pequena casa ao lado de um vilarejo. O lobo Alberto era divertido e engraçado. Sua dona que se chamava Joana, sempre falava com o lobo Alberto:

- Nunca vá para o vilarejo, pois lá é perigoso. E têm muitos caçadores por lá. Mas o lobo Alberto era muito desobediente e tinha muita curiosidade de ver como era o vilarejo. Então, ele resolveu desobedecer às ordens de Joana e foi para o vilarejo. No caminho, o caçador viu o lobo Alberto e disse:

- Irei fazer uma armadilha para aquele lobo.

O lobo Alberto ia sempre toda manhã pelo mesmo caminho. Em uma manhã, o lobo Alberto foi ao vilarejo novamente. Quando de repente, buuummm. Ele caiu na armadilha que o caçador fez. O lobo assustado disse:

- O que está acontecendo?

- Eu vou prender você e impedir você de matar pessoas, disse o caçador rindo.

O lobo Alberto tentou dizer que não ia atacar ninguém, mas não deu certo. Depois de muito tempo, o lobo Alberto teve a idéia de enganar o caçador:

- Senhor caçador, estou com muita sede, pode me dar um pouco de água?

Quando o caçador abriu a jaula, para entregar a varinha com água, o lobo Alberto saiu correndo até a casa. O lobo Alberto prometeu a Joana que nunca mais irá desobedecer a suas ordens.

O conto produzido revela que ler é reconhecer os textos que constituem nosso legado cultural, pois eles revelaram redes de interlocuções, de diálogos com outros textos, uma vez que é possível identificar uma tentativa de transvestir a personagem principal do conto dos Irmãos Grimm (Chapeuzinho) no lobo mau. O lobo Alberto é curioso, desobediente e inocente, que são características de chapeuzinho vermelho do conto dos Irmãos Grimm. Em “O Lobo Alberto” a maldade é discretamente (e só parcialmente) transferida para o Caçador, pois ele diz que impediria o lobo de atacar as pessoas. Além disso, a ideia da “varinha” para beber água, remete ao conto de João e Maria.

Os integrantes do segundo grupo quiseram abordar temas atuais, mesmo sendo orientados para seguir a tradição dos contos de fada. O grupo teve certa dificuldade para escrever a história, pois queriam recontar colocando vampiros e bullying no enredo. A esse respeito, Silva (2009, p.48) pondera que a literatura é capaz de deflagrar no leitor um processo de reconhecimento das experiências vividas e armazenadas na memória. Na versão final, houve

grandes mudanças do reconto para a reescrita, revelou um intenso trabalho produtivo. No entanto, eles reclamaram bastante de ter que reescrever, pois as opiniões eram diversas, no final construíram um reconto bem interessante. A escrita do grupo foi realizada com o objetivo de discutir um tema, pois nas duas versões abordaram o bullying na escola, estimulando a crítica e a reflexão de que há várias possibilidades de discutir o assunto na sala de aula e isso daria mote para muitas aulas.

Como o objetivo da pesquisa não foi pautado estritamente no processo escrito, observa-se que o texto apresenta conflito, interessante enredo, e um desfecho inusitado, com tentativa de se aproximar da temática da morte, presente na versão roseana. Observa-se que essa aproximação aparece apenas na segunda versão, após a lista de verificação.

Chapeuzinho Vermelho e Dona Branca

Em um bairro bem distante da cidade morava uma menina de cabelos cacheados que tinha muitos grilos na cabeça. Essa menina se chamava Chapeuzinho Vermelho.

Chapeuzinho Vermelho morava com seus pais e estudava em uma escola simples, mas que tinha muito cuidado com o ensino das crianças.

Naquele dia, a professora tinha conversado com a turma sobre bullying. Ao sair da escola, Chapeuzinho vermelho viu alunos da escola praticando bullying com um aluno do 3º ano. Tudo isso porque ele tinha muitos pêlos no corpo. O menino ficava cada vez mais triste e um grandalhão gritou:

- Veja só, parece um lobo mau.

Chapeuzinho ficou indignada e disse:

- Não faça isso. Vou contar tudo para sua vovozinha. Correu até a casa de Dona Branca. Chapeuzinho chegou e bateu na porta toc-toc-toc.

- Quem é?

- Sou eu, a Chapeuzinho Vermelho.

- Entre para cá minha filha, pois estou com dor nas pernas. E ao aproximar dela, chapeuzinho percebeu que parecia que a vovozinha tinha um cacho de algodão na cabeça.

Chapeuzinho Vermelho ficou triste sem saber como tocar no assunto. Olhou para ela e disse:

- Dona Branca, me desculpe, mas tenho que falar. Seu neto está praticando bullying na escola.

E Dona Branca disse:

- Eu não mereço isso.

E caiu para trás e deu seu último suspiro.

Percebe-se que há um distanciamento das duas versões estudadas, mas uma aproximação com o conto de Guimarães Rosa ao propor a morte da vovozinha. Nesse conto, a transgressão temática provoca o espanto, mas por outro lado, se aproxima de uma temática muito presente no cotidiano que coloca em discussão as complexidades das relações humanas,

revelando assim que a compreensão envolve o conhecimento de mundo do leitor. Por outro lado, houve uma preocupação de resgatar a estrutura do gênero textual que estava caótica na primeira versão

O terceiro grupo buscou aproximar as personagens das duas versões. E, durante a produção, buscou seguir um modelo. Chapeuzinho é a boa menina que vai visitar a avó, os caçadores ajudam a menina, estabelecendo semelhança com o conto dos Irmãos Grimm. Nas etapas de produção, um aluno, líder do grupo, disse que não precisava de um planejamento para escrever um conto.

Os Caçadores e a Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez, cinco caçadores que andavam pela floresta em busca de uma bela caça. Quando de repente, eles escutaram vindo do meio da floresta gritos de socorro. Eles foram ver o que tinha acontecido. Era um lobo querendo comer uma menina. Os caçadores perguntaram:

- Qual é o seu nome?

E ela respondeu:

- Sou Chapeuzinho Vermelho.

Os caçadores perguntaram:

- Para que é essa cestinha?

Chapeuzinho respondeu:

- Eu vou levar para minha vovó que está doente.

Quando chapeuzinho chegou à casa da vovó, ela estava sem respiração. Então, a boa netinha abriu a janela, mas não adiantou, pois ela deu o último suspiro e morreu.

Coincidentemente, observa-se que não houve um aprofundamento referente às ideias. Além disso, o lobo se perde na história, e há várias lacunas que o leitor precisa preencher. Observa-se que os alunos apresentaram uma chapeuzinho indefesa, que teme o lobo, e como na versão dos Irmãos Grimm, leva comida para a vovozinha e é ajudada pelos caçadores. Não obstante, nessa versão, o lobo sai ileso da “estória” e o leitor não sabe como. Por outro lado, na reescrita, eles acrescentam a morte da vovozinha, aproximando assim da versão roseana.

O quarto grupo “A vovozinha e sua netinha” promoveu várias alterações da primeira para a produção final. Durante a lista de verificação constataram que não haviam se aproximado dos contos lidos e acrescentou na versão final, a morte do lobo. Eles trouxeram para a ficção, elementos do cotidiano que são as férias escolares. Segundo Colomer (1999) o texto literário, pelo seu caráter ficcional e plasmático, oferece ao leitor o poder de reinvenção do mundo, proporcionando-lhe outros olhares e o entendimento de histórias que se relacionam por semelhança ou oposição com a sua própria história de vida.

A vovó e sua netinha

Era uma vez uma vovozinha que morava muito distante de sua querida netinha. Ela sentia muita falta de sua netinha. Em certo dia, ela recebeu um telefonema de sua neta que disse:

- Vovó, vou passar as férias de julho na sua casa.

Muito feliz, a vovó foi ao mercado e comprou muitas guloseimas para sua neta; fez bolos, biscoitos, sucos, salgados para agradar a sua netinha. No dia seguinte, a netinha chegou à casa da vovó com muitas malas e uma cestinha de presente. Tocou a campainha e gritou:

- Vovó, abra a porta, sou eu, a sua netinha.

-Espere só um minuto minha netinha. Enquanto esperava, ela resolveu colher algumas maçãs em um pé ali perto mesmo. Até que de repente apareceu o lobo e pegou a sua cesta. Foi então que a vovó abriu a porta ao ouvir os gritos de sua netinha e perguntou:

- O que está acontecendo minha netinha?

- Vovó, o lobo pegou a minha cestinha de maçãs que tinha colhido para a senhora.

A vovó disse:

- Não precisa se preocupar minha netinha. Podemos colher mais maçãs. Fica tranquila. E sua netinha ficou mais calma, até que a vovó disse:

- Fiz um presente para você minha netinha.

Chapeuzinho perguntou:

- Sério vovó? O que é?

A vovó disse:

Vou lhe mostrar. A vovó deu uma capa vermelha para ela. A sua neta disse:

- Muito obrigada vovó.

Então, chapeuzinho foi tomar o seu banho para se preparar para o jantar e enquanto estava no banho sua avó foi fazer o jantar com comidas deliciosas para agradá-la. Chapeuzinho saiu do banho e sentiu um cheiro maravilhoso da comida da vovó. Sentou-se à mesa e comeu tudo que tinha direito. Escovou os dentes e foi dormir. No dia seguinte, no caminho de sua casa, chapeuzinho parou para olhar o pé de maçãs lindo em sua frente. E de repente o lobo apareceu por trás de chapeuzinho e arrancou a sua capa. Chapeuzinho saiu desesperada para a casa de sua vovó, bateu na porta e disse:

- Vovó! Vovó! Socorro! O lobo pegou a minha capa!

Então, veio um caçador que estava passando por perto e ouviu os gritos da menina.

A vovó disse:

- Mate ele!

O caçador matou o lobo. A vovó fez outra capa para chapeuzinho e essa menina resolveu morar com sua vovó.

No primeiro módulo, a produção escrita teve a finalidade de (re)conhecer os processos de escrita do texto literário, utilizando como base dois textos estudados. O relato dos alunos revelou uma construção parcial dos aspectos estudados em sala, mas possibilitou um contato maior com essa modalidade. Por outro lado, a reescrita permitiu que eles conhecessem e

refinassem as operações que eles realizaram tanto em relação à linguagem (pré-requisitos para escrever um texto literário) quanto à compreensão dos contos.

Sabe-se que o conhecimento das estruturas e regras não pressupõe a produção de um bom texto, no entanto, leva o produtor a ter conhecimentos necessários para manusear os recursos da língua. Ao propor a reescrita, os alunos puderam refletir sobre as diferentes modalidades linguísticas, sobre suas produções, sobre a elaboração de estratégias de (re)escrita, sobre a autoria e sobre a criticidade. A escrita e reescrita envolveram processos de revisão, edição, verificação e correção que foram guiados pela representação do leitor de seu próprio texto.

Nesse módulo, observou-se a capacidade de suposição, do conhecimento compartilhado, da finalidade do gênero, da autoria dos alunos, dos distintos modos de ler, e da leitura do próprio texto. A prática ajudou a ampliar os horizontes de leitura dos alunos, revelando assim que a leitura literária em sala de aula se realiza por meio de um jogo de parceria entre o texto, leitor e o mediador. Verificou-se que a recepção de uma obra literária pode ser mensurada quando há um encadeamento de leituras, através de um percurso contínuo, permanente e renovável. À medida que os leitores adentram nos vários níveis do texto, passam a perceber as estratégias narrativas como um conjunto de relações constitutivas de sentido. A versão final do reconto nesse módulo revelou que, ao serem estimulados, os alunos produzem textos coerentes com a proposta.

7.2. A Dupla Pauta: As margens da alegria X Os cimos

A seleção dos contos *As margens da Alegria*” e *Os cimos* foi guiada por uma intensa busca de compreensão textual do enredo. Em ambos, o autor revela um cenário sendo moldado pela interferência do homem e um menino moldado pelas experiências vivenciadas. A escolha dos dois contos favoreceu o desenvolvimento do glossário, a leitura com pausa protocolada e a análise de uma pauta dupla da linguagem. A leitura em sala de aula foi surpreendente porque os alunos perceberam que há uma relação de semelhança entre eles e que um referencia o outro - os altos e baixos vivenciados pelo menino, a forma como o autor nomeia a cidade em construção, as personagens, a forma como a linguagem é construída com inversões, neologismos, metonímias, gradações, etc.

A proposta de reconto - em duplas, trios ou individuais - teve o objetivo de propor a colaboração para aqueles que têm mais facilidade, ajudar aos que têm menos facilidade, tanto no processo de compreensão, quanto no de produção.

A produção colaborativa foi importante em sala de aula porque os alunos escritores se ajudaram e deram voz ao conhecimento, compartilhando-o de maneira positiva. Alguns alunos não quiseram escrever de maneira colaborativa e produziram individualmente. No entanto, se esforçaram muito para cumprir com a proposta. A prática da leitura colaborativa em sala de aula apresentou um resultado significativo, tendo em vista a colaboração dos outros leitores e do professor. No caso dos contos estudados, os alunos não conseguiriam lê-los e compreendê-los sem a ajuda dos colegas e da mediação da professora, pois durante a pausa protocolada desses contos, já havia um espaço aberto para o diálogo e os sentidos foram sendo construídos e recuperados durante as aulas. A escrita colaborativa permitiu que uns auxiliassem os outros e aqueles que optaram em escrever individualmente, foram acompanhados pela professora. Os documentos normativos defendem que formar leitores requer condições favoráveis, não só relacionados aos recursos materiais disponíveis, mas também ao uso que se faz deles nas práticas de leitura. Nessa pesquisa, seguindo um modelo para análise dos contos, (T) equivale a trio; (D) equivale a dupla e (I) equivale a individual. Observa-se que nos contos produzidos pelos alunos, eles se apropriaram de fragmentos do autor (como sugestão da pesquisadora) e escreveram abordando as personagens que mais se identificaram durante as etapas. No conto T.1 (trio 1), os alunos se apropriaram de algumas partes dos dois contos para recontar a história.

T.1 Produção escrita – 1ª Versão - Reconto

Esta é a estória.

De sorte que de novo o menino viajava para um lugar onde se construía a cidade. Era uma viagem inventada no feliz.

Na primeira viagem, a mãe e o pai vinham trazê-lo ao eoroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solicito de bem humorado, o tio ensinava-lhe como era reclinável o assento – bastando a gente premer manivela. seu lugar era o da janelinha para o móvel mundo. Todos os dias, o menino passeava com os tios. À noite ele saía para ver a lua e foi numa noite de lua cheia que ele viu uma luzinha, verde, mesmo da mata, o primeiro vagalume, sim, era linda! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria, que não durou muito por causa da doença da mãe.

Nota-se que o trio se apropriou do início do conto “As margens da alegria” e uniu com o início do conto “os cimos” para fazer a apresentação do reconto. Na primeira versão, apareceu apenas o contexto do primeiro conto. Após a lista de verificação, eles perceberam que o conto só tratava do primeiro conto lido. A professora lhes perguntou o que poderia ser feito para que eles incluíssem o segundo conto no enredo, já que eles haviam sinalizado apenas na introdução ao propor o trecho “Está é a estória”.

T.1 – 3ª versão Reescrita do Reconto

As viagens do menino

Esta é a estória.

De sorte que de novo o menino viajava para um lugar onde se construía a cidade. Era uma viagem inventada no feliz.

Na primeira viagem, a mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solícito de bem humorado, o tio ensinava-lhe como era reclinável o assento – bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha para o móvel mundo.

Todos os dias, o menino passeava com os tios. À noite, ele saía para ver a lua e foi numa noite de lua cheia que ele viu uma luzinha, verde, mesmo da mata, o primeiro vagalume, sim, era linda a luzinha. E tão pequenino, no ar, um instante só, alto distante, indo-se.

Era, outra vez em quando, a alegria, que não durou muito por causa da doença da mãe. O menino não pôde parar de chorar.

O tio veio chegando porventura e porvindouro, onde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. Tentou alegrá-lo, mas não adiantou.

Passaram dias. O tio entregou o telegrama, a mãe estava curada.

O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial.

Era novamente a alegria, vinha a vida às vezes de fechados enigmas e sorrisos. Era outra vez em quando a Alegria.

Na reescrita, os alunos ampliaram o enredo e deram continuidade à problematização apresentada no final do reconto que era a doença da mãe. Eles deram prioridade à personagem do menino com suas descobertas mediadas pela tristeza, pela alegria e pela doença da mãe. Observa-se também que os alunos deram um título coerente com o enredo.

O aluno I.2 produziu de forma individual e segundo ele trabalhar sozinho é mais proveitoso. Em sua primeira versão, ele se apropriou de trechos dos contos para fazer seu reconto.

I.2 – 1ª versão – Reconto

As margens da Alegria

Era uma vez um menino que fazia uma 2ª viagem para onde se construía a grande cidade. Na primeira viagem com os tios o voo foi pouco mais de duas horas. e as coisas vinham docemente de repente. O menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoadas amabilidade, o azul de so ar, aquela claridade á larga, o chão plano Em visão cartográfica repartido de roças e campos o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e além, largo, o chão, e alem, Baixa a montanha. Nem tudo era calma. Tinham fome servido o almoço, tomava-se cerveja o tio, a tia, os engenheiros da sala, não se Escutava o galhardo ralhar dele seu grugrulejo? E ele se perguntava porque não viu o peru novamente.

pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais levantada.

Após a lista de verificação, fez grandes modificações, pois na primeira versão, deu o mesmo título do conto lido. Então perguntei a ele se o seu texto se aproximava da versão roseana e ele respondeu que as ideias eram próximas.

I.2 – 3ª versão – Reescrita do Reconto

As margens próximas da alegria

Era uma vez um menino que fazia uma viagem para onde se construía a grande cidade. Na primeira viagem, com os tios, o voo foi pouco mais de duas horas. E as coisas vinham docemente de repente. O menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoadas amabilidades, o azul de ar, aquela claridade à larga, o chão em visão cartográfica, repartido de roças e campos. O verde que se ia a amarelos e vermelhados. E além, largo, o chão além, abaixo da montanha.

Nem tudo era calmo e ainda tinham fome após o almoço, tomava-se cerveja o tio, a tia, e os engenheiros na sala. Saiu para ver o verde... não viu o peru no lugar de costume.

Não se escutava o galhardo ralhar dele seu grugrulejo? E ele pensava no peru, quando voltaram do passeio. Só um pouco para não gastar fora de hora.

No outro dia, não viu o peru e quase num pulo, agonizou-se ainda que restasse, não poderia pensar a trás, mas soube que o peru estava fora de perigo salvo onde os mil homens naturalmente fazendo a grande cidade.

Então, a partir dessa discussão, resolveu dar o título “As margens próximas da alegria” remetendo a ideia de proximidade de enredo. Ele referenciou o conto “os cimos” somente no final da segunda versão.

A dupla D.3 iniciou o reconto de maneira colaborativa, mas após uns trinta minutos de trabalho, um dos integrantes desistiu de colaborar com o colega e na produção. Percebe-se que o aluno que deu continuidade ao enredo, apresenta grandes “problemas” com a escrita, mas isso não o impossibilitou de recontar, embora com limitações.

D.3 – 1ª versão – Reconto

Outra viagem.

Era outra vez. Um menino que morava com os tios, foi passar dias no lugar onde se construía a maior cidade do mundo. Era uma viagem inventada no feliz para ele. Sabia que sua mãe estava doente e por isso ele ia com seus tios, mais ele queria ficar cuidando, então ele viajou o seu paz, quando lhe foi chegou, ele foi come augo, depois de come quando acabou de come, ele foi ver a construção

No reconto, após observar a verificação dos colegas, eles perceberam que haviam bastante “erros” ortográficos. Inclusive, o líder que havia abandonado o colega na aula anterior voltou a participar de maneira efetiva da reescrita e eles buscaram fazer algumas adequações e dar continuidade à proposta. Esse aspecto foi solucionado na reescrita porque a dupla voltou a realizar a atividade de maneira colaborativa e revelou assim, tanto a importância da parceria quanto a importância da revisão, consolidando a compreensão de que os textos têm caracteres provisórios e podem ser revisados, refletidos e reescritos. A diversificação das atividades e o tempo disponível para superar esses empecilhos tão presentes no cotidiano escolar é importante porque os “chamados erros” aqui não impediram que a versão dos alunos ficasse incompleta porque eles retomaram a atividade e o objetivo da proposta foi alcançado.

D.3 – 3ª versão – Reescrita do Reconto

Outra viagem

Era outra vez.

Um menino que morava com os tios, foi passar dias no lugar onde se construía a maior cidade do mundo. Era uma viagem inventada no feliz para ele. Sabia que sua mãe estava doente e por isso, ele ia com seus tios, mas, no fundo, queria ficar cuidando dela.

Então ele viajou em paz.

Quando chegou, foi comer algo. Depois, quando acabou de comer, saiu para passear.

No segundo dia, já era o aniversário do tio, então, ele foi dar uma volta na cidade. Ao chegar, não viu o peru. Nem valia espiar correndo em direção contrárias. O menino cobrava um remorso, pois na janta em molho e simpatia a tia serviu o peru.

Nem ele isso entendia. Tudo se transformando em sua cabecinha.

Era assim alguma coisa, mais que toda, perder seu amigo naquela viagem inventada.

A quarta dupla produziu um reconto, buscando desde o início se aproximar da versão roseana. Inclusive criou algumas expressões bem próximas da versão original “o menino só tinha escuridão”, “o tio abriu a porta do segredo”. O que me deixou muito satisfeita com o desenvolvimento do reconto.

D. 4 – 1ª versão - Reconto

Outra era vez

Essa historia, novalmente em uma viagem de ida com volta, o menino e o tio dentro de um belo avião, que estava a voar em direção a uma cidade inventada no feliz, onde as muitos mil pessoa trbalhavam em um local de sonho.

O menino ia percebendo aos poucos que o intuito da viagem era afasta-lo de sua mãe doente, mais, o tio abriu a porta do segredo, o minino arteiro teve tudo de uma vez. O olho do menino começou a lacrimejar. Ao chegar no destino o tio tentou deixá-lo Alegre mas por dentro do coração, naquele raios, ele sabia e achava: que a gente nunca podia preciar, direto, mesmo, as coisas bonitas ou boas que aconteciam. O menino só tinha escuridão. Até que escutou um grugrulejo e era em sonho um peru, o menino ia da tristeza á alegria tudo de uma só vez. de pois, o menino foi em um passeio com o tiu visitar onde nacia a grande cidade que seria a capital do Brasil, mas ao voltar oara o jantar tinha um peru assado ao forno. O menino não tinha percebido que o peru da janta era aquele que tinha lhe dado luz e alegria, não quis acreditar, mas ao voltar para o local onde o peru se-encontrava ele não estava lá. A alegria do menino voltou a escurecer, mas quando não havia maior esperança apareceu iluminados vagalumes, que alegrou novamente a do menino era outra vez em quando, a alegria.

Percebi um exercício de identificação com o autor e que eles perceberam os jogos intertextuais, as estruturas paralelas, as repetições e a linha de sentido.

D. 4 – 3ª versão – Reconto

Outra era vez

Essa história, novamente em uma viagem de ida com volta, o menino e o tio dentro de um belo avião. Estava a voar em direção a uma cidade inventada no feliz, onde as muitas mil pessoas trabalhavam em um local de sonho.

O menino ia percebendo aos poucos que o intuito da viagem era afastá-lo de sua mãe doente, mas, o tio abriu a porta do segredo.

O menino arteiro teve tudo de uma vez. O olho do menino começou a lacrimejar.

Ao chegar ao destino, o tio tentou deixá-lo alegre, mas por dentro do coração, naqueles raios, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direto, mesmo, as coisas bonitas ou boas que aconteciam.

O menino só tinha escuridão, até que escutou um grugrulejo e era em sonho de peru. O menino ia da tristeza à alegria, durou pouco.

Depois, o menino foi em um passeio com o tio visitar onde nascia a grande cidade que seria a capital do Brasil, mas ao voltar para o jantar, tinha um peru assado ao forno. O menino não quis acreditar que o peru do jantar era o mesmo que tinha lhe dado luz e alegria. Não quis acreditar, e por isso voltou para o local onde o peru sempre estava, mas ele não estava lá.

A alegria do menino voltou a escurecer, mas quando não havia menor esperança, apareceu iluminados vagalumes, que alegrou novamente a vida do menino, era outra vez em quando, a alegria.

Dentre as outras produções, este reconto foi produzido de maneira muito autônoma, e eles criaram expressões inéditas, fazendo jus à participação em sala de aula, pois durante todas as etapas, participaram de maneira assídua, revelando assim que quanto mais se lê, mais se tem a leitura como uma forma de ultrapassar as fronteiras do conhecimento. O universo dos contos lidos está presente no enredo. O acesso à leitura, de maneira coletiva, propicia e amplia os parâmetros de comparação que permitem que os alunos estabeleçam redes comparativas e o intercâmbio de significados. Pode-se notar que a quarta dupla compreendeu a linguagem utilizada por Guimarães Rosa e tentou se aproximar de maneira criativa dos contos roseanos.

O aluno I.5 escreveu seu reconto sozinho e por diversas vezes, fui solicitada para ver como estava ficando a sua história. Percebi que ele tem mais facilidade para resumir, pois ao longo das etapas de escrita, a produção tendia para o resumo, fato que pode ser observado no final da primeira versão. Ao se apropriar dos fragmentos de Rosa, fez algumas alterações não intencionais das palavras, causando lacunas no enredo.

I. 5 – 1ª versão - Reconto

Esta é a historia de um menino que passava dias no lugar onde se construía uma grande cidade. Esse menino pasava viajando nessa cidade em construção dia e noite. Ele ficava triste com a destruição das florestas para construção da cidade e também ficou decepcionado com a morte do peru. belo! belo! tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, uns trans bordumento. Sua respida grandeza torniturante e o menino nunca mais esqueceu esse peru. De sorte apareceu outro peru, não era bonito como o outro. Até um dia o menino recebe um telegrama falando que sua mãe estava fora de perigo. E em fim essa historia terminou em um final feliz que apareceu outro peru para o menino relembra o seu outro amigo peru.

As orientações favoreceram o desenvolvimento do enredo que foi ampliado na reescrita.

I. 5 – 3ª versão – Reescrita do Reconto

O menino e a cidade em construção

Essa é a historia de um menino que passava dias no lugar onde se construía uma grande cidade. Esse menino passava viajando nessa cidade em construção dia e noite.

Ele ficava triste com a destruição das florestas para construção da cidade e também ficou decepcionado com a morte do peru. Ao ver a ave, ele falou:

-Belo!

Belo mesmo e tinha qualquer coisa de calor, poder no leque, um transbordamento. Sua respida grandeza exuberante. Mas o peru sumiu na floresta. E o menino nunca mais esqueceu esse peru.

De sorte apareceu outro peru, não era bonito como o outro. Até que um dia, o menino recebe um telegrama falando que sua mãe estava fora de perigo e em voo e pouso, a mãe estava curada por agora, sem fim e sempre.

A sexta dupla D.6 faltou em algumas etapas e por coincidência, a versão delas foi a que mais se distanciou das versões lidas em sala. Na primeira produção fugiu muito do esperado introduzindo elementos novos que afastaram dos contos. A partir dessa constatação pode-se dizer que a presença contínua do aluno com o texto ajuda muito na compreensão textual.

D.6 - 1ª versão do Reconto

O Menino

Ia um menino viajar com os tios para uma cidade muito feliz e bem grande onde as muitas pessoas construíam a grande cidade.

Chegando lá, o menino encontrou o peru que virou o seu melhor amigo e animal de estimação.

Andando pela rua, de repente, em uma árvore, apareceu um belo tucano que cativou o menino. Muito admirado com a beleza do tucano, resolveu começar a cuidar daquele tucano. Dias depois, ele resolveu levar o tucano para a casa onde se hospedava e criou juntos o tucano e o peru. Um belo dia, quando ele disse a tia que iria dar um passeio com os animais de estimação, em um parque, amarrou os seus bichinhos em uma árvore que estava à sua vista, e foi se divertir, quando de repente ele olhou para a árvore e não viu mais os seus bichos. Saiu correndo atrás dos bichos e tão cansado, parou de procurar e foi para sua casa falar com os seus tios. E os seus tios disseram:

- Vamos descansar, amanhã continuamos a busca.

Então, no dia seguinte, assim que eles acordaram tiveram uma surpresa, quando escutaram o barulho do peru e do tucano ficaram felizes ao vê-los. E daí pra frente foi só alegria.

Após a lista de verificação e conversa com a dupla, notaram que haviam distanciado dos textos e eu perguntei como elas poderiam solucionar na reescrita tendo em vista que nas orientações foi proposto uma aproximação com os textos lidos. Alguns aspectos foram solucionados na tentativa de aproximar aos contos lidos.

D6 – 3ª versão – Reescrita do Reconto

O Menino

Ia um menino viajar com os tios para uma cidade que ainda estava sendo planejada, onde muitas pessoas construíam a grande cidade.

Chegando lá, o menino tão feliz viu um peru e fascinado por ele, virou seu melhor amigo.

Um dia, em uma manhã ensolarada, o menino estava admirando a paisagem, avistou um belo tucano e ficou observando-o por um longo tempo. Resolveu ir todos os dias, na mesma hora, ver aquele tucano e ficava muito tempo esquecido da vida.

Na casa onde se hospedava também tinha um peru e por pressentimento, o menino desconfiava que aquele peru iria morrer. Não demorou muito para isso acontecer.

Quando o peru morreu, o garoto ficou muito triste. Depois de um tempo, ele viu novamente um novo peru. E ficou bem surpreso.

Então, no dia seguinte, assim que ele acordou teve uma grata surpresa, quando escutou o barulho do peru olhou para uma árvore próxima e lá estava o tucano. Ficou feliz ao vê-los. E daí para frente foi só alegria.

O trio T.7 teve um bom desempenho já na primeira versão. Eles se apropriaram *ipsis litteris* de alguns trechos de Guimarães Rosa, fizeram uma releitura em outras partes e criaram algumas expressões novas.

Na reescrita, eles fizeram a divisão em três partes do conto, aproximando assim de “As margens da alegria”. Essa mudança na estrutura ocorreu após a lista de verificação e ao serem questionados sobre a aproximação do conto original. O conto ficou muito mais interessante.

T.7 – 1ª versão - Reconto

O Brilho da viagem

Um menino que morava com os tios, foi convidado para passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam naquele dia com o escuro e o ar fino cheiro desconhecido. A mãe e o pai vinham trazê-los ao aeroporto. A tia e o tio Tomavam conta dele. O avião de 1ª classe da companhia especial, de 4 lugares, foi contratado pelo tio e tia.

Quando o avião levantou voo, ele ficou impe-ssionado, pois dentro do avião tinha vídeo games, músicas e várias coisas para passar o tempo. O vôo demoraria 2 ou 3 horas. Quando finalmente, o avião chegou, o lugar era lindo cheio de ar puro e animais. E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia previa do olhar e ouvidos do menino, seguindo harmonia prévia benfazeja, em movimento concordante: as satisfações antes da consciência das necessidades. Na nova viagem davam-lhe balas, chicletes: á escolha.

Tudo era uma vez. Apesar da doença da mãe, muitas coisas chamavam a atenção do menino, mas no fundo ia ficar bem! Às vezes ficava um pouco preocupado, mas ao mesmo tempo muitas novidades aconteciam.

Foi no momento de calma que apareceu o vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. E para almentar a sua alegria o tio chegou com um telegrama falando que a mãe estava fora de perigo.

O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

A mãe estava sã, salva, sorridente.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

Diante da reescrita do trio, constata-se que compreender as nuances da narrativa através de um percurso de leitura, nos permite remeter à afirmação de Kleiman (2009, p.20) de que quanto maior o conhecimento textual do leitor, maior será a sua exposição a todo tipo de texto e conseqüentemente mais fácil será a sua compreensão. Quando as atividades são conectadas, os alunos têm a oportunidade de reorganizar a reescrita, abandonar ideias consideradas por eles não pertinentes acrescentar outras, como aconteceu com o trio.

T.7 – 3ª versão - Reescrita do Reconto

O Brilho da viagem

Um menino que morava com os tios, foi convidado para passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam naquele dia com o escuro e o ar fino cheiro desconhecido. A mãe e o pai vinham trazê-los ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele. O avião de 1ª classe da companhia especial, de quatro lugares, foi contratado pelo tio e tia. Quando o avião levantou voo, ele ficou impressionado, pois dentro do avião tinha vídeo games, músicas e várias coisas para passar o tempo. O vôo demoraria duas ou três horas. Quando finalmente, o avião chegou, o lugar era lindo cheio de ar puro e animais. E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia previa do olhar e os ouvidos do menino, seguindo harmonia prévia benfazeja, em movimento concordante: as satisfações antes da consciência das necessidades. Na nova viagem davam-lhe balas, chicletes... à escolha.

II

Tudo era uma vez. Apesar da doença da mãe, muitas coisas chamavam a atenção do menino, e no fundo ia ficar bem. Às vezes, ficava um pouco preocupado, mas ao mesmo tempo, muitas novidades aconteciam. Foi no momento de calma que apareceu o vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. E para aumentar a sua alegria, o tio chegou com um telegrama falando que a mãe estava fora de perigo.

III

O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa. A mãe estava sã, salva, sorridente.
Sorria fechado: sorrisos enigmas, seus. E viva a vida.

A oitava dupla D.8 produziu um conto um pouco fragmentado porque apropriou demais de fragmentos das duas leituras. E por isso, após a lista de verificação, perguntei como poderiam unir as ideias, tendo em vista que os fragmentos estavam desconexos.

D.8 – 1ª versão - Reconto

“Esta é a estória”

Ía um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem sonhada no feliz (...)

O menino viajava em um avião de quatro lugares em destino a uma cidade que seria a mais levantada do mundo.

Ía passar dias, o vôo ia ser pouco mais de duas horas. Durante esses dias, à noitinha, ele passeava na cidade em construção, e foi assim que ele avistou o peru.

O menino ficou muito triste com a notícia, que sua mãe estava doente.

Pudesse se mecher e viver da gente, a hora de ser mais impagável arteiro deste mundo

O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostraram.

Ao passar do tempo, sua mãe foi melhorando. Entremedio, o tio recebeu um telegrama não podia deixar de mostrar.

Na segunda versão, a dupla debruçou sobre sua produção e alcançou um melhor resultado, preenchendo assim as lacunas contidas na primeira versão. E na última versão, elas apresentaram um conto muito interessante com as ideias coesas.

D.8 – 3ª versão – Reconto

O menino que viajava

“Esta é a estória”

Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem sonhada no feliz (...)

O menino viajava em um avião de quatro lugares em destino a uma cidade que seria a mais levantada do mundo. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. Durante esses dias, à noitinha, ele passeava na cidade em construção, e foi assim que ele avistou o peru. E a notícia veio sem demora. O menino ficou muito triste com a notícia, que sua mãe estava doente, em cada instante, era como se fosse só uma parte dele mesmo, empurrado diante, sem querer.

Pudesse mexer no viver da gente, havia de ser mais impagável e arteiro deste mundo.

O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se encarasse pensamento, a lembrança da mãe, iria chorar.

Ao passar do tempo, sua mãe foi melhorando. Entremeio, o tio recebido um telegrama não podia deixar de mostrar.

Era hora de voltar para casa. A mãe estava curada, sã e salva.

O menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a mãe nem nunca tinha estado doente, era melhor; não podia viver dias quadriculados.

Agora era o inesquecível de respeito, a calma, inclusa. Durou um nem nada, como a palha se desfaz, e no comum, na gente não cabe paisagem, e tudo, fora das molduras.

Era, outra vez em quando, a alegria.

A dupla D.9, no início da etapa estava com preguiça de escrever, mas quando começou produzir e interagir com a escrita, percebeu que estava tendo êxito com a produção escrita e se sentiram à vontade para recontar.

D.9- 1ª versão - Reconto

Um menino ia viajar com seus tios e sua mãe. Ele tinha um problema, sua mãe estava doente. Durante a viagem se sentia feliz e triste ao mesmo tempo.

Ele ia viajar de avião para uma cidade que estava sendo construída. demorou umas duas horas pra chegar e lá do alto ele viu pássaros e um tucano. Mas, ele viu também uma coisa que ele não podia ver...

Estava destruindo uma floresta para construir esta cidade. A poeira, alvissareira, a malva-do-campo, os lentiscos, o velame-branco de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompas arroxeadas da canelada- ema. O que o Tio falava que ali havia “imundices de perdizes”. O menino sentia um incerto remorso.

Numa tarde, o menino saiu no quintal e viu um peru. Com sua beleza estontante satisfazia os olhos era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andante, gruziou outro gluglo. O menino riu com todo o coração. Mas só bis viu. Já o chamavam para passeio.

Quando eles voltam, ele não viu o peru, mas quando ele foi jantar, o peru estava em cima da mesa, tortão para a esquerda. Não suportou atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando mais pesadas, mais-coisa-quando-olhadas sem precaução. Temia pedir notícias; temia a mãe na má miragem de doença?

Como aquilo fora possível? Logo as lágrimas lhe saltavam. Firmou a vista e viu ao sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante, e existente o tucano da primeira viagem – parado que não se achava – do tucano que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales de aurora, ali junto da casa. Teve certeza que a mãe estava sã, sarada.

E vinha novamente a alegria e vinha a vida.

Após a lista de verificação, eles fizeram algumas modificações que enriqueceram o reconto. Abordaram na produção, os impactos acarretados com a construção da cidade. E escolheram os fragmentos que Rosa enumera cada parte do cenário destruído. Notei que a dupla estava sensibilizada com a destruição da natureza e isso se igualava à doença da mãe. Então, eles escreveram muito e se sentiram felizes ao escrever. Inclusive disseram que “nunca tinha escrito tanto algo de cabeça”. Por diversas vezes, perguntaram como estavam se saindo e eu dizia que o reconto estava ficando excelente. Daí reside a importância de proporcionar momentos constantes de leitura em sala, pois as narrativas permitem que os alunos entendam que as imagens e as palavras são representações do mundo, das experiências vividas, e dos julgamentos de valor que se tem das coisas em determinada cultura. Retomando os conceitos de Colomer (2007, p.55) a consciência narrativa inclui também as expectativas sobre a conduta das personagens e a dupla revelou uma grande preocupação com a Mãe Terra e com a Mãe de sangue.

D.9- 3ª versão – Reescrita do Reconto

O menino viajante

Um menino ia viajar com seus tios e sua mãe. Ele tinha um problema, sua mãe estava doente. Durante a viagem se sentia feliz e triste ao mesmo tempo. O menino lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

Ele ia viajar de avião para uma cidade que estava sendo construída, demorou umas duas horas pra chegar, e lá, do alto, ele viu pássaros e um tucano. Mas, ele viu uma coisa que ele não podia ver...

Estava destruindo uma floresta para construir uma cidade planejada. A poeira, a alvissareira, a malva-do-campo, os lentiscos, o velame-branco de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompas arroxeadas da canela-de-ema, tudo se misturando e se transformando...

O Tio falava que ali havia “imundices de perdizes”. O menino sentia um incerto remorso.

Numa tarde, o menino saiu para o quintal e viu um peru. Com sua beleza estonteante satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andante, gruziou outro gluglo. O menino riu com todo o coração. Mas, só bis viu. Já o chamavam para um passeio.

Quando eles voltaram, ele não viu o peru, mas na janta, o peru estava em cima da mesa, tortão para a esquerda. Não suportou atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando mais pesadas, mais-coisa-quando-olhada sem precaução. Temia pedir notícias; temia a mãe na má miragem de doença. Como aquilo fora possível?

Logo as lágrimas lhe saltavam. Firmou a vista e viu o sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo entoante, e existente, o tucano da primeira viagem – parado que não se achava. Ali, o tucano que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales de aurora, ali junto da casa. Teve certeza que a mãe estava sã, sarada.

E vinha novamente a alegria e vinha a vida.

A dupla ficou eufórica com algumas expressões criadas e fizeram questão de preservar após a lista de verificação, “Mas ele viu uma coisa que não podia ver”, criando assim uma expectativa no leitor para ler o texto.

O décimo trio T.10 recontou a história tentando aproximar dos contos estudados, pois o título aproxima de um e o enredo de outro. Já na primeira versão, percebe-se que eles buscaram vários fragmentos da prosa roseana para desenvolver o enredo do reconto. Na última versão, eles estruturaram melhor a ideia e na reescrita foram realizadas algumas adequações que revelam a multiplicação das ideias. Esse processo revela um progresso dos alunos e a consciência de que ao ampliar os limites da leitura, amplia-se também a habilidade escrita. Os alunos leitores da própria escrita, refletiram sobre o papel do escritor e do leitor ao recontar a estória, e se esforçaram para alcançar esses objetivos.

T 10. 1ª versão - Reconto

As Margens das Viagens

Ia um menino fazer uma viagem com seus tios em uma cidade que estava sendo construída, ela ficaria pronta por demorados dias...

A mãe vivia com seu filho em uma alegria numa longa nuvem.

O menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos e espiava:

As nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade á larga, no chão pleno em visão cartográfica, repartido de roças e campos o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde, e, além, baixa a montanha. Foi nesta paisagem que ele avistou o peru.

O peru era muito colorido e bem bonito. Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, em transbordamento. Mas grande foi a surpresa ao vê-lo servido no jantar. Porque tão de repente?

Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado o peru – aquele. O peru seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino receba em si um miligrama de morte. Na outra viagem, olhou o céu e o menino estava muito dentro de si mesmo em algum cantinho. Sua cabeça estava a mil, estava pensando na doença de sua mãe. Deitado, o menino se sentia sustoso, coração dando muita pancada. A mãe isso é... E não podia logo dormir, e pela dita causa, a noite – tudo caminhava devagar para o outro dia.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O tio sorriu, fortíssimo. A mãe estava bem, fora de perigo. No dia seguinte – depois do entardecer do sol voltaram para casa. Só aquilo. Só tudo.

— chegamos, o tio falou.

E o menino sorriu ao que sorriu: sorrisos enigmas, seus, E vinha a vida.

T 10. 3ª versão – Reescrita do Reconto

As Margens das Viagens

Ia um menino fazer uma viagem com seus tios em uma cidade que estava sendo construída, ela ficaria pronta por demorados dias...

A mãe vivia com seu filho, alegre, à linha do oeste na extrema do horizonte.

O menino deitava fartamente sobre os joelhos e espiava. As nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, no chão pleno em visão cartográfica, repartido de roças e campos. O verde que se ia a amarelos e vermelhos, a pardo e a verde, e, além, baixa montanha. Foi nesta paisagem que ele avistou o peru.

Era muito colorido e bem bonito. Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, em transbordamento. Mas grande foi a sua surpresa ao vê-lo servido no jantar. Porque tão de repente?

Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado o peru – aquele. O seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte.

Na outra viagem, olhou o céu e o menino estava muito dentro de si mesmo, em algum cantinho. Sua cabeça estava a mil, estava pensando na doença de sua mãe.

Deitado, o menino se sentia sustoso, coração dando muita pancada. A mãe isso é... E não podia logo dormir, e pela dita causa, a noite – tudo caminhava devagar para o outro dia.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O tio sorriu fortíssimo. A mãe estava bem, fora de perigo.

No dia seguinte, depois do entardecer do sol, voltaram para casa. Só aquilo. Só tudo.

- Chegamos, o tio falou.

E o menino sorriu ao que sorriu: sorrisos enigmas, seu. E vinha a vida.

CAPÍTULO 8. PERSPECTIVAS DE SÍNTESE

“As coisas mudam no devagar depressa dos tempos.”

Guimarães Rosa

Os objetivos da pesquisa serão retomados nesse capítulo a fim de compreender os alcances da prática realizada em sala de aula com textos literários. Propõe assim, refletir em que medida os objetivos foram alcançados durante a aplicação da rota didática, refletindo sobre o envolvimento dos alunos, as atividades de leitura e as estratégias utilizadas. Ao cabo da discussão, resgata-se a questão norteadora da pesquisa, ou seja: como contribuir para a formação do leitor literário proficiente.

8.1. Revisitando os objetivos da pesquisa

O primeiro objetivo a ser elencado para a análise é o desenvolvimento de abordagens didáticas e procedimentos de leitura voltado à exploração dos diversos elementos constitutivos da obra, que possam favorecer a leitura de textos de literatura. A rota didática aqui proposta foi organizada com a finalidade de envolver os alunos, através do convite à leitura e da motivação, nos processos de interpretação e de compreensão textual, tendo sido estabelecida a partir de um projeto anterior desenvolvidos na Escola e que possibilitaram a leitura de contos de Guimarães Rosa durante o ano de 2017. O diagnóstico realizado pelos professores da Escola Estadual “Juscelino Kubistchek de Oliveira” em 2014, revelou que muitos alunos tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio liam, mas não conseguiam se posicionarem criticamente diante do texto e tinham dificuldades em fazer inferências, com pouco domínio no estabelecimento de vínculos entre as partes e na construção de sentidos para o texto. Em busca do desenvolvimento interdisciplinar, a escola apresentou o projeto “*O Letramento através da Literatura de Guimarães Rosa - Nas Veredas de Minas: da Sala de Aula a Cordisburgo*” à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Metropolitana B, com a finalidade de angariar recursos para a compra de livros literários de Guimarães Rosa, prevendo um trabalho de campo na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais – terra natal do escritor. Com a aprovação do plano de trabalho pela Secretaria, a compra das obras fomentou a biblioteca com os títulos: *Burrinho pedrês*, *Primeiras Estórias*, *Sagarana*, *Grande Sertão Veredas*, *Tutameia*, *Cara de Bronze*, *Manuelzão e Miguilim*, permitindo o acesso a vários exemplares de cada obra e uma

proposta de leitura com toda a turma, potencializando assim o trabalho interdisciplinar durante todo o ano de 2017, com ênfase na leitura de textos literários. Como os alunos do sexto ano vieram de outra escola e não participaram desse projeto, partiu-se da hipótese que o contato dos alunos novatos com a leitura de alguns contos de Guimarães Rosa contribuiria para a ampliação dos limites de leitura e de compreensão textual dos alunos.

Em conformidade com os PCNs (1998), a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de se organizar em torno de um projeto educativo, comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos mais simples para o leitor de textos de complexidade real, do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. Os alunos conheciam os contos de fadas, mas ainda não conheciam a versão roseana apresentada. A escolha do gênero e do autor foi fundamental, pois embora haja outras leituras na escola, no campo literário, há uma tendência à fragmentação dos textos. Os alunos puderam conhecer e ler contos de Guimarães Rosa, o que possibilitou um contato direto e integral com textos originais que revelam a diversidade social e cultural por meio da palavra, o que pode contribuir para a ampliação da competência linguística e discursiva, para a transformação dos leitores em autores.

Diante desse quadro, a mediação através do planejamento de leitura foi um aspecto importante na prática, pois, no ensejo de aumentar a capacidade de interpretação, surgiram várias dúvidas e dificuldades que foram diminuindo conforme o andamento das etapas da rota literária. Atividades, como a leitura com pausa protocolada, ajudaram a explicitar aspectos dos textos que passaram despercebidos em uma primeira leitura e auxiliou na participação oral dos alunos, uma vez que eles puderam apresentar hipóteses que foram confirmadas ou refutadas ao longo da leitura. A prática revelou que é necessário um trabalho permanente em sala de aula envolvendo atividades específicas desenvolvidas para formação de um leitor de literatura, com exercícios de compreensão e interpretação do texto, a partir de objetivos bem definidos.

Visando ensinar a leitura de textos literários no ensino fundamental, as atividades de compreensão textual foram redefinidas. Buscando facilitar esse processo, foi proposta a confecção de um glossário ilustrado, tendo em vista que o vocabulário dos contos do autor é muito específico e, para compreender o enredo, é importante entender o sentido das palavras utilizadas pelo autor. Essa atividade foi muito produtiva porque colocou os alunos, em um primeiro momento, em contato com todos os significados das palavras encontrados no dicionário e, em um segundo momento, eles sentiram a necessidade de entender qual o sentido foi utilizado pelo autor em determinado contexto. Cafiero (2005, p. 44) defende que o leitor proficiente redimensiona a sua própria compreensão, desconfia dos sentidos produzidos

inicialmente; foi exatamente o que pôde ser percebido em relação a algumas palavras que eram desconhecidas pelos alunos dentro do contexto roseano.

Outro fator relevante para a pesquisa foi a dinamização da biblioteca da escola (como objetivo proposto), pois, embora possua um acervo considerável, dificilmente, são desenvolvidas práticas nesse ambiente. O desenvolvimento de atividades de leitura, no ambiente da biblioteca relacionadas a um autor consagrado chamou a atenção dos alunos que anteriormente limitavam-se a ir à biblioteca para buscar livros didáticos solicitados por seus professores. Dessa maneira, os alunos foram estimulados a manusear e a explorar a coleção de textos de Guimarães Rosa existente na escola. Para a turma, o acesso foi garantido, e também estimulado, pela bibliotecária da escola, que participou das atividades em algumas etapas de leitura, buscando assim, também ela, despertar nos alunos o prazer de transitar por entre as estantes e, ao sabor do gosto estético e das descobertas de cada um, conviver com a literatura.

Em relato espontâneo, a própria bibliotecária comentou que alguns alunos da turma manusearam outras obras de Guimarães Rosa, ao visitar a biblioteca nos horários de recreio.

A promoção da escrita, como um dos objetivos propostos, incrementou a pesquisa, pois os alunos deixaram de ser leitores para ser autores, revelando assim consciência das muitas possibilidades de recriação uma obra literária.

A proposta de recontar o texto teve o objetivo de verificar a compreensão do texto motivador, pois através dos textos produzidos, pôde-se verificar a compreensão dos alunos sobre aspectos do espaço, das personagens, do trato com a linguagem realizada pelo autor, do qual alguns alunos tentaram se aproximar. Além disso, foram exploradas as várias intervenções que o processo de autoria reivindica: escrita, rasuras, rabiscos, correções, reescrita.

Uma lista de verificação permitiu a leitura do texto do colega, com análise e reflexão mais profundas sobre o processo da escrita; além disso, a atividade de reescrita do texto previamente apresentado, possibilitou mais um momento de leitura.

Estratégias como essas dão oportunidade à manifestação da compreensão leitora dos alunos, uma vez que eles recontaram a história destacando os elementos sentidos como mais importantes durante a leitura e a interpretação.

Enquanto atividade em conjunto, houve obviamente divergências e convergências de opiniões, tendo sido possível perceber que muitas dessas posições antagônicas possibilitaram uma ampliação de sentido para os alunos que revelaram o entendimento do mundo ficcional roseano e trouxeram esse universo para o próprio reconto.

8.2 (Re)Pensando a prática

O objetivo central proposto para esta pesquisa foi desenvolver e aplicar estratégias didáticas para o ensino de literatura no Ensino Fundamental, visando à formação do leitor proficiente de textos literários. Nesse sentido, a leitura literária em sala de aula permitiu que os alunos vivenciassem momentos significativos em sua trajetória escolar.

No primeiro módulo, o ato de relacionar o texto roseano com um conto infantil tradicional contribuiu para que os alunos estabelecessem semelhanças e diferenças entre os dois textos e, ao recontar, eles identificaram como presente em ambos a eterna luta entre o bem e o mal, quase sempre presente nos contos de fadas com cuja leitura estavam mais habituados. As produções dos alunos retrataram o preço da desobediência e temas atuais como o *bullying* na escola, a violência infantil e a proteção por parte dos avós. Na verdade, eles trouxeram para o reconto questões referentes às problemáticas humanas, muitas vezes, vivenciada por eles próprios visando à superação desses conflitos. E, nessa tessitura, novas referências foram surgindo, frutos de outras leituras, e eles adentraram no processo de reescrita, culminando com autoria. A partir disso, é possível afirmar que a repetição da leitura dos contos de fadas, nos primeiros anos escolares, é benéfica, pois, ao ler e conhecer novas versões e outras leituras, os alunos entram em contato com pontos de vista diferentes e vão construindo, aos poucos, novos sentidos.

Em âmbito escolar, existe uma tendência a “desescolarizar” os contos de fadas no 6º ano, motivada pela constatação de que os alunos já conhecem o gênero. Não obstante, há muitos aspectos que podem ser aprofundados, distintos dos usos propostos no livro didático que, na maioria das vezes, apresenta o gênero como pretexto para a alfabetização ou apenas para o preenchimento da ficha de leitura. Cada leitura permite que o leitor seja outro e, além disso, à medida que o leitor lê novos livros, a sua percepção vai aumentando e ele tem mais facilidade de estabelecer interação com outros textos, ampliando o seu conhecimento de mundo.

A leitura de *Fita verde no cabelo: uma nova velha estória* foi ampliada com a pausa protocolada, porque, numa primeira leitura, os alunos revelaram muitas dificuldades, dada a complexidade da prosa roseana. Ao realizar, porém, as interrupções, com perguntas relativas ao sentido, ao significado e à opção do autor pelo uso de determinado vocábulo, eles foram compreendendo o sentido global do conto e tiveram uma participação ativa, opinando sobre os usos e as preferências de Guimarães Rosa. Essa postura colaborativa, que procura democratizar a leitura, permite que os alunos ampliem seus níveis de compreensão, através da adequação

temática e linguística; além disso, também reforça a afirmação de que, no âmbito escolar, é possível formar leitores literários.

A leitura de textos de Guimarães Rosa já no sexto ano pode suscitar alguma perplexidade e isso também foi levado em conta na apresentação do autor e no planejamento das atividades, tendo se optado por uma transição mais lenta entre o tipo de texto com os quais os alunos já tinham algum contato (o conto infantil) e o texto “literário” de autor consagrado da literatura brasileira. Partiu-se do pressuposto de que o contato do aluno com um texto literário deve ser proposto a partir de algo conhecido para o desconhecido e de que a compreensão ocorre à medida que são realizadas determinadas estratégias, pois é através da leitura de autores canônicos que os leitores vão se defrontando com o diferencial maior da literatura que é a qualidade estética.

8.3 Algumas conclusões

A revisitação da questão norteadora da pesquisa de “como contribuir com a formação do leitor proficiente” deve-se à tentativa de apontar a rota didática literária como uma possibilidade para formar leitores proficientes em sala de aula. Uma inquietação inicial sempre presente foi a impossibilidade de mensurar em curto tempo o nível de compreensão de leitura de um aluno.

Na prática pedagógica, uma ação muito comum para verificar a compreensão do texto por parte do aluno é exigir o relato de sua compreensão e, no caso do texto literário, o apontamento dos elementos estruturais, tais como o início, o meio e o fim e de elementos composicionais, como o narrador, as personagens, o tempo, o cenário, dentre outros. As atividades são acompanhadas por um roteiro de perguntas sobre o texto, muitas vezes, proposto pelo livro didático. Essa verificação, porém, nem sempre é contínua e, parafraseando Kleiman (1998), para que o leitor tenha a capacidade de perceber o todo com base nas partes são necessárias ações continuadas, pois o leitor deve chegar até o “esqueleto” do texto para perceber a sua estrutura e a concatenação de informações pontuais e intencionais, o que requer práticas cotidianas constantes de aprimoramento da capacidade de compreensão. Por isso, foi proposta uma rota com atividades organizadas para se obter, através dos recontos, a verificação da compreensão leitora dos alunos. O uso da pausa protocolada, a confecção do glossário ilustrado e a produção escrita, que foram realizados ao longo dos dois módulos, ajudou os alunos a entenderem melhor o texto.

Os documentos normativos propõem que o ensino da literatura ou da leitura literária deve envolver o reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que caracterizam um tipo particular de leitura e de escrita. Aos alunos do 6º ano, recomenda-se o contato com os livros de literatura como bens culturais, para que se familiarizem e interajam com a linguagem literária. Nesse sentido, almejou-se alcançar com a rota didática proposta o desenvolvimento de várias habilidades como a identificação da estrutura narrativa ficcional, o reconhecimento do cenário do espaço e do tempo, assim como a identificação das personagens principais e secundárias, a utilização dos efeitos de sentido decorrentes do uso dos tempos verbais e dos efeitos de sentido decorrente do uso de pontuação expressiva, de palavras e expressões conotativas e de processos figurativos como metáfora, metonímia, que estão presentes como pressupostos na Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017, p.125).

Ao propor a pausa protocolada, buscando ampliar as possibilidades do entendimento de um texto com a força criadora de Guimarães Rosa, pretendeu-se favorecer, através dessa estratégia, uma melhor compreensão textual dos alunos. A constatação de que os alunos iriam ter dificuldades de compreensão ocorreu antes da leitura propriamente dita, pois eles revelaram que nunca haviam lido texto do autor, mas acreditou-se que, com estratégias pertinentes de leitura, o aprimoramento da compreensão ocorreria ao longo das etapas.

Verificou-se que no primeiro módulo os alunos ainda estavam presos aos contos de fadas tradicionais. A leitura do conto *Fita verde* rompeu com as expectativas tradicionais e os colocou diante de novas demandas para se chegar ao entendimento do conto. Através das estratégias de leituras, os alunos conseguiram fazer associações, comparar as duas versões e apontar semelhanças e diferenças.

A produção coletiva foi benéfica, pois uns ajudaram aos outros e leituras diferentes surgiram após a discussão em grupo. Com as etapas realizadas ao longo do segundo módulo, os alunos foram se libertando dos padrões mais comuns, tornando-se nítida, no reconto, uma tentativa de potencializar a linguagem cotidiana, transformando-a na forma de expressão do pensamento do trio, da dupla ou do indivíduo, aproximando-se, assim, da linguagem roseana.

A aproximação com os contos de Guimarães Rosa focou-se na habilidade do leitor de associar a própria leitura com sua experiência de vida. Nesse processo, o aluno, de leitor de Guimarães Rosa, passou a ser coautor do texto, uma vez que trouxe para o reconto outras instâncias significativas. O recorte de fragmentos autorizado pela professora para a construção da narrativa permitiu que os alunos se sentissem mais próximos ao autor, pois não foi proposto de forma aleatória, mas sim deliberadamente pensada para suscitar um encaixe das suas ideias, de tal modo que todos estabelecessem um diálogo com o fragmento do conto roseano. Essa

proposta deu a eles maior segurança porque, ao se apropriarem do texto do outro, eles próprios puderam se sentir autores.

Comumente, o aluno não é estimulado a produzir contos exercendo a sua capacidade de compreensão, de desenvolvimento de conflitos e resolução com desfechos; nesse sentido, a rota proporcionou que eles superassem a estrutura mais óbvia, tendo em vista que nos contos de Guimarães Rosa não comparece o esquema rígido do conto tradicional. Os alunos foram construindo a personagem principal a partir da sua própria existência e daí passaram a construir o universo da personagem margeado pela alegria e pela tristeza, tais quais as personagens roseanas.

Uma avaliação positiva, por parte da própria proponente, da contribuição da rota didática para a formação de um leitor mais proficiente pode parecer tendenciosa demais, mas a experiência vivenciada após o término da aplicação da rota foi surpreendente. Ao colocar na prova bimestral alguns dos textos produzidos pelos alunos, eles se sentiram valorizados ao constatar que os seus textos estavam na prova, ou seja, o texto estava sendo lido por outros alunos que não tinham ainda tido a oportunidade de conhecer na íntegra a produção do colega. O desenvolvimento da habilidade de construir uma representação global do texto foi estimulado ao identificar no reconto a temática do conto, o relacionamento das ideias à temática, a intertextualidade, a apropriação de fragmentos do conto lido.

A reescrita possibilitou uma síntese da compreensão global dos alunos e permitiu que o aluno leitor, realizasse uma produção escrita, verificasse problemas estruturais e ortográficos em sua produção e na do colega, que fossem leitores proficientes, completando assim um círculo produtivo de leitor, escritor, corretor e leitor de seu texto. Consciente desse processo, há a convicção de que a rota didática literária construída e aplicada contribuiu para a formação leitora dos alunos e permitiu que eles se tornassem leitores de Guimarães Rosa, em uma experiência que vai muito mais além dos caminhos trilhados no percurso. Assim, não parece demasiado afirmar que o estudo do espaço ficcional dos contos roseanos, tal como foi proposto, possibilitou aos alunos uma compreensão mais profunda da força criadora da linguagem e dos seus mecanismos, dinamizando um movimento em que autor e leitor se fundem, tendo em vista que os leitores se transformaram em escritores e leitores de seus próprios textos, quiçá bem mais proficientes.

REFERÊNCIA

- ALMEIDA, Maria Isabel de; GHEDIN, Evandro; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari (2008). **Formação e professores: caminhos e descaminhos da prática**. Brasília: Líber Livro Editora.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira Galvão. Práticas de Leitura, impressos, letramentos: uma introdução. IN: **Leitura Literárias, impressos, letramentos** / Antônio Augusto Gomes Batista, Ana Maria de Oliveira Galvão (org.) – 2 ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores**. Rio de Janeiro: ALPAC, jun.2006, 58p
- BETTELHEIM, B. ZELAN, K. **Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984
- BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construir o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Global, 2009.
- BRANCO, Antônio. Da “Leitura literária Escolar” à “Leitura Escolar de/da Literatura”: poder e participação. 2008. (org.) PAIVA, Aparecida. Et al. **Leituras Literárias: discursos Transitivos/ Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras)**. – 1 reimp. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008,208p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, 2017. In: BNCC_publicacao.pdf. Acesso, 12 abril de 2017.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- _____. **Política para a formação de leitores**. Uma proposta pedagógica. Documento preliminar. Brasília: MEC, 2005, 22p. (mimeo).
- _____. **Relatório final do Projeto de Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Rio de Janeiro: ALPAC, mar. 2006, 268p.
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor** / Delaine Cafiero: - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- CÂNDIDO, Antônio, 1918. **Vários Escritos** / Antônio Candido. – 3ª Ed. rev e ampl. – São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais/ Antônio Chizzotti**. 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2001. – (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16)
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática/ Nelly Novaes Coelho**. – 1. ed – São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola** / Teresa Colomer; [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2007

CONCEIÇÃO, R. I. S. **Correção de texto: um desafio para o professor de português**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 2, n. 43, p.323-344, jul. 2008.

COSCARELLI, Carla (org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 176p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006a.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Peret. **Aula de Português: parâmetros e perspectivas** / Regina Lúcia PéretDell'Isolla. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

_____. **Retextualização de textos escritos**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

_____. A avaliação da leitura de textos no ensino de língua portuguesa. In: DELL'ISOLA, Regina L; MENDES, Eliane A. M. (orgs.). **Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino/pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Aula de Português: parâmetros e perspectivas** / Regina Lúcia PéretDell'Isolla. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

DIOGO, Sarah Maria Forte. **A escrita literária de João Guimarães Rosa – Saberes que navegam na Terceira Margem do Sentido**. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, Leitura e Escola. Uma Hipótese de Trabalho para a Construção do Leitor Cosmopolita. 2008. (org.) PAIVA, Aparecida. Et al. **Leituras Literárias: discursos Transitivos/ Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras)**. – 1 reimp. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008,208p.

FIAD, R. S., MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **A escrita como trabalho**. In: MARTINS, M. H. (org.). Questões de linguagem. São Paulo : Contexto, 1991. p.54-63.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Ainda que uma leitura dos Parâmetros curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Artigo publicado na revista IBEP, O ensino de Língua Portuguesa, julho de 2001.

GARCEZ, Lucília. (2002). **Técnicas de redação**. São Paulo: Martins Fontes.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino – exercício de militância e divulgação**. s/ed, Campinas, SP: Mercado de Letras - ABL, 1996.

GIASSON, J. (1993). **A Compreensão na Leitura**. Porto: Edições ASA.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 10ª Ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **Das Tábuas da lei à tela do computador**. São Paulo 2009.

LIMA, Ronaldo **Estudos Linguísticos I**. Ana Cláudia de Souza, Ronaldo Lima. - Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: atividades de Retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 2008. São Paulo: Parábola Editorial, 3ª Ed.

MENDONÇA, Márcia. **Letramentos em espaços educativos não escolares: os jovens, a leitura e a escrita** / Márcia Mendonça; Clecio Bunzen. – São Paulo: Ação Educativa, 2015.

MENEGASSI, J.R. **Interação, escrita e metacsciência na formação inicial de professores**. Revista Signum: Estudos da Linguagem. Vol 9. N. 2 pg. 159-168. Londrina.

MINISTÉRIO DA CULTURA/FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **PROLER** – concepção, diretrizes e ações. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: 1998.

BERG, Maria Silvia Pires. **Onde estão as Chaves? Considerações sobre a formação do leitor e a fruição literária**. In: Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras/ Célia AbicalilBelmito ... [et al.]. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. **A Travessia para a Aprendizagem**. In: MOARA – Rev. dos Cursos de Pós-Grad em Letras. UFPA, Belém, n. 14, p.35 a 46, jul/dez 2000.

PAIVA, Aparecida. Et al. **Leituras Literárias: discursos Transitivos**/ Aparecida Paiva. Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras). – 1 reimp. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, 208 p

_____. **Literatura: ensino fundamental** / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson . – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PAULINO, Graça. Algumas Especificidades da Leitura Literária. 2008. Org.: PAIVA, Aparecida. Et al. **Leituras Literárias: discursos Transitivos**/ Aparecida Paiva. Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras). – 1 reimp. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008,208p

ROSA, João Guimarães. 1908-1967. **Primeiras Estórias** / João Guimarães Rosa. – [16 ed.] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ROSA, Guimarães. **Ave, palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SÁNCHEZ MIGUEL, Emílio. **Leitura na Sala de Aula: como ajudar os professores a formar bons leitores**. tradução: Fátima Murad; revisão técnica: Sônia Moojen – Porto Alegre: Penso, 2012. 376p.

SILVA, Vera Maria Tiezman. **Leitura Literária & Outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor** / Vera Maria Tiezman Silva. – Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SILVEIRA, Rosa Hessel et al. **A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2004. In Rev. Bras. Educ. no.25 Rio de Janeiro Jan./Abr. 2004. In: <http://dx.doi.org>, acesso 22 de março de 2017.

SOARES, M. B. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998

SOARES, M. **Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas**. Revista Brasileira de Educação. set/out/nov/dez, 1995, p. 5-16.

SOARES, I. C. G. **Programas Nacionais de Leitura no Brasil: o PROLER e o PRÒ-Leitura (1995- 2000)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. **Fita Verde e Chapeuzinho Vermelho: confluência mítica entre Perrault e Rosa**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 06 N. 02 • jul/dez 2010.

SUN. Moon Haru. **Fita verde no cabelo**. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-rpyFwqAQ>, acesso em out.2016.

WALTY, Ivete Lara Camargos. **A Escolarização da Leitura Literária**. O jogo do livro Infantil e Juvenil. 2ª ed. 1ª reimp. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. / Ziberman. – Curitiba: IESDE. Brasil S.A., 2009. 140 p.

_____. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012

_____. **O papel da Literatura na escola A**. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dec. 2008. ISSN 2317-8086. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 24 out. 2017.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor**. In. A produção cultural para a criança. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

APENDICE 1

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Res. 466/12 – Item II.23

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa que objetiva contribuir para a realização da leitura literária em sala de aula buscando a formação do leitor literário dos alunos do 6º ano do ensino fundamental (turno da tarde). A pesquisa tem como objetivo contribuir para a formação do leitor proficiente de textos literários.

Estão sendo convidados alunos de uma turma do Ensino Fundamental com idade entre 11 a 14 anos. A pesquisa será feita dentro da escola, na sala de aula e na biblioteca. Serão realizadas a leitura de contos selecionados de Guimarães Rosa, um importante escritor da literatura brasileira.

Para a realização da pesquisa, serão utilizadas câmeras filmadoras e gravadores de voz. O uso desse material é considerado seguro, mas é possível algum risco como, por exemplo, cansaço ou vergonha. Se isso acontecer a pesquisa será, imediatamente, interrompida. Mas há coisas boas que podem acontecer como, por exemplo, a escrita de reconto que possibilitará a melhoria na compreensão da leitura e da escrita. As filmagens e gravações ficarão guardadas no computador do pesquisador (a), por um prazo máximo legal de 05 anos, e os resultados da pesquisa serão utilizados em trabalhos na Universidade ou apresentados em congressos e palestras sem revelar os nomes dos participantes. Todas as filmagens e áudios gravados serão guardados em segredo pelo (a) pesquisador (a) e não serão usados para outros fins senão para a pesquisa.

Você não terá que pagar nada por sua participação e nem receberá nada por ela. Você receberá todas as orientações sobre a pesquisa e não precisa participar se não quiser. E tanto o aluno participante quanto seu responsável, poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas seu nome e dos demais participantes ficarão em segredo da pesquisa. A pesquisadora Vildete Gomes Pereira e seu orientador Dr Júlio César Vitorino são responsáveis por todos os cuidados necessários para o andamento da pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será guardada pelo pesquisador responsável e a outra ficará com você. Os pesquisadores manterão seu nome em segredo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os objetivos da pesquisa.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas. Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, você poderá entrar em contato com o COEP. COEP-UFMG - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha.

Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Telefone: 34094592.

A pesquisa tem o objetivo de proporcionar a leitura de contos de Guimarães Rosa na sala de aula e visa contribuir para a formação do leitor literário. Serão convidados os alunos do 6º ano do turno da tarde, no entanto o aluno é livre para participar e sua desistência da pesquisa pode ocorrer em qualquer momento.

Você pode sair do estudo quando quiser, sem prejuízo de qualquer natureza.

Li e concordo em participar da pesquisa

Ibirité, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do responsável ou representante legal do (a) participante (a)

Assinatura do (a) menor

Nome e assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Nome e assinatura do pesquisador orientador da pesquisa

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a) Pai, Mãe ou Responsável,

Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa: “LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR PROFICIENTE”, desenvolvida pela professora Vildete Gomes Pereira, mestranda do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS-UFMG), sob orientação do Professor Doutor Júlio Cesar Vitorino, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa tem a finalidade de colocar em prática uma proposta didática que tem o objetivo de proporcionar a leitura literária de contos selecionados do autor Guimarães Rosa para cerca de 30 alunos de uma turma do 6º ano da escola. O objetivo geral é proporcionar a leitura em sala de aula para a formação de alunos leitores e favorecer na melhoria do ensino de português tanto na escola quanto no país.

As atividades serão desenvolvidas pela professora Vildete Gomes Pereira no primeiro segundo e bimestre de 2018, no horário regulamentar das aulas, de 13:00 às 17:30 nas dependências da escola. Pretendemos registrar em áudio, fotografias, filmagens e algumas atividades escritas.

De acordo com a legislação (Res. 466/12 – Item II.23), toda pesquisa oferece algum tipo de risco. No caso da pesquisa em questão, os riscos envolvidos consistem em “Riscos Mínimos (cansaço ou constrangimento, timidez) ocasionados pelas atividades propostas e pela participação em pequenos grupos de trabalho. Se isso acontecer, o processo será interrompido imediatamente até que o aluno se sinta em condições de continuar. As filmagens e gravações ficarão armazenadas em poder do (a) pesquisador (a) em seu computador pessoal pelo prazo máximo legal equivalente a 05 anos e os resultados da pesquisa serão utilizados em trabalhos científicos publicados ou apresentados oralmente em congressos e palestras sem revelar a identidade do participante. Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins. A participação do aluno nessa pesquisa é de caráter voluntário e ele não é obrigado (a) a participar da pesquisa. As atividades desenvolvidas não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa ou outras disciplinas. O aluno é livre e pode desistir em qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas. Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, você poderá entrar em contato com o COEP. **COEP-UFMG - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais**. Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Telefone: 34094592.

Qualquer dúvida ou problema, você poderá entrar em contato com a pesquisadora na escola ou com o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, sala 4085 ou no telefone: (31) 3409-6084 ou pelo email jvitorino2016@bol.com.br

A pesquisa visa proporcionar a leitura em sala de aula para a formação de alunos leitores e favorecer na melhoria do ensino de português tanto na escola quanto no país, no entanto, o participante é livre.

Seu filho não é obrigado a participar e pode sair quando quiser.

Li e concordo com a participação do meu filho nessa pesquisa.

Assinatura do responsável ou representante legal do (a) participante (a)

Nome e assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

Nome e assinatura do pesquisador orientador da pesquisa

APÊNDICE 3

TA. Termo de Autorização do Uso da Imagem e da Voz “AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)

Pelo presente Instrumento Particular, eu _____
 RG. nº. _____ SSP-MG e do CPF/MF nº. _____,
 residente e domiciliado na _____
 responsável legal pelo aluno (a) _____
 por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados à pesquisa intitulada: LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR PROFICIENTE - uma proposta didática que tem o objetivo de proporcionar a leitura literária dos contos de Guimarães Rosa. Nessa pesquisa, queremos propor um percurso que possibilite que os alunos sejam guiados através de sequências básicas, com a finalidade de aumentar o gosto pela leitura literária, ampliar o conhecimento e se tornar um leitor consciente do seu papel na escola e na sociedade. A pesquisa será realizada pela pesquisadora Vildete Gomes Pereira sob a orientação do professor Dr Júlio Cesar Vitorino. Essa autorização inclui a divulgação do material produzido durante a pesquisa, tais como fotos, vídeos, áudios, outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa, televisiva, radiofônica, escrita, voz e imagem, preservada a identidade do aluno (a).

A presente autorização é outorgada livre e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo o (a) autorizado (a) em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que esta é firmada em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO e assino em 02(duas) vias de igual teor.

Ibirité, _____ de _____ de 2018.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

RG Nº: _____

CPF Nº: _____

Telefone para contato: _____

Nome do Representante Legal (se menor): _____

APÊNDICE 4 - ROTA DIDÁTICA

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho X Fita verde no cabelo: nova velha estória

1ª Etapa

Data: 15 de maio de 2018

CHAPEUZINHO VERMELHO

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa. Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”. Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata. De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe. A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geléia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geléia

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores. A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pêlo escuro e olhos brilhantes. Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina, disse com voz doce.

— Bom dia.

— Respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma idéia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este. Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó. Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? Perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geléia e manteiga fresca. A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o vôo de uma borboleta, ou ainda um

ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geléia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

Coloque as broinhas, a geléia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo.

Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho. Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho. Algumas horas mais tarde, um

caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro.... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu caminho”.

Alfabetização: livro do aluno / Ana Rosa Abreu [et al.] Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 3 v.: 128 p. 27

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

2ª Etapa

Data: 22 de maio de 2018

FITA VERDE NO CABELO: UMA NOVA VELHA ESTÓRIA

PAUSA PROTOCOLADA - MOTIVAÇÃO

P.P: QUAL A INTENÇÃO DO AUTOR EM COLOCAR DUAS PALAVRAS CONTRÁRIAS NO TÍTULO?

PP: POR QUE VELHA X NOVA?

PP: VOCÊ JÁ CONTOU UMA ESTÓRIA PARA ALGUÉM?

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

PP: COMO ERA ESSA ALDEIA?

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

PP: COM QUEM ESSA PERSONAGEM SE PARECE?

PP: VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSA MENINA?

NARRADOR: PP: QUE TIPO DE NARRADOR APRESENTA ESSA ESTÓRIA?

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

PP: O NARRADOR ESTÁ REFERINDO A OUTRO LUGAR?

PP: QUAL PALAVRA OU EXPRESSÃO MARCA ESSA REFERÊNCIA?

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia:

PP: O QUE ACONTECEU COM ESSE LOBO?

– Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inlcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– Quem é?

– Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse: – Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

PP: O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM A VOVOZINHA?

PP: O QUE SIGNIFICA A PALAVRA “DIFÍCIL” NESSE CONTEXTO?

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: – Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

PP: COMO OCORRE A PASSAGEM DO TEMPO NESTA NARRATIVA?

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

– Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

– É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

– Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

PP: O QUE SIGNIFICA “LÁBIOS ARROXEADOS” PARA UMA PESSOA QUE ESTÁ DOENTE?

– É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

– Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

– É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!

PP: VOCÊ ACHA QUE A NETINHA TINHA MEDO DE LOBO?

PP: NAQUELE MOMENTO DE QUE ELA TEVE MEDO?

PP: VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU UMA SENSAÇÃO DE MEDO, COMO FITA VERDE NO CABELO?

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Extraído do livro Meus primeiros contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Antologia de Contistas Brasileiros vol. 3, 2001.

Vídeo do Youtube. Fita verde no cabelo. <https://www.youtube.com/watch?v=cz-rpyFwqAQ>

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

3ª Etapa

Data: 29 de maio de 2018

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Nome do participante _____

Atividade de Compreensão e Interpretação de texto

1- Após a leitura do texto marque **CV** para Chapeuzinho Vermelho e **FC** para Fita verde no Cabelo:

- a- () A personagem que apresenta como destaque um assessorio no cabelo.
- b- () Ela leva flores em um buquê para a vovozinha.
- c- () Na história, o lobo é exterminado pelo lenhador, antes da netinha chegar à casa da vovozinha.
- d- () O lobo devora a neta e a avó.
- e- () A menina leva doce de calda para a avó.
- f- () Ela agradece ao caçador por ter lhe libertado .
- g- () Todos têm juízo, menos a netinha que “não tem juízo nenhum”
- h- () Ela diz em alto e bom som “vou à casa da vovó, com cesto e pote”
- i- () A neta diz “vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?”
- k- () Ela corre até a beira do córrego e apanha uma grande quantidade de pedras redondas e lisas.

2. Complete a tabela abaixo de acordo com as atribuições e características de cada personagem:

	Chapeuzinho vermelho	Fita verde no cabelo
Aspectos físicos		
Presentes para a vovozinha		
Palavras da mãe		

Atitudes do lobo		
Os trabalhadores que auxiliam a netinha		
Comidas		
Tempo		
Desfecho		

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória**3ª Etapa**

Data: 22 de maio de 2018

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Nome do participante _____

Com base em sua leitura dos dois contos, responda às seguintes questões:

Questão 1) Em relação ao seu entendimento após a leitura do texto, marque com (X) APENAS a alternativa INCORRETA:

- a) Na história de chapeuzinho vermelho dos Irmãos Grimm, o nome da personagem faz referência ao capuz vermelho que a mãe fez para ela.
- b) As duas personagens foram à casa da vovozinha porque ela estava doente.
- c) Chapeuzinho vermelho morava na floresta, mas fita verde no cabelo morava na cidade.
- d) A Chapeuzinho levou broinhas para a vovozinha e fita verde levou doce em caldas.

Questão 2) Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação INCORRETA sobre os dois contos:

- a) vovozinha morava no campo e sua netinha foi visitá-la.
- b) a vovozinha não estava passando bem, por isso, a mãe da menina estava preocupada com sua saúde.
- c) Chapeuzinho vermelho e fita verde no cabelo foram pelo caminho mais longo.
- d) o lobo aparece nas duas histórias para desviar a menina do caminho.

Questão 3) Nos dois contos, quem pede para a menina ir à casa da vovozinha é:

- a) a mãe
- b) o médico
- c) o lobo
- d) a vovozinha

Questão 4) Nas alternativas abaixo, marque aquela que é FALSA:

- a) As narrativas orais são aquelas cuja história se reproduz a partir de um motivo principal e transmite conhecimento e valores culturais de geração para geração.
- b) As narrativas eram contadas oralmente de pais para filhos antes da invenção da escrita.
- c) Os contos de fadas sempre têm príncipes e princesas, com histórias realistas e violentas.
- d) Os contos de fadas são contados e recontados por todas as sociedades.

Questão 5) A expressão “velho malandro” usada pelo caçador:

- a) Está inadequada porque no texto prevalece a linguagem formal.
- b) Está adequada porque expressa os sentimentos da menininha.
- c) Está adequada porque o caçador quis dar ênfase à astúcia do lobo.
- d) Está fora de contexto porque o caçador não conhecia o lobo.

Questão 6) Em relação ao narrador, NÃO se pode afirmar que:

- a) o narrador conta a história, mas não participa dos fatos.
- b) o narrador participa da história como narrador personagem.
- c) o narrador observa os fatos e conta a partir do seu ponto de vista.
- d) o narrador expõe os fatos como ele os veem.

Questão 7) "Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez.". O trecho acima exemplifica uma construção original da linguagem por parte do autor, que seleciona e combina as palavras de um modo distinto do uso corriqueiro que estamos habituados. Em todas as opções abaixo há o uso da linguagem dessa maneira, MENOS em:

- a) "A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê e das horas que a gente não vê que não são".
- b) "Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita inventada no cabelo."
- c) "É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha..."
- d) "Sua mãe, mandara-a, com um cesto e um pote, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia"

Questão 8) Observe o fragmento:

"Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço."

Pela leitura do conto, é possível afirmar que essa passagem implica uma mudança para a personagem. Essa mudança pode ser caracterizada como:

- a) a superação do medo do desconhecido e a certeza que nada supera a fantasia.
- b) a ruptura com um mundo de fantasia e aproximação com a realidade.
- c) a perda de identidade com a perda da vovozinha.
- d) alteração da antiga ordem familiar e conhecimento do fenômeno da morte.

Questão 9) O conto recria a tradicional história de Chapeuzinho Vermelho, citando suas marcas mais conhecidas e refazendo seu sentido original, ora se aproximando ora distanciando da versão dos irmãos Grimm. Todas as alternativas abaixo aproximam do conto "Fita Verde no cabelo", MENOS em:

- a) "Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia".
- b) "Vovozinha que braços tão magros, os seus... que mãos tão trementes!".
- c) "Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu: (...)".
- d) "Mas a avó não estava mais lá, sendo demasiado ausente, a não ser pelo frio triste e tão repentino corpo".

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

4ª Etapa



<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

NARRAÇÃO

A narração é um modo de organização de texto cujo conteúdo está vinculado, em geral, às ações ou acontecimentos contados por um narrador: personagem (que conta e participa da história ou um narrador observador que conta, mas não participa dos fatos, ou pelo narrador onisciente que não participa, mas conta com todos os detalhes, inclusive aqueles relacionados aos sentimentos mais íntimos das personagens.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)



ELEMENTOS DA NARRATIVA

Enredo é o conjunto de fatos ligados entre si que fundamentam a ação de um texto narrativo.

Situação inicial: personagens e espaço são apresentados.

Conflito: surge uma situação a ser resolvida, que quebra a estabilidade de personagens e também os acontecimentos.

Desenvolvimento: busca de solução do conflito.

Climax: ponto de maior tensão na narrativa.

Desfecho: solução do conflito

ESPAÇO

Espaço é o lugar em que a narrativa ocorre.

A construção do espaço contribui para elaborar as personagens. Se o autor descreve uma personagem que mora na cidade, em uma casa grande e todo organizado, o leitor imagina certas características para essa personagem, diferentes das personagens em ambientes mais restrito, numa cela, por exemplo.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

TEMPO

O tempo na narrativa pode ser definido como a duração da ação.

No tempo **cronológico** os fatos são apresentados de acordo com a ordem dos acontecimentos.

No tempo **psicológico** a passagem do tempo é vivenciada. O tempo não é uma sequência temporal linear, pois é medido pelas emoções e não pelo relógio.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

NARRADOR

Tudo na narrativa depende do **narrador**, isto é, a voz que conta a história. O ponto principal de uma narrativa é o seu **ponto de vista**, ou seja, a perspectiva, o modo de contar e de organizar o que é contado. Desse modo, o narrador funciona como um mediador entre a história narrada e o leitor, ouvinte ou espectador.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

TIPOS DE NARRADORES

Narrador-personagem: é o que conta a história da qual é participante. Ele é narrador e personagem ao mesmo tempo, e conta a história em 1ª pessoa.

Narrador-observador: é o que conta uma história como alguém que observa o que acontece. É ele que transmite para o leitor os fatos observados e conta a história em 3ª pessoa.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

A PERSONAGEM

É um ser criado para um texto narrativo. Pode simular as características de uma pessoa, pode ser um animal, sentimento ou objeto personificado. Ao criar personagens devem-se desenvolver características físicas e psicológicas para elas. É preciso mostrar ao leitor como se parecem ou vestem, andam, falam, pensam, sentem. Alguns gêneros permitem descrições mais trabalhadas.

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/> (adaptado pela pesquisadora)

FITA VERDE NO CABELO: UMA NOVA VELHA HISTÓRIA
Guimarães Rosa

avia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que peravam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, e por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. (...)

ai, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido e peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia:

Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

Na aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê e não são.

Assombrou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

Quem é?

Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Então, a avó, difícil, disse: – Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. Fita-Verde assim fez, e entrou e ficou.

A avó estava na cama, rebufada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo.

Respondendo: – Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Então agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo; e estava suada, com enorme fome de almoço.

Então a vizinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

Vovozinha, mas que lábios, ai, tão arroxeados!

É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Então Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Então a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Extrato do livro Meus primeiros contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Antologia de Contistas Brasileiros vol. 3, 2011.

apresentação

complicação: quebra da situação inicial e estabelecimento de um conflito

desenvolvimento

enredo

clímax

desfecho

1º MÓDULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO: Chapeuzinho Vermelho x Fita verde no cabelo: uma nova velha estória

7ª e 8ª Etapa

Data: 26 de junho de 2018 e 03 de Julho

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Grupo escritor:

Grupo avaliador:

Nome do conto:

Lista de verificação

Pontos a serem observados	Sim	Não	Comentários
1- O conto apresenta um título adequado ao enredo?			
2- Há uma situação inicial?			
3- O reconto está escrito em prosa?			
4- Há um conflito/ complicação no conto?			
5- Há um clímax, ou seja, um ponto alto na história?			
6- O narrador conta e participa da história?			
7- O narrador conta e não participa da história?			
8- O uso das falas está bem marcado nesse texto?			
9- A pontuação está adequada?			
10- O conto se aproxima do conto de chapeuzinho vermelho			
11- O conto se aproxima do conto Fita verde no cabelo: uma nova velha estória?			
12- O texto distancia das duas versões?			
13- Há frases ou ideias repetidas ao longo do texto? Faça um x na linha onde essas ideias repetidas aparecem.			
14- Há alguma lacuna que não está clara para o leitor?			

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

9ª Etapa

As margens da alegria

I

Esta é a estória.

Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justíntamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam.

PP: QUEM SÃO AS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA?

O avião era da companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no **acorçoo**, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes ralar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O menino.

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, **benfazeja**, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solicito de bem-humorado, o tio ensinava-lhe como reclinável o assento bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o amável mundo.

PP: QUAIS SÃO AS SENSACIONES VIVIDAS NESSE CONTEXTO?

PP: VOCÊ JÁ VIVEU SITUAÇÕES DE EUFORIA PARECIDA A DO MENINO?

Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão **cartográfica**, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? Voavam supremamente. O menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso.

PP: O MENINO CONHECIA MUITAS COISAS NOVAS. VOCÊ JÁ FEZ UMA VIAGEM QUE TE SURPREENDEU COMO A VIAGEM DESSE MENINO?

Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem.

Chegavam.

II

Enquanto mal vacilava a manhã.

A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no **chapadão**: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa — de madeira, sobre estações, quase penetrando na mata. O menino via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava. A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspendiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um — e outros pássaros — com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça Senhor! Quando avistou o **peru**, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, **imperial**, dava-lhe as costas, para receber

sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara?

PP: QUAL É O CENÁRIO DOS FATOS?

Grugrulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tontriante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger **trombeta**. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para o passeio.

PP: COMO O MENINO FICOU DIANTE DO PERU? O QUE QUER DIZER “BIS-VIU?”

III

Iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, **alvissareira**. A malva-do-campo, os lentiscos. O **velame** branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição **angélica** dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado **campeiro**: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o tio falava: que ali havia "imundície de perdizes". A tropa de **seriemas**, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do **corguinho**, o onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O tio, a tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralhar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo.

PP: QUE CIDADE É ESSA?

Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava... Mal comeu dos doces, **amarmelada**, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever. Não viu: imediatamente.

PP: QUAL É O CONFLITO DESSA HISTÓRIA?

A mata é que era tão feia de altura. E — onde? Só umas penas, restos, no chão. — "*Uê se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?*"

Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte.

Já o buscavam: — "*Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago...*"

IV

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na

circuntristeza; o um horizonte, homens no trabalho de **terraplenagem**, os caminhões de **cascalho**, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto — transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de **pilões**, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? — a tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara..., e foi só o chofre: uh... Sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapreara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento — o **inaudito** choque — o pulso da pancada. O menino fez ascas. Olhou o céu — atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguez do tronco e o **marulho** imediato e final de seus ramos — da parte de nada. Guardou dentro da pedra.

V

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso. Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase **hieroglífica**. Mas foi, depois do jantar. E — a nem espetaculosa surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não.

PP: O QUE ELE VIU?

PP: ERA O MESMO PERU?

Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grugulhar grufu, mas faltava em sua penosa elegância o **recacho**, o **englobo**, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam. Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.

Mas o peru se adiantava até a beira da mata. Ali adivinhara o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao **monturo**. O menino se doía e se entusiasmava.

PP: QUAL O CLÍMAX DA HISTÓRIA?

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentida o peru até ali viera, certo, atraído. Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria.

PP: COMO TERMINA A HISTÓRIA?

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “AS MARGENS DA ALEGRIA”

10ª Etapa -

Data: 23 de julho 2018

Afago



a·fa·go -(derivação regressiva de *afagar*) - *substantivo masculino*

1. .Ato de afagar. = AFAGAMENTO
2. .Ação de passar a mão por cima de alguma coisa, geralmente de forma carinhosa. = AGRADO, CARÍCIA, CARINHO, FESTA
3. [Por extensão] Carícia, meiguice.
4. [Figurado] Adulação.

"afago", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/afago> [consultado em 23-07-2018].

Alvissareira



al·vis·sa·rei·ro

(*alvissar[as]+ -eiro*) - *adjetivo e substantivo masculino*

1. Que ou quem dá qualquer notícia para receber alvissaras.
2. Que ou quem promete alvissaras.
3. Que ou quem pede ou recebe alvissaras.
4. Que ou quem traz boas notícias (ex.: *o início dos trabalhos não foi nada alvissareiro*).

"alvissareira", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/alvissareira> [consultado em 23-07-2018].

Angélica



an·gé·li·ca - *substantivo feminino*

1. [Botânica] Planta apiácea, medicinal e aromática.
2. [Botânica] Liliácea de flor branca e muito odorífera.
3. Nome de outras plantas.
4. Árvore e fruto da Guiana.
5. Madeira desta árvore.
6. [Religião católica] Lição que se canta na bênção do círio pascal.
7. [Regionalismo] Espécie de licor

"**angelica**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/angelica> [consultado em 23-07-2018].

Arcoção



a·cor·ço·ar - **Conjugar** *verbo transitivo*- O mesmo que *acoroçoar*.

a·co·ro·ço·ar - **Conjugar** *verbo transitivo* Incitar; animar, **acoroçoar**, alentar, animar, encorajar, estimular, incitar, prestigiar, alimentar, arfar, aviventar ...

"**acorção**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/acor%C3%A7%C3%B4o> [consultado em 23-07-2018].

Arnica



ar·ni·ca - *substantivo feminino*

1. [Botânica] Planta composta, conhecida por espirradeira.
2. Tintura preparada com essa planta macerada em álcool.

"**arnicas**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/arnicas> [consultado em 23-07-2018].

Benfazeja



ben·fa·ze·jo

|ê|

adjetivo

Que gosta de fazer bem.

"**Benfazeja**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/Benfazeja> [consultado em 23-07-2018].

Chapadão



cha·pa·dão - substantivo masculino

(*chapada*

+

-ão)

1. .Tapa ou bofetada forte.
2. [Brasil] Chapada extensa.
3. [Brasil] Série de chapadas.
4. [Brasil] O mesmo que *lomba*

"**chapadão**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/chapad%C3%A3o> [consultado em 23-07-2018].

Campeiro



cam·pei·ro

1

(*campo*

+

-eiro)

adjetivo

1. Habitado aos trabalhos do campo.
2. Que serve para usos campestres.
3. [Popular] Diz-se de uma habitação ampla, desafogada.

substantivo masculino

4. [Brasil] O que tem a seu cargo arrebanhar as reses tresmalhadas.
5. Tratador de gado no campo.

"**Campeiro**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/Campeiro> [consultado em 23-07-2018].

Cartográfica



car·to·gra·fi·a

substantivo feminino

Arte de traçar mapas geográficos ou topográficos.

"**cartografia**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/cartografia> [consultado em 08-08-2018].

Cascalho



cas·ca·lho - *substantivo masculino*

1. Pedra britada. = GRAVILHA
2. Conjunto de lascas que saltam ao lavar a pedra.
3. Pedra miúda de envolta com areia, detritos de conchas, etc., que há à beira-mar.
4. Escória de ferro.
5. [Brasil] Aluviões auríferas ou diamantinas.
7. [Informal] Dinheiro ou conjunto de moedas de pequeno valor.

"**cascalho**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/cascalho> [consultado em 23-07-2018].

Corguinho



cor·go (latim *corrugus*, -i, canal, conduta de água) |ó|

substantivo masculino

1. Rego por onde corre bastante água. ☐ = CÓRREGO
2. [Portugal: Beira] Caminho apertado entre montes. = CÓRREGO
3. [Portugal: Algarve] Terra grossa e baixa no sopé das encostas.

"**corguinho**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/corguinho> [consultado em 23-07-2018].

Englobo



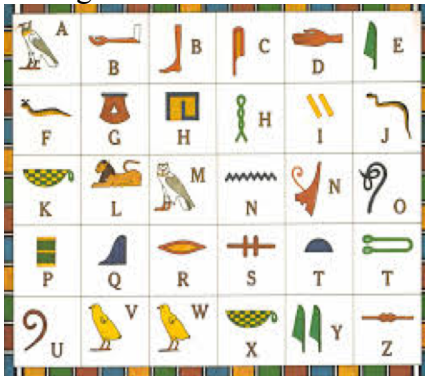
en·glo·bar - **Conjugar** - *verbo transitivo, intransitivo e pronominal*

(*en-* + *globo* + *-ar*)

1. Dar forma de globo a.
 2. Conglobar.
 3. Aglomerar.
 4. Reunir em um todo.
- Confrontar: englobular.

"**englobo**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/englobo> [consultado em 23-07-2018].

Hieroglífica



hi·e·ro·glí·fi·ca

substantivo feminino

Sistema de escrita por hieróglifos.

"**hieroglífica**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/hierogl%C3%ADfica> [consultado em 23-07-2018].

Marmelada



mar·me·la·da - *substantivo feminino*- (*marmelo + ada*)

1. Doce de marmelos.☑
2. [Informal] Pechincha, vantagem.
3. Coisa que fica desfeita como marmelada.
4. [Informal] Troca de .contatos íntimos. = ESFREGAÇÃO, ROÇO
5. [Brasil] Fruto da marmeladeira.

"**marmelada**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/marmelada> [consultado em 23-07-2018].

Marulho



ma·ru·lho

(*mar + -ulho*) *substantivo masculino*

1. Movimentação contínua e pouco acentuada das ondas do mar ou de um curso de água. = MAREJADA
2. Som característico produzido por essa movimentação.
3. Agitação, desassossego, inquietação.
4. [Figurado] Balbúrdia, confusão, tumulto.

"**marulho**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/marulho> [consultado em 23-07-2018].

monturo



substantivo masculino

1. Esterqueira.
2. Monte de lixo.
3. [Figurado] Montão de coisas repugnantes.

"**monturo**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/monturo> [consultado em 23-07-2018].

Peru

**pe·ru**

(talvez de *Peru*, .topônimo) *substantivo masculino*

1. [Zoologia] Grande ave galinácea originária da América do Norte e Central (*Meleagris gallopavo*, Lin.), introduzida e domesticada na Europa desde o século XVI. (O termo peru designa em especial o macho, que pode pesar até 19 kg; tem na cabeça verrugas e carúnculas coloridas e pode abrir a cauda em leque.)[☐]
2. Carne dessa ave, usada na alimentação.
3. [Figurado] Indivíduo enfatado.
4. [Brasil] Mirão (ao jogo).
5. [Brasil] Namorado ridículo.
6. [Brasil, Informal] Órgão sexual masculino. = .PÊNIS

"peru", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/peru> [consultado em 23-07-2018].

Pilões

**pi·lão**

(francês *pylône*, do grego *pulón*, -ônos)

substantivo masculino

[Arqueologia] Grande pórtico dos templos egípcios, em forma de pirâmide truncada, que la deia a porta de entrada. = PILONE

"pilões", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/pil%C3%B5es> [consultado em 23-07-2018].

recacho

Aprumo pretensioso; postura afetada ou elegante.
Gravidade ridícula.
Desabafo, desabrimento.

re·ca·cho

substantivo masculino

1. Postura elegante; aprumo.
2. Desabrimento; desabafo.

"**recacho**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/recacho> [consultado em 23-07-2018].

Sanhaços



sa·nha·ço

(tupi

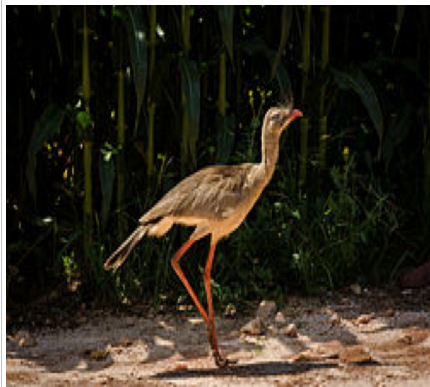
saya'su)

substantivo masculino

[Brasil] [Ornitologia] Designação vulgar de várias espécies de aves da família dos emberizídeos com peito azulado ou esverdeado. = SAÍ-AÇU, SANHAÇU

"**sanhaço**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/sanha%C3%A7o> [consultado em 23-07-2018].

Seriemas



se·ri·e·ma |ê| - *substantivo feminino* (tupi *sari'ama*)

[Ornitologia] Ave pernalta (*Cariama cristata*) da família dos cariamídeos que prefere correr a voar, caracterizada por plumagem parda, cauda e pescoço longos, asas curtas e um feixe de penas acima do bico, encontrada nos sertões da América do Sul.☒ = SARIEM

"seriema", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/seriema> [consultado em 23-07-2018].

Terraplanagem



ter·ra·ple·na·gem

(*terraplenar* + *-agem*) *substantivo feminino*

1. .Ato ou efeito de terraplenar.
2. Trabalho ou preço de terraplenar.

Sinônimo Geral: TERRAPLANAGEM, TERRAPLENO

"terraplanagem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/terraplanagem> [consultado em 23-07-2018].



trom·be·ta |ê| (*tromba* + *-eta*) *substantivo feminino*

1. [Música] Instrumento de sopro de grande dimensão.
2. [Música] O mesmo que *trompete*.
substantivo masculino
3. [Música] O que toca esse instrumento. = TROMBETEIRO
4. [Botânica] Designação comum a várias plantas da família das solanáceas, dos .gêneros *Datura* e *Brugmansia*, de flores grandes e compridas, semelhantes a trombetas.
☑ = TROMBETEIRA
5. [Ornitologia] Trombeteiro (peixe).
6. [Popular] Nariz grande.
7. [Brasil] Máscara de couro que se põe no focinho dos cavalos.

"**trombeta**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/trombeta> [consultado em 23-07-2018].

Velame-do-campo



ve·la·me

substantivo masculino

1. Conjunto das velas de um navio.
2. Grande quantidade de velas.
3. [Figurado] Véu, disfarce, cobertura.
4. [Brasil] Erva medicinal.

"**velame**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/velame> [consultado em 23-07-2018].

2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “OS CIMOS”

15ª Etapa

OS CIMOS

O inverso afastamento

Outra era a vez.

PP POR QUE O AUTOR COMEÇA O CONTO DESSA MANEIRA?

De sorte que de novo o menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, **a esmo** tropeçante, enrolava-o de por dentro um **estufa** como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso.

PP O MENINO ESTAVA FELIZ NESSA VIAGEM?

Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma. O qual, o prévio lugar dele sendo na mesinha, em seu quarto. Pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e **arteiro** deste mundo.

O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da mãe, iria chorar. A mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível. Nem ele isso entendia, tudo se transtornando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?

PP O QUE ESTABELECE O CONFLITO NESSE CONTO?

Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegados? O tio, com uma gravata verde, nela estava limpando os óculos, decerto não havia de ter posto a gravata tão bonita, se à mãe o perigo ameaçasse. Mas o menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brinquedo, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado. Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Desprendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais. E o menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho sentado.

O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas **efêmeras**. O tio olhava no relógio. Então, quando chegavam? Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado? **Até o macaquinho sem chapéu iria conhecer do mesmo jeito o tamanho daquelas árvores, da mata, pegadas ao terreiro da casa. O pobre**

do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.

PP: QUANDO ELE FAZ ESSA AFIRMAÇÃO, ESTÁ SE REFERINDO AO MACAQUINHO? POR QUÊ?

Mas, a mãe, sendo só a alegria de momentos. Soubesse que um dia a mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade.

PP: VOCÊS JÁ PASSARAM POR UMA EXPERIÊNCIA COMO ESSA? COMO SE SENTIRAM?

O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o voo — que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível.

Aparecimento do pássaro

Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores, todos começaram a tratá-lo com qualidade de cuidado. Diziam que era pena não haver ali outros meninos. Sim, daria a eles os brinquedos; não queria brincar, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a **assanhação** de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.

Também não dava vontade sair de jipe, com o tio, se para a poeira, gente e terra. Segurava-se forte, fechados os olhos; o tio disse que ele não devia se agarrar com tão tesa força, mas deixar o corpo no ir e vir dos solavancos do carro. Se adoecesse, grave, também, que fosse — como ia ficar, mais longe da mãe, ou mais perto? Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia, inteiro, servia era para se fazer o espalhamento no cansaço.

PP: DE QUE FORMA A PAISAGEM DESCRITA APROXIMA DO ESTADO DE ÂNIMO DO MENINO?

Mesmo assim, à noite, não começava a dormir. O ar daquele lugar era friinho, mais fino. Deitado, o menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa. O calado, o escuro, a casa, a noite — tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava. Ele estava sozinho no quarto. Mas o bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, de barriguinha para cima, pernas estendidas. O quarto do tio ficava ao lado, a parede estreita, de madeira. O tio ressonava. O macaquinho, quase também, feito um muito velho menino. Alguma coisa da noite a gente estivesse furtando?

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda acordado, o menino recebia uma claridade de juízo — feito um assopro — doce, solta. Quase como assistir às certas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos;

feito ele estivesse podendo copiar no espírito idéias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiram também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome.

O alpendre era um passadiço, entre o terreirinho mais a mata e o extenso outro lado — aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até a fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores depois do terreiro, ainda mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã — e de tudo um perfume, e passarinhos piando. Da cozinha, traziam café.

PP: QUAL A IMPORTÂNCIA DO TUCANO NESSE CONTO?

E: — "Pst!" — apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro — depois de seu voo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o tio. O tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros — quem sabe, seus filhotes — da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — "Crrée!"... O menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o voo, reto, lento como se voou embora, xô, xô! — mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d'alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da mãe — sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar. E nem a ligeireza de idéia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano — o senhorzinho vermelho, batendo mãos, à frente o bico empinado. Mas feito se, a

cada parte e pedacinho de seu voo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar — por agora, sem fim e sempre.

O trabalho do pássaro

Assim, o menino, entre dia, no **acabrunho**, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais-coisas — quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. **Se queria atinar com a mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A mãe da gente era a mãe da gente, só; mais nada.**

PP: COMO VOCÊS ENTENDEM ESSA AFIRMAÇÃO?

Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano — sem **jaça** — em voo e pouso e voo. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ... chégochéghégo... — em voo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana como se fosse um marrequinho deslizando para frente, por sobre a luz de dourada água.

Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia. O dos outros, não da gente. As sacudidelas do jipe formavam o acontecer mais seguido. A mãe sempre recomendara zelo com as roupinhas; mas a terra aqui era a desafiada. Ah, o bonequinho macaquinho, mesmo sempre no bolso, se sujava mais de suor e poeira. Os mil e mil homens muitamente trabalhavam fazendo a grande cidade.

Mas o tucano, sem falta, tinha sua soênçíade **sobrevir**, todos ali o conheciam, no pintar da aurora. Fazia mais de mês que isso principiara. Primeiro, aparecera por lá uma **bandada** de uns 30 deles, vozeantes, mas sendo de dia, entre dez e 11 horas. Só aquele ficara, porém, para cada amanhecer. Com os olhos tardos tontos de sono, o bonequinho macaquinho em bolso, o menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar.

O tio lhe falava, com excessivos de agrado, sem o jeito nenhum. Saíam — sobre o se-fazer das coisas. Tudo a poeira tapava. O bonequinho macaquinho, um dia, devia de poder ganhar algum outro chapeuzinho, de alta pluma; mas verde, da cor da gravata, tão sobressaída, com que o tio, de camisa, agora não estava. O menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O jipe corria por estradas de não parar, sempre novas. Mas o menino, em seu mais forte coração, declarava, só: que a mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva!

Esperava o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoregem, na copa da tucaneira, futricando as frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante em que o sol arrebolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O tio media tudo no relógio.

De dia, não voltava lá. Se donde vinha e morava — das sombras do mato, os impenetráveis? Ninguém soubesse seus usos verdadeiros, nem os certos horários: os demais lugares, aonde iria

achar comer e beber, sobre os pontos isolados. Mas o menino pensava que devia acontecer mesmo assim — que ninguém soubesse. Ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro.

Entremeio, o tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva — o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de se repetir: que a mãe estava sã e boa, a mãe estava salva!

De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não — zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato.

PP: VOCÊS CONCORDAM COM O MENINO DE NÃO APRISIONAR O TUCANO? POR QUÊ?

O hiato — o que ele já era capaz de entender com o coração. Ao outro dia seguinte. Aí, quando o pássaro, seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol: daquela partezinha escura no horizonte, logo fraturada em fulgor e feito a casca de um ovo — ao termo da achãada e obscura imensidão do campo, por onde o olhar da gente avançava como no estender um braço.

O tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O voo do pássaro habitava-o mais. O bonequinho macaquinho quase caíra e se perdera: já estando com a carinha bicuda e meio corpo saídos do bolso, bisbilhotados! O menino não lhe passara pito. A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz voo, no ar sonoro, até a tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor — daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O tio sorriu, fortíssimo. A mãe estava bem, sarada! No seguinte — depois do derradeiro sol do tucano — voltariam para casa.

O desmedido momento

E, com pouco, o menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretanto, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o jipe, a poeira, as ofegantes noites — o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava o menino, já quase na fronteira soporosa. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais comprida.

E, quase num pulo, agoniou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro! ... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: — "Espia, o que foi que eu achei, para você". — e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheirinho macaquinho não estava perdido, no sem fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, **porventura e porvindouro**, na outra-parte, aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam.

O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspasar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o macaquinho com uma bonita gravata verde — no alpendre do terreirinho das altas árvores..., e no jipe aos bons solavancos... e em toda-a-parte..., no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia..., donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante e existente — parado que não se acabava — do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

PP: COMO O MENINO SE SENTE APÓS NESSE MOMENTO?

— "Chegamos, afinal!" — o tio falou.

— "Ah, não. Ainda não..." — respondeu o menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

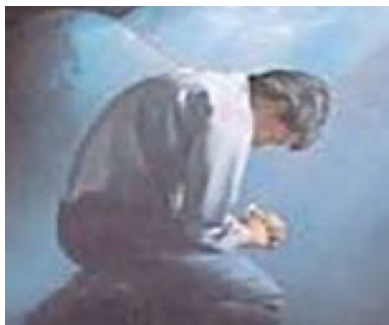
2º MÓDULO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: “OS CIMOS”

16ª Etapa

Data: 22 de agosto de 2018

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Acabrunho



a·ca·bru·nhar - [Conjugar](#) (origem duvidosa)
verbo transitivo

1. Apoquentar, mortificar.
2. Cansar, fazer envelhecer.

"acabrunho", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/acabrunho> [consultado em 22-08-2018].

Alçapão



al·ça·pão - (forma do verbo *alçar* + *pom*, forma antiga de *põe*) - *substantivo masculino*

1. Espécie de porta praticada no soalho.
2. Porta corrediça que fecha de cima para baixo.
3. Peça de tecido usada para tapar a abertura da braguilha de calções ou de calças.
☒ = PORTINHOLA, TAPA-BRAGUILHA
4. Armadilha para pássaros.

"**alçapão**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/al%C3%A7ap%C3%A3o> [consultado em 22-08-2018].

Arteiro



ar·tei·ro - (*arte* + *-eiro*) - *adjetivo*

1. Que tem ou usa de manha ou astúcia. = ASTUTO, MANHOSO, VELHACO
2. [Brasil] Que é turbulento; que faz travessuras (ex.: *criança arteira*). = TRAQUINAS, T RAVESSO

"**arteiro**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/arteiro> [consultado em 22-08-2018].

Assanhação = assanhado



as·sa·nha·do - (particípio passado de *assanhar*) - *adjetivo*

1. Que tem muita sanha (ex.: *gato assanhado*). = IRADO, IRRITADO
2. Que tem os pelos ou os cabelos levantados ou em desalinho. = DESGRENHADO, ERICADO
3. [Informal] Que está agitado; que não para quieto. = BULIÇOSO, IRREQUIETO
4. [Informal] Que manifesta desejo, luxúria .em seu discurso ou .em seu comportamento (ex.: *que moço tão assanhado*). = EXCITADO, LASCIVO, LÚBRICO

"**assanhadas**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/assanhadas> [consultado em 22 - 08-2018].

Bandada



ban·da·da - (*bando* + *-ada*) - *substantivo feminino*

Grande bando de aves voando.

"**bandada**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/bandada> [consultado em 22-08-2018].

Efêmeras



e·fê·me·ro (grego *efêmeros*, *-os*, *-on*, que dura um dia) - *adjetivo*

1. Que dura só um dia.
2. [Figurado] De curta duração. = BREVE, PASSAGEIRO, TEMPORÁRIO, TRANSITÓRIO ≠ DURADOURO, PERMANENTE
3. [Botânica] Planta da família das primuláceas.
4. [Entomologia] insetos artrópodes da ordem dos efemerópteros, de corpo mole e alongado, até 4 cm, cujos adultos, de asas com nervuras, vivem poucas horas, não se alimentam e dedicam-se apenas à reprodução e à postura dos ovos.☐ = .EFÊMERA, EFEMÉRIDE

"efêmeras", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/ef%C3%A4meras> [consultado em 22-08-2018].

Enigmas



e·nig·ma - *substantivo masculino*

1. Descrição obscura ou ambígua, mas verdadeira, que se faz de uma coisa, para que outro m diga o nome dessa coisa.
2. [Figurado] Arrazoado obscuro.
3. Coisa obscura, difícil de compreender.
4. Pessoa que, por qualquer circunstância, vive ou obra de modo incompreensível.

"enigmas", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/enigmas> [consultado em 22-08-2018].

Estufo



es·tu·far - [Conjugar](#)
(italiano *stufare*, secar) - *verbo transitivo*

1. Secar, aquecer, meter em estufa.
 2. Guisar a fogo lento e concentrando o calor em recipiente apropriado.
- Confrontar: estofar.

"estufo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/estufo> [consultado em 22-8-2018].

Esmo



a esmo

- Ao acaso ou à toa; sem medir ou avaliar. = INDISTINTAMENTE
- Sem acompanhamento (ex.: *cantar a esmo*).

"esmo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/esmo> [consultado em 22-8-2018].

Jaça



ja·ça - (origem duvidosa) - *substantivo feminino*

1. Corpo heterogêneo, falha ou mancha dentro de pedra preciosa.
2. Falha, imperfeição, mancha.
3. [Informal] Calabouço.
4. [Informal] Cama.

"jaça", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/ja%C3%A7a> [consultado em 22-08-2018].

Pito



1. [Popular] Frango, pinto.
 2. [Tabuísmo] Órgão sexual feminino.
 3. [Portugal: Beira, Minho, Trás-os-Montes] O interior podre da fruta.
 4. [Portugal: Trás-os-Montes] [Culinária] Pastel típico de Vila Real, recheado com doce de abóbora (ex.: *pitos de Santa Luzia*).
 5. [Brasil, Informal] Pequena reprimenda. = DESCOMPOSTURA, RESPONSO
 6. [Brasil] Cachimbo.
 7. [Brasil: Sul] Cigarro.
- "**pito**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/pito> [consultado em 22-08-2018].

Porventura



por·ven·tu·ra - *advérbio*

Acaso; talvez.

"**porventura**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/porventura> [consultado em 22-08-2018].

Porvindouro



por·vin·dou·ro - *adjetivo*

1. Futuro.

"porvindouro", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/porvindouro> [consultado em 22-08-2018].

Sobrevir



so·bre·vir - **Conjugar** - *verbo intransitivo*

1. Vir, ocorrer, suceder, acontecer (logo depois de outro sucesso).
2. Chegar inesperada ou subitamente.

"sobrevir", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/sobrevir> [consultado em 22-08-2018].

Tucano



tu·ca·no (do tupi)

- 1 [Ornitologia] Ave piciforme trepadora da América do Sul, de bico muito grosso e comprido
2. [Astronomia] Constelação austral.
3. [Linguística] Família de línguas faladas por vários povos indígenas do estado brasileiro do Amazonas e da Colômbia.
4. [Etnografia] Indivíduo pertencente aos tucanos, povo indígena do estado brasileiro do Amazonas e da Colômbia.
5. [Etnografia] Relativo aos tucanos.6. [Linguística] Relativo ao tucano enquanto sistema linguístico.
7. [Brasil] [Política] Relativo ao Partido da Social Democracia Brasileira (ex.: *deputada tucana; o tucano falou aos jornalistas*). = PEESSEDEBISTA

"tucano", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/tucano> [consultado em 22-08-2018].

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Etapa 17 - Atividade em trio – Dupla Pauta

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimos” e responda as perguntas abaixo:

Trio 1 - 1ª Parte: Introdução da História**Texto I**

“Esta é a estória.

Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho.”

Texto II

“Outra era a vez. De sorte que de novo o menino viajava para o lugar onde as muitas pessoas faziam a grande cidade.

- a) Como o narrador inicia a história do texto I?
- b) Qual é o fragmento do texto II que dialoga (apresenta a mesma idéia) com o início do texto I?
- c) Como o personagem se sente diante da viagem:
Texto I -
Texto II-
- d) Para onde o menino viajava?
- e) A viagem é para o mesmo lugar? qual a informação do texto você se baseou para responder?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 2- 2ª Parte

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimos” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“A mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas...”

Texto II

“Vinha, porém, só com o tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a mãe estava doente.”

- a) Quem vinha trazer o menino ao aeroporto no texto I?
- b) Os pais estão presentes no texto II? Por quê?
- c) Quais as sensações do menino no texto I?
- d) No texto II, o menino está feliz? Por quê?
- e) O que pode ser uma “íngreme partida”?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 3- 3ª Parte

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimões” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vó ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes ralar numa verdade extraordinária”.

Texto II

“O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da mãe, iria chorar.”

- a) Como as pessoas tratavam o menino nos dois textos:
- b) Qual era o estado de espírito do menino no texto I?
- c) Quais os fatos que fazem com que o menino se sinta triste no texto II?
- d) O que se entende pela expressão palavras “susto”?
- e) O que significa a expressão: “Outros sustos levava”?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 4- 4ª Parte:

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimos” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara.”

Texto II

“E: — "Pst!" — apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro — depois de seu vôo”.

- a) Quais os animais que aparecem no conto?
- b) Como são descritos esses animais?
- c) Qual a importância de cada um animal em seu respectivo conto?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 5 - 5ª Parte: Problematização

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimos” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru-seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte.”

Texto II

”De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não — zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato.”

- a) O que aconteceu com o peru no texto I?
- b) Qual é a proposta feita para consolar o menino?
- c) Por que o narrador diz que o menino “recebia em si um miligrama de morte”?
- d) O menino aceitou a proposta de aprisionar o tucano? Por quê?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 6 - 6ª Parte: clímax

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimões” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“E — a nem espetaculosa surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grugulhar grufu, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englobo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam”.

Texto II

”Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o jipe, a poeira, as ofegantes noites — o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava o menino, já quase na fronteira soporosa.”

- a) O peru que aparece nesse momento é o mesmo do início?
- b) Quais as características desse peru?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Trio 7 - 7ª Parte: desfecho

Instrução: leia os fragmentos dos contos “As Margens da Alegria” e “Os cimos” e responda as perguntas abaixo:

Texto I

“Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria.”

Texto II

“Só aquilo. Só tudo.

— "Chegamos, afinal!" — o tio falou

— "Ah, não. Ainda não..." — respondeu o menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida”.

- a) O menino reencontra a felicidade perdida no texto I?
- b) O narrador utiliza a expressão: “Era, outra vez em quando, a alegria”. Que palavra revela que o menino não era feliz o tempo todo?
- c) Pode-se dizer que o menino está feliz no desfecho do texto II? Por quê?

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

DUPLA PAUTA

Matéria Prima: a palavra

As Margens da Alegria

X

Os cimos

AFORISMO

“A vida podia as vezes ralar numa verdade extraordinária.”

“(…) entre o contemporâneo e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia.”

“A mãe da gente era a mãe da gente, só; mais nada.”

“durou-se um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras”

METONÍMIA

“Guardou dentro da pedra”.

“Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte”.

“o silencio saia de seus guardados”.

“(...) o menino recebia uma claridade de juízo ---feito um assopro---doce, solta”.

“O menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios.”

“O Menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam”.

“Do jeito feito agora, no coração do pensamento.”

Forma limiar do conto/ construção da expectativa do leitor

“Esta é a estória.

Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construir a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz(...)”

“Era, outra vez em quando, a alegria”.

“Outra era a vez”.

“De sorte que de novo o menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade”. “E vinha a vida”

Gradação das ideias

“Se homens, meninos, cavalos e bois---assim insetos?”

“O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem”.

“Entremanhã --- e de tudo um perfume, e passarinho piando. Da cozinha, traziam café”.

“Apanhava com o olhar cada sílaba do Horizonte”.

“Os mil e mil homens muitamente trabalhavam fazendo a grande cidade”.

Musicalidade/sonoridade

“Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! --- tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria”.

“E o tucano, o voo, reto, lendo—como se voou embora, xô, xô! ---mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho(...)”

“Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol; a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um Fio”.

Neologismos

“grugrulejou”

“mas só bis-viu”

“trevava”

“gruziou”

“grugrulhar”

“estapafrouxo”

“embrevecido”

“vozeantes”

“entrepensava”

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”
 Contos “As Margens da Alegria e Os cimos”
 Dupla pauta

As margens da Alegria	Os cimos
<p>Introdução: “Esta é a estória”. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz (...)”</p>	<p>Introdução “Outra era a vez”. “De sorte que de novo o menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade”.</p>
<p>Narrador: observador</p>	<p>Narrador: observador</p>
<p>Personagens: o menino, o tia, a tia, o primeiro peru, o peru substituto, os trabalhadores, o vagalume.</p>	<p>Personagem: o menino, o tio, a mãe doente, o tucano,</p>
<p>Cenário: o menino viajava de avião (quatro lugares) em destino a uma cidade que estava sendo construída.</p>	<p>Cenário: o menino viajava para a cidade em construção, as cenas dentro do avião, no chão.</p>
<p>Espaço: nos ares, no chão em meio à destruição de uma floresta para a construção de uma cidade.</p>	<p>Espaço: a viagem de avião, a maior parte da “estória” acontece durante a noite.</p>
<p>Tempo Cronológico: ia passar dias, o vôo ia ser pouco mais de duas horas, ia e voltada do passeio na cidade em construção, o subir da noitinha.</p>	<p>Tempo Cronológico: por demorados dias, as ações ocorrem à noite e de manhãzinha quando o tucano aparece.</p>
<p>Tempo Psicológico: O menino está exultante no começo do conto, depois sente decepcionado com a morte do peru, fica meio surpreso quando aparece o novo peru e um pouco consolado. Volta a ficar feliz com a presença do vagalume.</p> <p>“Era uma cidade inventada no feliz”. “(...) produzia-se em caso de sonho” “O menino tinha tudo de uma vez”</p>	<p>Tempo Psicológico: o menino está triste com sobressaltos porque a mãe está doente, e durante toda a narrativa sente vontade de chorar devido à imagem da mãe enferma. O tucano aparece distraindo-o, mas os pensamentos ruins persistem em acompanhá-lo. Sugerem pegar o tucano, mas ele se zanga. Até que um dia o tio recebe um telegrama relatando que a mãe estava fora de perigo.</p> <p>“Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?”</p>
<p>Desfecho: Era, outra vez em quando, a alegria”.</p>	<p>Desfecho: Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida</p>

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Módulo II

Lista de Verificação

Grupo escritor:**Grupo avaliador:****Lista de verificação**

1- O título é adequado?	Sim		Não
1- O conto apresenta uma situação inicial	comum		Semelhante a de Guimarães Rosa
2- A situação inicial prevê um enredo interessante?	sim	não	observações
3- A apresentação inicial do conto desperta a curiosidade do leitor para ler o conto?	sim	não	observações
4- O narrador é de terceira pessoa, ou seja, narra a história, mas não participa dela?	sim	não	observações
5. O conto apresenta uma problematização?	sim	não	observações
6. Há um ponto alto na história?	sim	não	observações
7. No conto há a presença da tristeza e da alegria conduzindo as ações do menino	sim	não	observações
8. Há uma experimentação com a linguagem?	sim	não	observações
9. No conto, houve uma tentativa de aproximar o reconto com os dois contos estudados?	sim	não	observações
Você gostou desse reconto	sim	não	observações

Escola Estadual “Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	

ANEXO 1. 1ª versão do reconto do primeiro módulo

Módulo I – Proposta de produção de um conto

VI Etapa

Grupo participante

Renaldo, Eduardo, Sara, Mayra, Fernanda, Thalisson, Emanuelle

Retextualização do texto literário

As atividades de leitura dos dois contos favoreceram a realização de atividades diferenciadas, ampliando os limites da leitura. Dessa maneira, chegou a hora de fechar a primeira etapa com o reconto, tendo como base os contos “Chapeuzinho Vermelho” e Fita verde no cabelo: uma nova velha estória”. Lembrem-se dos aspectos estruturais do conto: introdução, desenvolvimento, complicação, clímax e desfecho e dos elementos constitutivos. Após a produção, vocês serão os avaliadores do reconto dos colegas. Após essa etapa, os contos serão expostos no mural da escola.

<p>Era uma vez uma vovozinha que morava muito distante de sua netinha querida. Ela sentia muita falta de sua netinha. Em um certo dia ela recebeu um telefonema de sua neta, que disse:--</p>
<p>- vovó vou passar as férias de julho na sua casa.</p>
<p>Muito feliz a vovó foi ao mercado e comprou muitas guloseimas para sua neta; e fez bolos, biscoitos, sucos, salgados para agradar a sua netinha. No dia seguinte a netinha chegou a casa da vovó, tocou a campainha e gritou:</p>
<p>- vovó, abra a porta, sou eu, a sua netinha, abra a porta!</p>
<p>- Espere só um minuto minha netinha.</p>
<p>Enquanto chapeuzinho esperava resolveu colher algu-</p>

mas maçãs em um pé ali perto mesmo. Até que de repente apareceu o lobo e pegou a cesta de chapeuzinho.

Foi então que a vovó abriu a porta ao ouvir os gritos de sua netinha. E perguntou:

- O que está acontecendo minha netinha?

Imediatamente chapeuzinho respondeu:

- vovó o lobo pegou a minha cestinha de maçãs que tinha colhido para a senhora. A vovó disse:

- Não precisa se preocupar minha netinha, podemos colher mais maçãs. fica tranquila! E chapeuzinho ficou mais calma, até que a vovó disse:

- fiz um presente para você minha netinha.

chapeuzinho respondeu:

- seria vovó. O que é? a vovó disse:

- vou lhe mostrar. A vovó pegou a capa vermelha que fez para sua netinha e a entregou. A netinha muito feliz disse:

- muito obrigada vovó.

Então chapeuzinho foi tomar o seu banho para se preparar para o jantar, e enquanto chapeuzinho estava no banho a sua avó foi fazer o jantar com comidas deliciosas para agradar a sua netinha. Chapeuzinho saiu do banho e sentiu um cheirinho maravilhoso das comidas da vovó. Sentou-se à mesa e comeu tudo que tinha direito. Depois escovou os dentes e deitou-se para dormir. No dia seguinte, no caminho de sua casa, chapeuzinho parou para olhar o pé de maçãs lindo em sua frente, e de repente o lobo apareceu por trás de chapeuzinho e arrancou sua capa. Chapeuzinho saiu desesperada para casa de sua vovó, bateu na porta e disse:

- Vovó, vovó, socorro, o lobo pegou a minha capa!!!



Módulo I -- Proposta de produção de um conto

VI. Etapa

Grupo participante ~~Mariana~~ Ana Clara, Wellington

Elizeu, Gabriel, Rayane

Retextualização do texto literário

As atividades de leitura dos dois contos favoreceram a realização de atividades diferenciadas ampliando os limites da leitura. Dessa maneira, chegou a hora de fechar a primeira etapa com o reconto, tendo como base os contos "Chapeuzinho Vermelho" e Fita verde no cabelo: uma nova velha estória". Lembrem-se dos aspectos estruturais do conto: introdução, desenvolvimento, complicação, clímax e desfecho e dos elementos constitutivos. Após a produção, vocês serão os avaliadores do reconto dos colegas. Após essa etapa, os contos serão expostos no mural da escola.

Era uma vez. Cinco caçadores que andavam
pela floresta em busca de uma bela
caça. Quando de repente, eles escutaram
vindo do meio da floresta gritando
socorro. Eles foram ver o que tinha
acontecido. Era um lobo querendo comer
um menina. Os caçadores perguntaram para
ela qual era o nome dela. E ela disse: Chapeuzinho
Vermelho. Os caçadores perguntaram para que

era aquela restinha, ela respondeu: ~~em seu~~

levar para minha casa ela está idônte.

Quando chapelzinho chegou à casa da

seus, ela estava sem respiração ela

abriu a janela, mas não adiantou ela

deu o último ~~supino~~ e morreu.

supino

Módulo I – Proposta de produção de um conto

VI Etapa

Grupo participante

Retextualização do texto literário

As atividades de leitura dos dois contos favoreceram a realização de atividades diferenciadas, ampliando os limites da leitura. Dessa maneira, chegou a hora de fechar a primeira etapa com o reconto, tendo como base os contos “Chapeuzinho Vermelho” e Fita verde no cabelo: uma nova velha estória”. Lembrem-se dos aspectos estruturais do conto: introdução, desenvolvimento, complicação, clímax e desfecho e dos elementos constitutivos. Após a produção, vocês serão os avaliadores do reconto dos colegas. Após essa etapa, os contos serão expostos no mural da escola.

Bairro de Chapeuzinho
Em um Bairro bem distante da cidade morava uma menina de cabelos cacheados um sessenta e quatro de altura.
Essa menina se chamava Chapeuzinho Vermelho e ela morava com seus pais.
Chapeuzinho sofria bullying na escola porque ela tinha uma opção sexual diferente das meninas e por isso ela era um pouco depreciada, ela se cortava e tudo mais.
Em uma sexta-feira anoite ele resolveu sair de casa e um barulho estranho, pois existia locais que na aquele reazinho

moravam um casal de vampiros.

Ela continuou caminhando pois achava que era um mito, deu mais um passo e caiu, ficou desacordada 1 ano e quando acordou estava grávida. Ela ficou desesperada porque era bem novinha para engravidar tinha apenas 13 anos ficou sem entender o por que disso.

Então surgiu uma pessoa e disse:

- E agora acredita que eu existo?!

disse o vampiro.

- Por que fez isto? Disse a menina.

- Agora já sabe do que sou capaz!

O vampiro vai para cima dela e chupa todo o seu sangue. Ela vai para o hospital mas infelizmente é tarde demais. Ela faleceu e ninguém nunca soube de sua morte e o casal de vampiros viveu sua vida como humanos.

Módulo I – Proposta de produção de um conto

VI Etapa

Grupo participante

Ryan, Lury, Jorui

Retextualização do texto literário

As atividades de leitura dos dois contos favoreceram a realização de atividades diferenciadas, ampliando os limites da leitura. Dessa maneira, chegou a hora de fechar a primeira etapa com o reconto, tendo como base os contos “Chapeuzinho Vermelho” e “Fita verde no cabelo: uma nova velha estória”. Lembrem-se dos aspectos estruturais do conto: introdução, desenvolvimento, complicação, clímax e desfecho e dos elementos constitutivos. Após a produção, vocês serão os avaliadores do reconto dos colegas. Após essa etapa, os contos serão expostos no mural da escola.

O lobo Alberto

Éra uma vez um lobo chamado Alberto. Ele morava em uma pequena casa do lado de um vilarejo. O lobo Alberto era divertido e engraçado e sua dona que chamava Joana ela sempre falava com o lobo Alberto:

- nunca, vá para o vilarejo, pois lá é perigoso. É tem muitos caçadores por lá. Mas o lobo Alberto era muito desobediente e ele tinha muita curiosidade sobre como era o vilarejo. Então ele resolveu desobedecer as ordens

de jeans e foi para o vilarejo. Então ele resolveu descobrir indo para o vilarejo. No caminho o caçador viu o lobo Alberto e disse:

- irei fazer uma armadilha para aquele lobo. O lobo Alberto ia sempre toda manhã para o vilarejo, e voltava à noite, sem a jeansa ver, ele ia sempre pelo mesmo caminho. Em uma manhã o lobo Alberto foi ao vilarejo novamente, quando de repente PUM ele caiu na armadilha que o caçador fez. O lobo arreutado disse:
- o que está acontecendo, o lobo Alberto falou arreutado.
- eu vou prender você e impedir você de matar, perseguir, disse o caçador rindo. O lobo Alberto

Tentou dizer que não lo atacar
ninguém, mas não deu certo,
deu certo, depois de muito tempo
o lobo Alberto teve a ideia de
enganar o caçador:

- Senhor caçador estou com
muita sede pode me dar água?
diz o lobo Alberto.

- Ok mas nada de tentar sair.
Quando o caçador abriu a
jaula para entregar a varinha com
água, o lobo Alberto saiu correndo
até a casa de Joana que é sua dona
o lobo Alberto prometeu a
Joana que nunca mais vai de ele-
decerla;

ANEXO 2. Lista de verificação

Módulo I – Proposta de revisão do conto

VII Etapa

Grupo participante Dayana, Sara, Franciele, Mayra, Renata, Evelyn *Grupo 4*

Grupo avaliador Professora Vildete *Grupo 3*

Lista de verificação

Pontos a serem observados	Sim	Não	Comentários
1- O conto apresenta um título adequado ao enredo?	X	X	
2- Há uma situação inicial?	X	X	
3- O reconto está escrito em prosa?	X		
4- Há um conflito/ complicação no conto?	X		
5- Há um clímax, ou seja, um ponto alto na história?		X	
6- O narrador conta e participa da história?		X	
7- O narrador conta e não participa da história?	X		
8- O uso das falas está bem marcado nesse texto?	X		
9- A pontuação está adequada?		X	
10- O conto se aproxima do conto de chapeuzinho vermelho		X	<i>Não, porque tem mais de um história do Chapeuzinho Vermelho</i>
11- O conto se aproxima do conto Fita verde no cabelo: uma nova velha estória?		X	
12- O texto distancia das duas versões?	X		
13- Há frases ou idéias repetidas ao longo do texto? Faça um x na linha onde essas ideias repetidas aparecem.	X		
14- Há alguma lacuna que não está clara para o leitor?	X		

Módulo I – Proposta de revisão do conto

VII Etapa

Grupo participante Grupo 2

Grupo avaliador Grupo 4

Lista de verificação

Pontos a serem observados	Sim	Não	Comentários
1- O conto apresenta um título adequado ao enredo?	X	X	
2- Há uma situação inicial?		X	
3- O reconto está escrito em prosa?	X		
4- Há um conflito/ complicação no conto?	X		
5- Há um clímax, ou seja, um ponto alto na história?		X	
6- O narrador conta e participa da história?		X	
7- O narrador conta e não participa da história?	X		
8- O uso das falas está bem marcado nesse texto?	X		
9- A pontuação está adequada?	X		
10- O conto se aproxima do conto de chapeuzinho vermelho		X	
11- O conto se aproxima do conto Fita verde no cabelo: uma nova velha estória?		X	
12- O texto distancia das duas versões?		X	
13- Há frases ou idéias repetidas ao longo do texto? Faça um x na linha onde essas ideias repetidas aparecem.		X	
14- Há alguma lacuna que não está clara para o leitor?		X	

Módulo I – Proposta de revisão do conto

VII Etapa

Grupo participante _____

Grupo 1

Grupo avaliador _____

Grupo 2

Lista de verificação

Pontos a serem observados	Sim	Não	Comentários
1- O conto apresenta um título adequado ao enredo?		X	
2- Há uma situação inicial?	X		
3- O reconto está escrito em prosa?	X		
4- Há um conflito/ complicação no conto?		+	
5- Há um clímax, ou seja, um ponto alto na história?		X	
6- O narrador conta e participa da história?		X	
7- O narrador conta e não participa da história?	X		
8- O uso das falas está bem marcado nesse texto?	X		
9- A pontuação está adequada?		X	
10- O conto se aproxima do conto de chapeuzinho vermelho		X	
11- O conto se aproxima do conto Fita verde no cabelo: uma nova velha estória?		X	
12- O texto distancia das duas versões?	X		
13- Há frases ou idéias repetidas ao longo do texto? Faça um x na linha onde essas ideias repetidas aparecem.	X		<i>no texto</i>
14- Há alguma lacuna que não está clara para o leitor?	X		

Módulo I – Proposta de revisão do conto

VII Etapa

Grupo participante Grupo 3

Grupo avaliador Grupo 1

Lista de verificação

Pontos a serem observados	Sim	Não	Comentários
1- O conto apresenta um título adequado ao enredo?	X		
2- Há uma situação inicial?	X		
3- O reconto está escrito em prosa?	X		
4- Há um conflito/ complicação no conto?	X		
5- Há um clímax, ou seja, um ponto alto na história?		X	
6- O narrador conta e participa da história?		X	
7- O narrador conta e não participa da história?	X		
8- O uso das falas está bem marcado nesse texto?	X		
9- A pontuação está adequada?	X		
10- O conto se aproxima do conto de chapeuzinho vermelho		X	
11- O conto se aproxima do conto Fita verde no cabelo: uma nova velha estória?		X	
12- O texto distancia das duas versões?	X		
13- Há frases ou idéias repetidas ao longo do texto? Faça um x na linha onde essas ideias repetidas aparecem.	X		
14- Há alguma lacuna que não está clara para o leitor?		X	

ANEXO 3. 3ª versão do reconto do primeiro módulo

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo I – Proposta de produção de um conto**8ª Etapa**Grupo participante Layana, Sara, Franciele, Evelyn, Renata, Mayra**RECONTO DO TEXTO LITERÁRIO**

O processo de escrita é um percurso de idas e vindas. Após a lista de verificação, faça as correções que julgarem necessárias.

A vovó e sua netinha
Era uma vez uma vovozinha que morava muito distante de sua netinha querida. Ela sentia muita falta de sua netinha. Em um certo dia ela recebeu um telefonema de sua neta, que disse:
-Vovó vou passar as férias de julho na sua casa.
Muito feliz a vovó foi ao mercado e comprou muitas guloseimas para sua neta, e fez doces, biscoitos, sucos, salgados para agradar a sua netinha. No dia seguinte a netinha chegou a casa da vovó, tocou a campainha e gritou:

- Vovó, abra a porta, sou eu, a sua netinha.

- Espere só um minuto minha netinha.

Enquanto sua netinha esperava, resolveu colher algumas maçãs em um pé ali perto mesmo. Até que de repente apareceu o lobo e pegou a cesta de chapeuzinho.

Foi então que a vovó abriu a porta ao ouvir o grito de sua netinha, perguntou:

- O que está acontecendo minha netinha?

- Vovó o lobo pegou a minha cestinha de maçãs que tinha colhido para a senhora. A vovó disse:

- Não precisa se preocupar minha netinha, podemos colher mais maçãs. Fica tranquila! E sua netinha ficou mais calma, até que a vovó disse:

- Fiz um presente para você minha netinha. Chapeuzinho perguntou:

- Sério vovó? O que é? A vovó disse:

- Vou lhe mostrar. A vovó deu uma capa vermelha para ela. A sua netinha disse:

- Muito obrigado vovó.

Então chapeuzinho foi tomar o seu banho para se preparar para o jantar, e enquanto chapeuzinho estava no banho a sua avó foi fazer o jantar com comidas deliciosas para agradar a sua netinha. Chapeuzinho saiu do banho e sentiu um cheirinho maravilhoso das comidas da avó. Sentou-se a mesa e comeu tudo que tinha direito. Escovou os dentes e foi dormir. No dia seguinte, no caminho de sua casa, chapeuzinho parou para olhar o pé de maçãs lindo em sua frente, e de repente o lobo apareceu por trás de chapeuzinho e arrancou sua capa. Chapeuzinho saiu desesperada para casa de sua avó bateu na porta e disse:

- Avó! avó! Socorro! O lobo pegou a minha capa!!!

Então, veio um caçador. A avó disse:

- Mate ele!

O caçador matou ele e a avó fez outra capa e chapeuzinho morou com sua avó.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo I – Proposta de produção de um conto

8ª Etapa

Grupo participante _____

RECONTO DO TEXTO LITERÁRIO

O processo de escrita é um percurso de idas e vindas. Após a lista de verificação, faça as correções que julgarem necessárias.

Os caçadores
<p> Era uma vez cinco caçadores que andavam pela floresta em busca de uma bela caça. Quando de repente, eles escutaram vindo do meio da floresta gritando socorro. Quando eles foram ver o que tinha acontecido, viram um lobo querendo comer uma me- nina. Os caçadores perguntaram e disse: chapeuzinho; disse os caçadores para que era a quida </p>

estinha?! para mim ha ~~uma~~,
ela está doente.

Alguns minutos depois, quan-
do ela chegou na casa da ~~noiva~~,
ela estava sem respiração
ela abriu a janela, mas não
ajudou; ela deu o último sus-
piro e morreu.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo I – Proposta de produção de um conto

8ª Etapa

Grupo participante _____

RECONTO DO TEXTO LITERÁRIO

O processo de escrita é um percurso de idas e vindas. Após a lista de verificação, faça as correções que julgarem necessárias.

Chapeuzinho Vermelho e a Branca

Em um bairro bem distante da cidade morava um menino de cabelos cacheados que tinha muitos amigos na escola. Essa menina se chamava Chapeuzinho Vermelho.

Chapeuzinho Vermelho morava com seu pai e estudava em uma escola simples, mas que tinha cuidado com a ensino para a aprendizagem das crianças.

Naquele dia a professora tinha conversado sobre o bullying com a turma. Ao sair da escola Chapeuzinho viu alguns alunos praticando

do o bullying com um aluno de 3^o ano e tudo isso por que ele tinha muitos pelos pelo corpo. A menina ficou mais triste e um garotinho gritou:

- Vêja só, parece o ~~cão~~ mau.

Chapeuzinho ficou indignada e disse:

- Não faça isso vou contar tudo para sua vizinha e correu até a casa de dona Branca que parecia que tinha um cacho de algas na cabeça. Chapeuzinho chegou e bateu na porta toc toc.

- Quem é?

- Sou eu a Chapeuzinho vermelho.

- Entre para a minha janta, pois estou com dor nas pernas.

Chapeuzinho Vermelho ficou triste como

daqueles falar no assunto. Olhei para ela e disse:

- Dona Branca, me desculpe mas temo que

falar: Sei muito esta praticando bullying

com um menino da escola. E dona Branca disse:

- Eu não mereço isso, E cáia para trás.

e deu seu último suspiro.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II- Proposta de produção de um conto

8ª etapa

Grupo participante O lobo Alberto

REESCRITA DO RECONTO

O processo de escrita é um percurso de idas e vindas. Após lista de verificação, faça as correções que julgarem necessárias.

Era uma vez um lobo chamado Alberto. Ele morava em uma pequena ao lado de um vilarejo. O lobo Alberto era divertido e engraçado. Sua dona que se chamava Joana, sempre falava com o lobo Alberto:

- Nunca vá para o vilarejo, pois lá é perigoso. E têm muitos caçadores por lá. Mas o lobo Alberto era desobediente e tinha muita curiosidade de ver ~~como~~ como era o vilarejo. Então ele resolveu desobedecer às ordens

de forma e foi para o vilarejo. No caminho, o caçador viu o lobo Alberto e disse:

- Irei fazer uma armadilha para aquele lobo.

O lobo Alberto ia sempre toda manhã pelo mesmo caminho. Em uma manhã, o lobo Alberto foi ao vilarejo novamente. Quando de repente, bruummmmm. Ele caiu na armadilha que o caçador fez. O lobo assustado disse:

- O que aconteceu?

- Eu vou prender você e impedir você de matar pessoas, disse o caçador rindo.

O lobo Alberto tentou dizer que não ia atacar ninguém, mas não deu certo. Depois de muito tempo, o lobo Alberto teve a ideia de enganar o caçador:

- Senhor caçador, estou com muita sede,
pode me dar um pouco de água?

Quando o caçador abriu a ~~porta~~ jaula,
para entregar a ninhada com água, o lobo
Alberto saiu correndo até a casa. O lobo
Alberto prometeu a fêmea que nunca
mais irá desobedecer a suas ordens.

ANEXO 4. 2ª versão do reconto do segundo módulo

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de reescrita do reconto

Grupo participante Josue, Ezequiel, Reinaldo

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do reconto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

As viagens do menino

Esta é a história.

De sorte, que de novo, o menino viajou para um lugar onde se construía a cidade. Era uma viagem inventada no feliz.

Na primeira viagem, a mãe e o pai tinham traze-lo que aeroporto. A tia e o tio tomaram conta dele, justinhamente seria-se, saudando-se, todos se curciam e falavam, davam-lhe beijos, chudes, a escudha.

Solicitou de bem-humorado, o tio ensinava-lhe como era reclinar-se e assento - bastando a gente porem manivelas, seu lugar era o da janelinha para o mundo. Todos os dias, o menino

passava como Tio. À noite, ele saía para ver a lua e foi numa noite de lua cheia que ele viu uma luzinha, verde, mesmo da mata, o primeiro saguão, sim, era linda! - tão pequenina, no ar, um instante só, alto distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria, que não durou muito por causa da doença da mãe.

O menino não pôde parar de chorar. O tio veio chegando perenturo e perenturo, onde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O tio entregou telegrama, a mãe estava curada. O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentiu: para fora do caos pro-inicial. Era, momentaneamente, a alegria, parecia a vida as vezes de fechados enigmas e sorrisos. Era, outra vez em quando, a alegria.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de reescrita do reconto

Grupo participante Sara

Grupo avaliador: Veldete

T₂

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do reconto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

As margens próximas da abrigia
 - Era uma vez um menino que fa-
 zia uma viagem para onde se
 construía a grande cidade. Na
 primeira viagem, com os tios, o
 no foi pouco, mais de duas ho-
 ras. E as coisas vinham doce-
 mente de repente. O menino deba-
 cou-se, fartamente, sobre os
 joelhos e espina: as muralhas
 de amontoadas, de azul de
 car, aquele claridade a largar

chão em visão cartográfica
repartida de rochas e campos
o verde que se ia amarelá-
do e o melhados, e além
largos. O chão além a linha
da montanha. — Nem tudo
era calma e ainda tinha
pome no almoço, tomava-se
cerveja e tia e tia em gembel-
ros na sala. Não se escutava
o galhardo valhar dele seu
gungulejo? e ele pensava no
peru, quando voltaram. So
um pouco para não gastar
faro de hora e, quase num
pulo, agemiu-se ainda que

restaurar, não poderia pensar
a trás. O porquê está na grande
pequena sa' e usa a raiz de
mil momentos naturalmente
trabalham fazendo a gran-
deidade.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II - Proposta de reescrita do reconto

T3

Grupo participante P3Grupo avaliador: P10

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do reconto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

<h2>Outra viagem</h2>
<p> Era outra vez. Um menino que morava com os tios, foi passar dias no lugar onde se construiu a maior cidade do mundo. Era uma viagem incrível e não feliz para ele. Sabia que sua mãe estava muito doente e por isso ele ^{sa} sa com seus tios, mas ele queria ficar cuidando dela. Então ele viajou em paz quando ele chegou. Ele foi comer algo, depois quando acabou de comer. </p>

Sau para passar.

Me lembro de qd era o amarelo do
tio, então ele foi dar uma volta na cidade.

Ao chegar não viu o peru. Nem nada espis.

Correndo em direção contrária. O mesmo. Sem saber

em nenhum país. Na ponta em melhor tempo

a. tá. tá. tá. tá. tá.

nen de esse mundo tudo de. transtornado

então em sua cabeça. Era assim alguma

coisa, mais que todo, pelo seu amigo

naquela viagem inventado.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de reescrita do conto

D4

Grupo participante Ryan

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do conto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

<p><u>Outro era a vez</u> Era história, novamente em uma viagem de ida e volta, o menino e o tio dentro de um belo avião, que estava a voar em direção a uma cidade inventada no céu, onde se muitas mil pessoas trabalhavam em um local de sonho.</p> <p>O menino ao percebendo ao pouso que o intuito da viagem era apartá-lo de sua mãe doente, mas o tio cobriu a porta de</p>

regredo. O menino arteiro teve
tudo de uma vez. O olho do meni-
no começou a lacrimejar.

Do chegar ao destino, o tio
tentou deixá-lo alegre ma-
por dentro do coração, no que
raior, ralis e achava; que
a gente nunca podia precisar
direto, mesmo, as coisas bonitas
ou boas que aconteceriam. O
menino só tinha curiosidade, até
que escutou um gurgulejo
e era um ranho de peru. O
menino da tristeza e alegria
dourou pouco. Desempoi-se
muito ao pouco.

Depois, o menino foi em uma
parreio com o tio visitar onde
havia a grande cidade que
seria a capital do Brasil, mas
ao voltar para o jantar, tinha
um peru arado ao forno. O menino
não tinha percebido que o peru do
jantar, tinha lhe dado luz e
alegria, não quis acreditar,
mas ao voltar para o local onde
o peru se encontrava ele não estava
lá. A alegria do menino voltou a
escurecer, mas quando não havia
nenhuma esperança apareceu iluminado
vagamente, que alegria novamente a
vida do menino, era outra vez em quando, a alegria.

~~#770~~ Título o menino e a cidade
em construção

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

15

Módulo II – Proposta de reescrita do reconto

Grupo participante Jonathan Mello Rodrigues de Morat

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do reconto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

Essa é a história de um menino que passava
vários dias no lugar onde se construiu uma
grande cidade. Esse menino passava vigiando
nessa cidade em construção dia e
noite. Ele ficou triste com a destruição
das florestas para construção da cidade
e também ficou decepcionado com
a morte do rei. Belo e belo tinha qualquer
coisa de calor, poder e flor um
bordamento. Sua riqueza grandeza tornava-
rante e o menino nunca mais esquece-
u esse rei. De sorte apareceram outros

peru não era bonita como outro. Até um dia o menino recebe um telegrama falando que sua mãe estava fora do perigo e em voa e pouso, a mãe estava curada por agora, sem fim e sempre.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de produção de um reconto baseado nos contos “As Margens da Alegria e Os cimos”

Grupo participante

Franciely e Mayra

RECONTO DO TEXTO LITERÁRIO

D₆

Caros alunos,

A tarefa de vocês é recontar a história, baseados nos dois contos lidos e analisados nas etapas anteriores. A parceria em dupla ou trio visa uma produção coletiva em que uns ajudem aos outros acrescentando informações para detalhar a história, enriquecer o enredo e aproximar dos contos estudados.

O menino
Ia um menino viajar com os tios para uma cidade muito feliz e bem grande onde muitas pessoas constroem a grande cidade.
Chegando lá, o menino encontrou o pai que virou o seu melhor amigo e animal de estimação.
Andando pela sua casa repente, em uma árvore, apareceu um leão tuco onde o menino também muito admirado com a

muito admirado.

na casa onde se hospedava também ele tinha um peru. O garoto gostava muito desse peru. Mas o menino mal sabia que aquele peru iria morrer.

Então o garoto, se apegou um pouco a aquele garoto, quando um dia o peru morreu e o garoto ficou muito triste, Depois de um tempo ele viu novamente um novo peru. E ficou bem surpreso.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

T₄

Módulo II – Proposta de reescrita do conto

Grupo participante MANU, YURI, GLEICE

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do conto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

Um menino que morava com os tios,
foi convidado passar dias no lugar
onde se construiu a grande cidade.
Era uma viagem enfeitada no feliz
para ele, produzia-se em caso de
sonho. Saíram naquele dia com o
escuro e o ar fino cheiro desconhecido.
A mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto.
A tia e o tio tomaram conta dele. O avião
de 1ª classe da companhia especial, de quatro
lugares, foi contratado pelo tio e tia. Quando
o avião levantou voo, ele ficou impressionado.

por dentro do avião tinha video games, mú-
 sicas e várias coisas para passar o tempo.
 Não demoraria duas ou três horas.
 Quando finalmente, o avião chegou, o lugar era
 lindo, cheio de ar puro e animado. E as coisas
 vinham docemente de repente, seguindo harmonias
 prévias do olhar e os curvados do menino, segue
 harmonia praia lençóis, em movimento con-
 cordante; as satisfações antes da consciência das
 necessidades. Na nova viagem, davam-lhe
 bolos, chicletes... a escada.

II

Tudo era uma vez, apesar da doença da
 mãe, muitas coisas chamavam atenção
 do menino, sabia no fundo, ia ficar bem. As
 vezes, ficavam um pouco preocupado, mas

ao mesmo tempo muitas novidades aconte-
 ciam. Foi no momento de calma que
 apareceu o vagalume. Diminuiu o vagalume,
 diminuiu era linda! - tão pequenino, no ar,
 um estante só, alto, distante, inabundante.
 E para aumentar a sua alegria, o
 tio chegou com um telegrama falando
 que a mãe estava fora de perigo.

III

O menino sorriu do que sorriu,
 conforme de repente se sentiu para
 fora do caos pré-inicial. Feito o desem-
 globar-se de uma nebulosa, a mãe
 estava lá, salva, sorridente. Sorria fe-
 chado: sorriso enigmas, seus. E nasceu
 a vida.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de produção de um reconto baseado nos contos “As Margens da Alegria e Os cimos”

Grupo participante Julia Ferreira, Leticia Edwards. ^{Do}

RECONTO DO TEXTO LITERÁRIO

Caros alunos,

A tarefa de vocês é recontar a história, baseados nos dois contos lidos e analisados nas etapas anteriores. A parceria em dupla ou trio visa uma produção coletiva em que uns ajudem aos outros acrescentando informações para detalhar a história, enriquecer o enredo e aproximar dos contos estudados.

"Esta é a história."
<p>¶ Lá um menino, com os tíos, passou dias no lugar onde se construiu a grande cidade. Era uma viagem ramhada no feliz (...)</p>
<p>• O menino viajou em um avião de quatro lugares até em destino a uma cidade que seria a mais levantada do mundo.</p>
<p>¶ Lá passar dias, e não ia ser pouco mais de duas horas. Durante esses dias,</p>

O menino ficou muito triste com a notícia, que a sua mãe estava doente, em cada um tanto, ao como se fosse no uma parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer.

Pudesse se mexer e ver os doentes, havia de ser mais um grande motivo desse mundo.

O menino cobria a maior medida, a medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se encarasse pensamentos na lembrança da mãe, iria chorar.

• Ao passar do tempo, sua mãe foi melhorando. Entretanto, o tio recebeu um telegrama não podia deixar de mostrar. Era hora de voltar para casa.

O menino não quis entender nenhum

peço. Dentro de que era, disse, redirei
 que a mãe nem nunca tinha estado
 denti, era melhor, vier dias quadri-
 culados. A mãe estava curada, sa e saha.

Agora era o esquecimento de esqueci-
 to, a calma, exclusiva. Ilirou um
 mem nada, como a galha se desfog,
 e, no comum, na gente mais cali-
 paisagem, e tudo, fora das maldades.
 Era, outras vezes em quando, a alegria

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de reescrita do conto

Grupo participante Gabriel Alves / Eduardo Meireles

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do conto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

Um menino ia viajar com seus tios e sua mãe. Ele tinha um problema sua mãe estava doente. Durante a viagem se sentia feliz e triste ao mesmo tempo. O menino se lembrava sem lembrança nenhuma. molhou todos os pestanas.

Eles ia viajar de avião para uma cidade que estava sendo construído, demorou umas duas horas pra chegar, e lá, do alto, ele viu passar e um tucano. Mas ele viu uma coisa que ele não podia ver

Estas 105 trinitas unipolares
 construídas em 1960, A. para a
 maior do campo, e a maioria
 - branco de pelúcia, a cabeça verde, atravessando
 a estrada. As pitangas e Seipingas e verde
 exemplos: o pinto branco. As placas em
 campos arredondados de canchão, o que
 tipo de que se chama "manjedora de perdas"
 o menino, sentia um inseto enorme.
 Nesse tempo, o menino saiu para o quintal
 e viu um peru com que se chama "estrela"
 satirizar a vida, e de se tornar um
 colérico, e a maioria, e a maioria, e a maioria
 o menino saiu com tudo o que se chama "estrela"
 só bis. viu, e a maioria para a maioria,
 quando ele viu, e a maioria para a maioria.

no fim do primeiro estudo, com cinco de meus
 tortão para os queridos não supanta estudos
 a. Era nos. coisas como. São, e como. sempre
 vão ficando mais pesadas, mais. seiva
 quando. olhar sem. presunção. tumba
 pe. dit. metidos, tem. a mãe na. m.
 mineração de doença? Como aquilo fora
 possível? Logo as lágrimas lhe saltaram.
 firmou a vista e viu ao sol no rena-
 scer e ao voo, ainda morto mais
 vivo, entoaente, e existente o tucano
 da primeira viagem-parada que
 não se achava do tucano que vem
 comer frutinhas na doitada copa
 nos altos vales de aurora, ali junto
 da casa. teve certeza que a mãe
 estava só, sarada
 E vinha novamente a alegria e vinha a vida

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Módulo II – Proposta de reescrita do conto

Grupo participante Lais, Mayra, Marid.

T
10

Grupo avaliador: _____

REESCRITA DO RECONTO

As leituras nos permitiram uma análise do conto do colega. Agora ao receber a de vocês, façam as correções que julgarem coerentes.

As margens das viagens
Ia um menino fazer uma viagem
com seus pais em uma cidade
que estava sendo construída,
ela ficaria pronta por demora-
dos dias ao
A mãe vivia com seu filho
em uma alegria, à direita do
céu do oeste na extrema do horizon-
te.
O menino deixava-se, fartamente,
sobre os joelhos e espiava

As nuvens de amontada
amabilidade, o Azul de só ar,
aquele claridade à larga,
no céu pleno em visão carto-
gráfica, repartido de roças e
campos o Verde que se ia a
conceitos e Vermelhos e a
Pardo e a Verde, e, além,
baixa a montanha. Foi nesta
~~baixa~~ Paisagem que ele avis-
ava o Peru.
Era muito colorido e bem bonito.
Tinha qualquer coisa de calor, poder
e flor, em transbordamento. Mas
grande foi a surpresa ao vê-lo
servido no Jantar.

Parava tão de repente?

Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado o peru - aquele. O ~~peru~~ seu desapareceu no espaço. Só no grão nuho de um minuto, o menino recebia em si um milagrama de morte. Na outra viagem, olhou o céu e o menino estava muito dentro de si mesmo em algum cantinho. Sua cabeça estava à mil, estava pensando na doença de sua mãe. Peitada, o menino se sentia sustoso, corações dando muita pancada. A mãe disso e não podia logo dormir, e

rela dita causa, a noite - tudo
caminhava devagar para o outro
dia.

No quarto dia, chegou um tele-
grama. O tio sorriu, felizíssimo.

A mãe estava bem, fora de perigo.

No dia seguinte - depois do entar-
decer do sol voltaram para casa
só aquilo. Só tudo:

- chegamos, o tio falou.

E o menino sorriu ao que sorriu:

Sorrisos enigmas, seus & volta a vida.

ANEXO 5 . Lista de constatação do reconto em dupla pauta

Josue T
1

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	<i>as viagens do menino</i>
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	<i>O menino, o peru, o tio o vagalume e o tio as viagens do menino</i>
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	<i>desnarrador</i>
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	<i>Cidade inventada terra aeroporto</i>
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	<i>desnarrador primeira viagem dias noite luz</i>
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	<i>triste, alegria, feliz</i>
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	<i>era outra vez em quando, a alegria</i>

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	<i>Outra era a vez</i>
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	<i>o menino, vagalume o tio, a mãe doente trabalhadores peru</i>
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	<i>observador</i>
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	<i>avião cidade do sonho terra</i>
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	<i>manhãzinha noite</i>
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	<i>triste alegre aliviado decepcionado</i>
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	<i>alegre novamente a vida do menino era outra vez em quando alegre</i>

I 5

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	O menino e a cidade em construção
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	O menino e o tucano
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	observador
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	cidade
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	dias e noite
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	triste decepcionado
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	essa e a história

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	<i>o menino</i>
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	(x) menino (x) tios (x) peru
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	<i>observador</i>
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) cidade em construção (x) terra
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	(x) mesmos dias (x) mesma hora (x) todos os dias
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	(x) feliz (x) admirado (x) desolado
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	<i>Depois de um tempo, ele viu novamente um novo peru. E ficou bem surpreso.</i>

D
9

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimos	O menino da cidade
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	O menino, os tioja mãe, o bent o tucano e o tucano, e o peru também pra esp
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	observativo
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	avião, terra e a cidade inventada
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	demorados dias noite, dia
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	triste, distração aliviada
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	Sorria, Fechado: Sorria sos e enigmas, seus e vinha a vida.

Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira

Título do autor	Título do autor	Título dos alunos
As margens da alegria	Os cimicos	As Margens da Alegria
Personagens do conto.	Personagens do conto	Personagens do conto
(x) tio e tia (x) peru (x) peru substituto (x) trabalhadores (x) vagalume	(x) o menino (x) o tio (x) a mãe doente (x) o tucano	O Menino a Mãe os Tios
Narrador	Narrador	Narrador
observador	observador	Observador
Espaço	Espaço	Espaço
(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	(x) avião (x) terra (x) cidade inventada	avião terra cidade inventada
Tempo Cronológico	Tempo Cronológico	Tempo Cronológico
(x) dias (x) horas (x) noitinha	(x) demorados dias (x) noite (x) dia (x) manhãzinha	dias demorados
Tempo Psicológico	Tempo Psicológico	Tempo Psicológico
(x) exultante (x) decepcionado (x) surpreso com o peru substituto (x) feliz	(x) triste (x) choro (x) distração (x) zangado (x) aliviado	triste
Desfecho	Desfecho	Desfecho
Era, outra vez em quando, a alegria.	“ Sorria, fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida	E o Menino